



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

OS MANUAIS DE INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E
BRITÂNICOS NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-
1945)

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**OS MANUAIS DE INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E
BRITÂNICOS NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-
1945)**

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Costa, Anailza Guimarães

C837m Os manuais de instruções para soldados americanos e britânicos na II guerra mundial: uma análise comparativa (1942-1945) / Anailza Guimarães Costa; orientador Dilton Cândido Santos Maynard. – São Cristóvão, 2018.

89 f.: il.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

1. Educação. 2. Guerra mundial (1939-1945) - História. 3. Soldados - Americanos - Manuais para oficiais. 4. Soldados - Britânicos - Manuais para oficiais. I. Maynard, Dilton Cândido Santos, orient. II. Título.

CDU 37:94(100)“1939/1945”



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**



ANAILZA GUIMARÃES COSTA

**OS MANUAIS DE INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E
BRITÂNICOS NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-
1945)**

APROVADA EM: ____/____/____

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal de Sergipe e
aprovada pela Banca Examinadora.

Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFS)

Prof. Dr. Itamar Freitas de Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof.^a Dr.^a Andreza Santos Cruz Maynard
Universidade Federal de Sergipe/ UFS

Prof.^a Dr.^a Ester Fraga Vilas Boas Carvalho do Nascimento
Universidade Tiradentes /UNIT

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2018**

AGRADECIMENTOS

É com imensa alegria que quero agradecer a todos que contribuíram para a realização dessa conquista. Primeiramente, sou grata aos meus pais, Abel e Cosmira, por serem os responsáveis por me ensinarem valores, como a honestidade, respeito e responsabilidade. Agradeço, sobretudo, a minha mãe, que na falta do meu pai, me deu os suportes necessários para que eu chegasse até aqui, mostrando através do seu exemplo a necessidade de ter força e persistência, mesmo diante de obstáculos. Aos meus tios, Vânio e Marta, que sempre me incentivaram e me apoiaram em todas as decisões.

Aos meus amigos queridos, pelos incentivos, confiança e conselhos. Dentre esses, sou imensamente grata a Diego que desde o momento da seleção foi um grande suporte, discutindo o projeto comigo, que literalmente correu nos últimos minutos do prazo para conseguir fazer minha inscrição no mestrado e que por tantas vezes, com seu lindo coração, parou para ler meu texto e fazer sugestões. Sem ele com certeza isso aqui não seria possível. Minha gratidão também vai para Marina, Livia, Isis, Gutemberg, Helena, Raul, Viviane, Roberta, Jéssica, Carol (minha tradutora) e Julia, que passou noites comigo ouvindo sobre meu tema, dando sugestões em pleno carnaval. Obrigada a todos vocês, que contribuíram para que eu alcançasse esta vitória.

Agradecimentos especiais ao meu orientador, Prof. Dr. Dilton Maynard, pelos sete anos de orientação e aprendizado. Desde a escola sempre quis pesquisar sobre a II Guerra Mundial e a partir do terceiro período da graduação ele me proporcionou essa oportunidade. Desde então construí uma trajetória acadêmica de desafios, crescimento e muito amadurecimento. Admiro a seu sucesso, sua competência e não tenho dúvidas que é uma fonte de inspiração profissional para todos que assim como eu puderam aprender com seus ensinamentos.

Agradeço a turma de 2016 do mestrado em Educação, tão unida e incentivadora. Vocês foram e serão a melhor turma de todos os tempos! Não tenho dúvidas que fiz grandes amizades. Desses, minha gratidão a Thatiana, Isabel, Cláudia, Kawanny, Joselma, Ana Cláudia, Larissa, Mariana, Adriana Mendonça e Viviane. Além desses, meu obrigada ao Grupo de Estudos do Tempo Presente (UFS), pelas trocas, aprendizado e parcerias.

Agradecimentos especiais aos membros da banca de defesa, Dr. Itamar Freitas, Dra. Ester Nascimento e Dra. Andreza Maynard. Profa. Ester, me senti honrada com suas palavras

na defesa, com o cuidado com meu trabalho e os incentivos, muito obrigada! Profa. Andreza, suas colocações desde a qualificação foram essenciais para esse trabalho ser concluído. Agradeço pela leitura atenta e crítica. Sou sua admiradora e é uma fonte de inspiração para mim. Além desses professores, agradecimentos especiais ao prof. Dr. Cesar Campiani Maximiano. Muito obrigada pelo ser humano que foi comigo, ajudando alguém que nem conhecia, pelas indicações, por ter sido tão solícito e compartilhado seu conhecimento.

Por fim, meu agradecimento a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior), por ter proporcionado o financiamento dessa pesquisa durante os dois anos e possibilitado com que eu me dedicasse aos estudos.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar, em perspectiva comparada, manuais de instruções produzidos pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha na Segunda Guerra Mundial. Analisamos o *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)*, *Instructions for British Servicemen in France (1944)* e o *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)*. Também, buscamos fazer um contraponto dessas análises com o folheto *112 Gripes about the French (1945)*, cujo objetivo foi elencar queixas de comportamentos dos americanos em relação aos franceses e dar possíveis soluções. O primeiro manual que foi produzido em 1942, teve a função de instruir os soldados americanos enviados para lutar na Grã-Bretanha. O segundo, para orientar os combatentes britânicos que se dirigiram à França em 1944. O terceiro, também produzido em 1944, teve como objetivo indicar aos americanos o comportamento diante dos franceses. A partir disso, foi possível identificarmos estes manuais dentro de um projeto de formação militar, pensado pelos Estados americano e britânico a fim de instruírem os soldados sobre o comportamento frente ao habitante local. Como referencial teórico, utilizamos Norbert Elias, na teoria do Processo Civilizador, em que o autor analisa a história dos costumes a partir da formação do Estado Moderno. Assim, observamos que além do combatente eficiente militarmente, os Estados tentaram formar o soldado cidadão cosmopolita, aquele que deveria representar a imagem de sua pátria e projetar um comportamento para se inserir na cultura do aliado.

Palavras-chave: II Guerra. Instruções. Manuais. Soldados.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze, in a comparative perspective, instructions guides produced by United States and Great Britain in the Second World War. We analyzed the *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)*, *Instructions for British Servicemen in France (1944)*, and *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)*. We also sought to make a counterpoint of these analyses with the leaflet *112 Gripes about the French (1945)*, whose objective was to list Americans gripes about the French behavior and provide possible solutions. The first manual, produced in 1942, had the function of instructing the American soldiers sent to fight in Great Britain. The second, to guide British fighters who were going to France in 1944. The third, also produced in 1944, had as an objective to indicate to the Americans the behavior before the French. From this, it was possible to identify those guides as part of a military formation project conceived by the American and British states in order to instruct the soldiers concerning to the behavior before the local inhabitant. As a theoretical reference, we use Norbert Elias' theory of the Civilizing Process, in which the author analyzes the history of customs from the formation of the Modern National State. Therefore, we observed that besides the militarily efficient combatant, the states tried to form the cosmopolitan-citizen soldier, who should represent the image of his homeland and project a behavior in order to insert himself into the allied culture

KEY WORDS: Second World War. Instructions. Guides. Soldiers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Cartaz da mulher americana orgulhosa por fazer a vontade do marido participando da guerra.....	23
Figura 2 – Cartaz “Nós podemos fazer isso”.....	24
Figura 3 – Cartaz “Os soldados britânicos não podem continuar sem nós”.....	25
Figura 4 – Cartaz “Eu quero você para o exército dos EUA”.....	26
Figura 5 – Manual Instruções para Soldados Americanos na França.....	34
Figura 6 – Manual Instruções para Soldados Americanos na Grã-Bretanha.....	35
Figura 7 – Manual Instruções para Soldados Britânicos na França.....	36
Figura 8 – Manual 112 queixas.....	38
Figura 9 – A recepção francesa.....	47
Figura 10 – Os franceses e alemães.....	79

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	10
1.1- REVISÃO DE LITERATURA.....	13
1.2 – A ORGANIZAÇÃO DO TEXTO.....	18
2 – OS MANUAIS COMO RESULTADO DE UMA GUERRA DE IDEIAS.....	20
2.1 – O QUE É UM MANUAL?.....	30
2.2- OS MANUAIS NORTE-AMERICANO E BRITÂNICO E SUAS FORMAS.....	32
3- A EDUCAÇÃO DO “SOLDADO CIDADÃO”.....	39
3.1– A EDUCAÇÃO DO “SOLDADO CIDADÃO” NORTE-AMERICANO.....	41
3.2 - A EDUCAÇÃO DO “SOLDADO CIDADÃO” BRITÂNICO.....	51
3.3 – COMPARAÇÕES ENTRE OS FOLHETOS.....	59
4 - OS MANUAIS COMO SUPORTES PEDAGÓGICOS.....	62
4.1 – OS MANUAIS COMO ARTIFÍCIO DE CONTROLE.....	63
4.2 - O MANUAL <i>112 ABOUT THE FRENCH</i>: NOVAS ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS.....	68
CONCLUSÃO.....	83
REFERÊNCIAS.....	86
A) FONTES.....	88
B) LIVROS E ARTIGOS.....	88

1- INTRODUÇÃO¹

O objetivo deste trabalho foi analisar, em perspectiva comparada, manuais de instruções produzidos pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha na Segunda Guerra Mundial, que tiveram como finalidade orientar os soldados sobre como deveriam se comportar frente ao habitante local. O primeiro manual, *Instructions for American Servicemen in Britain* foi produzido em 1942 a fim de instruir os soldados americanos enviados para lutar na Grã-Bretanha. O segundo, *Instructions for British Servicemen in France* de 1944, teve o propósito de orientar os soldados britânicos para ajudar na desocupação da França, invadida pelos alemães. Já o terceiro, *Instructions for American Servicemen in France During World War II*, também de 1944, teve a intenção de instruir os soldados americanos também enviados para França.

Além dessas documentações, buscamos analisar o manual² *112 Gripes about the French* produzido em 1945, que contém reclamações dos soldados americanos em relação aos franceses, trazendo respostas ou possíveis soluções. A partir disso, observamos este manual como um contraponto do *Instructions for American Servicemen in France* produzido um ano antes, em 1944, e pudemos analisá-lo como mais um suporte pedagógico, sendo um reforço de orientações já dadas aos soldados americanos com novas estratégias educacionais.

Acreditamos que a partir destas análises, foi possível identificarmos estes folhetos como instrumentos educacionais para um projeto de formação militar pensado pelos Estados americano e britânico a fim de moldar o comportamento dos combatentes de acordo com as idealizações dos Estados Unidos e Grã-Bretanha. Além dos manuais, utilizamos imagens, bibliografias, filmes e séries de TV na discussão sobre o assunto.

Este trabalho fez parte de uma série de pesquisas sobre Segunda Guerra Mundial, produzidas pelo Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/CNPq) da Universidade Federal de Sergipe, coordenado pelo Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard. Desde a graduação em História, participo do GET, como costumamos chamar, e sempre pesquisei temas ligados a Segunda Guerra Mundial.

¹ As traduções dos manuais *Instructions for American Servicemen in France During World War II* (1944) e *112 Gripes about the French* foram de Caroline Aciole oliveira Andrande. Já os outros, o *Instructions for American Servicemen in Britain* (1942) e *Instructions for British Servicemen in France* (1944) foram tradução livre da autora.

² Além do termo manual, utilizaremos “folhetos” e “livretos”, que quer dizer obra impressa de poucas folhas, geralmente em formato de capa-brochura.

Por meio desta trajetória surgiu a vontade de continuar pesquisando a temática no mestrado. Isto se tornou possível por meio de uma conversa com o professor Dilton Maynard, que me apresentou os manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* e *Instructions for British Servicemen in France (1944)*, adquiridos junto ao *Imperial War Museum* da Inglaterra.

Durante o período de pesquisa, percebemos que além desses, Grã-Bretanha e Estados Unidos produziram mais folhetos de instruções para seus soldados e que os selecionados para análise nesta dissertação, fazem parte de uma série de vários manuais, elaborados para cada nação em que os norte-americanos e britânicos foram. Porém, pela proximidade dos países, resolvemos focar em três (*Instructions for American Servicemen in Britain (1942)*, *Instructions for British Servicemen in France (1944)* e *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)*) e incluir o *112 Gripes about the French (1945)*.

A ideia de trabalhá-los do ponto de vista educacional veio da possibilidade de analisar como os Estados norte-americano e britânico através dos folhetos, pensaram o comportamento destes soldados. O Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, por meio da linha “História, Sociedade e Pensamento Educacional” oportunizou a análise dos manuais para além da História, como ferramentas para um projeto de formação militar. Levamos em consideração a educação como um campo mais amplo que implica a inserção de indivíduos e grupos em processos sociais além do universo escolar (QUITZAU; SOARES, 2016).

Dessa forma, analisamos os manuais como resultados de um conflito que foi para além da criação de novas armas com capacidade de destruição total, que se estruturou para fora dos campos de batalha, que teve extrema capacidade de mobilização material, com a característica da grande crueldade e da submissão absoluta do adversário, ou seja, o inimigo deveria ser rendido e combatido até o final (TOTA, 2011). Foi com essa prerrogativa, que tivemos um verdadeiro esforço de guerra, que explorou todos os campos, inclusive as ideias.

Os países envolvidos utilizaram o rádio, música, cartazes e o cinema. Os Estados Unidos criou personagens da *Disney*, como o *Pato Donald* e o *Zé carioca* em prol dos interesses norte-americanos de aproximar países na luta contra o Eixo³. Os estadunidenses contaram com editoras para se especializarem em publicar livros para os soldados no *front*, como a *Armed*

³ Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), foram formados dois grupos: os Aliados, compostos inicialmente pela Grã-Bretanha, União Soviética e França. Porém, após o ataque a base americana em Pearl Harbor em 1941, com a França já ocupada pelos alemães desde 1940, os Estados Unidos entraram na guerra, formando a Grande Aliança. O outro grupo, o Eixo, foi composto por Alemanha, Itália e Japão (TOTA, 2011).

Services Editions. Cartazes mobilizavam mulheres, jovens e recrutavam soldados e trabalhadores.

Assim, foram observados que as ideias difundidas através da propaganda, assim como as armas e táticas militares, tiveram um papel de destaque na Segunda Guerra Mundial, ao criarem verdadeiras estruturas de combate ao inimigo. Em relação aos livros, Molly Guptill Manning (2015, p.12), diz que não se destinavam apenas para diversão, “também serviam como a principal arma para enfrentar a Guerra de ideias contra Hitler”.

Dentro desse esforço de guerra, surgiram os manuais de comportamento *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)*, *Instructions for British Servicemen in France (1944)*, o *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)* e o *112 Gripes about the French (1945)*, fornecidos aos soldados americanos e britânicos na Segunda Guerra Mundial. Trabalhamos com cópias fac-similares, as duas primeiras, como já dito, adquiridas no *Imperial War Museum* da Inglaterra e as duas últimas, junto a livrarias dos Estados Unidos.

O fato de trabalharmos com cópias fac-similares, em nada tira a capacidade de aplicarmos o método da análise histórica, pois, “a autenticidade ou não, de um documento nada exprime sobre seu sentido” (PROST, 2014, p. 58). O que vai dar sentido ao documento são os fatos apresentados pelo historiador que podem ser construídos, pois, em sua maioria, os documentos não nos contam o que realmente aconteceu, mas cabe ao historiador selecionar, interpretar e muitas vezes construir estes fatos, desde que comprovemos nossas ideias na própria fonte e com documentações auxiliares. Um método para alcançarmos esse objetivo é o da crítica história, que nada mais é que o questionamento do historiador em relação as suas fontes.

Conforme diz Antoine Prost (2014, p.75), “não existem fatos, nem história, sem um questionamento”. Partindo desse pressuposto, nessa pesquisa, procuramos responder as questões norteadoras: Qual a intenção e por que os Estados britânico e norte-americano criaram manuais de instruções comportamentais para os soldados? Que tipo de soldado estava sendo educado naquele contexto? Quais as estratégias educacionais utilizadas pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha para a educação do soldado nos manuais? Qual a imagem que os Estados Unidos e Grã-Bretanha reproduziram de si mesmos e do seu aliado? Quais as semelhanças, diferenças e influências mútuas entre os manuais?

Para análise desses folhetos, utilizamos o método da História Comparada. Temos sociedades diferentes, Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, com algumas analogias e próximas no tempo (1942-1945). Neste trabalho identificamos as semelhanças e também as diferenças nos manuais, pois, “sem analogias, e sem diferenças, não é possível se falar em uma autêntica História Comparada” (BARROS, 2007, p.11).

Segundo Neyde Theml e Regina Maria Bustamante (2007, p. 02), “o conhecimento dos fenômenos sociais amplia-se com o diálogo e a comparação dos resultados de pesquisa”. O uso da História Comparada possibilitou enxergar novos problemas e encontrar respostas que talvez de outro modo não conseguíssemos, visto que, ela obriga o pesquisador a buscar mais de uma realidade de estudo, o que lhe dá uma ampliação da visão do seu campo de trabalho, o privilégio de trabalhar com diferentes aspectos econômicos, sociais de realidades diferentes e possibilita-nos um maior entendimento da problemática através da confrontação de realidades distintas.

Nesta pesquisa usamos Marc Bloch como principal aporte metodológico. Bloch foi um dos pioneiros e um dos principais defensores da abordagem comparada e fez críticas aos historiadores que se dedicavam exclusivamente à história nacional. Para Bloch (1992), estes mantinham um diálogo de surdos, pois, migravam de uma história nacional para outra sem que se ouvissem mutuamente.

Bloch (1992) ainda definiu dois tipos possíveis de comparação: 1) Aquela que apresenta similaridades entre os fatos observados, ou seja, estudar sociedades separadas no tempo e no espaço por distâncias; 2) Estudar sociedades às vezes vizinhas e contemporâneas, constantemente influenciadas umas pelas outras. Detivemos nossas análises neste segundo tipo de comparação, escolhemos sociedades próximas, Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, num mesmo contexto histórico, a Segunda Guerra Mundial.

Nessa perspectiva, utilizamos a História Comparada Problema, defendida por Marc Bloch. Temos um problema comum, como os Estados norte-americano e britânico pensaram um projeto de formação militar, perpassado em mais de uma realidade de estudo, ou seja, diferentes países. Assim, procuramos aplicar a História Comparada Problema, observando as singularidades e as possíveis influências de um manual sob o outro.

Nossos passos foram: a) conhecer os manuais em sua totalidade, observando o conteúdo e as características físicas de cada um; b) analisar as estratégias educacionais pensadas pelos Estados americano e britânico, observando suas diferenças e semelhanças; c) examinar a importância dos manuais como suportes pedagógicos; d) analisar quais imagens os britânicos e americanos almejavam transmitir ao seu aliado na guerra; d) observar as influências mútuas entre os manuais.

1.1 - REVISÃO DE LITERATURA

Uma das justificativas para realização dessa pesquisa é a lacuna dentro da historiografia e dentro da educação, no âmbito nacional, de trabalhos que tratem especificamente sobre os

manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* e o *Instructions for British Servicemen in France (1944)*, o *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)* e o *112 Gripes about the French (1945)*. Em uma pesquisa feita no banco de dissertações e teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), não encontramos estudos que analisem essas documentações.

O único trabalho dentro da historiografia nacional que utilizou dois desses manuais (*Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* e o *Instructions for British Servicemen in France (1944)*) até o momento de escrita desse texto, foi a dissertação defendida em 2017 por Raquel Anne Lima de Assis. Com o título *Inteligência, sabotagem, resistência: História Comparada dos serviços de espionagem norte-americano e britânico na segunda guerra mundial (1939-1945)*, a autora analisou, em perspectiva comparada, a ação das principais instituições governamentais dedicadas a serviços de inteligência e espionagem entre 1939 e 1945, durante a II Guerra Mundial.

Assis estudou duas agências britânicas, a *Special Operations Executive (SOE)* e a *Secret Intelligence Service (SIS)*, e uma americana, a *Office of Strategic Services (OSS)*. A autora também utilizou os manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)*, *Instructions for British Servicemen in France (1944)* para mostrar que eles foram reflexos de uma política de alianças e fortalecimento de parcerias entre os Aliados. O trabalho foi significativo para nosso estudo não só pelo uso dos manuais de instruções, mas, também por trabalhar em perspectiva comparada e por utilizar como fonte análise de manuais produzidos durante a guerra.

Porém, apesar de ter utilizado os manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* e o *Instructions for British Servicemen in France (1944)*, o foco de Assis não foi as instruções dadas aos soldados nestes folhetos, assim como não realizou uma análise destes manuais com a educação. Assis estudou em seu trabalho os manuais produzidos pelas agências de inteligência e espionagem, ou seja, panfletos que foram elaborados cuja função era o treinamento em campo de espiões para agirem em atividades clandestinas na coleta de informações e nas ações de sabotagem e guerrilha contra os países do Eixo.

Outra busca, dessa vez de trabalhos que se aproximaram do nosso tema, foi feita no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, no qual esta pesquisa está inserida. Dentre as dissertações, resolvemos destacar duas que mais se aproximaram na temática. A primeira, de Ricardo Nascimento Abreu, *Os Oficiais do Exército Brasileiro e a Formação da Elite Intelectual Sergipana no Século XIX (2006)*, em que o autor buscou compreender a formação dos oficiais do Exército durante o século XIX, trabalhou com

a perspectiva da Educação Militar, dentro do contexto da implantação do método lancasteriano como uma forma de controle comportamental dos soldados.

A segunda dissertação é de Elisson S. de São José, *As Armas e as Letras Inglesas: A Instrução Militar e o Ensino de Inglês na corte do Rio de Janeiro*, defendida no ano de 2015. O autor nos mostrou como era a formação de militares no Brasil e analisou o ensino de inglês na instrução militar, sobretudo, da Academia Militar do Rio de Janeiro nos anos de 1810 a 1832.

Apesar de não acharmos outros trabalhos que analisem as instruções para os soldados nas fontes priorizadas nesta dissertação, consideramos proveitoso destacarmos alguns autores que foram importantes para construção dessa pesquisa.

O primeiro deles, *A Arte da Guerra* de (2006), obra clássica do século IV a.C que foi publicada no Ocidente apenas a partir do século XVIII, foi escrita por um general chinês, Sun Tzu, considerado um filósofo, estrategista de manobras militares. Apesar de ter sido escrito há dois séculos, Su Tzu fez um tratado de estratégias que continuaram sendo utilizadas, como por exemplo, a regra de conhecer bem o inimigo e conhecer bem a si mesmo, conhecer bem sua equipe, a importância da preparação para a guerra, como funcionava a estratégia de usar espiões, entre outras táticas que continuaram sendo válidas em outros conflitos.

Outra obra é a de Celso Casto, *Nova História Militar* (2004), em que reúne pesquisas de autores brasileiros e estrangeiros sobre a instituição militar no Brasil. O livro se tornou significativo por nos ajudar a compreender a relação entre Forças Armadas e sociedade, além de observarmos características gerais da composição do exército para guerras e por ter mostrado o cotidiano de soldados nas frentes de batalhas.

Dentre os textos, temos dois que retrataram a participação brasileira na Segunda Guerra, o de Cesar Campiani Maximiano, *Neve, fogo e montanhas: a experiência brasileira de combate na Itália* e o de Francisco César Alves Ferraz, *Os veteranos da FEB e a sociedade brasileira*. Em ambos os textos, podemos perceber como foi a preparação, organização do exército das forças militares brasileiras, composta por muitos civis que foram recrutados, além de termos uma ideia de como era o cotidiano de um soldado no campo de batalha.

Da revista *Brasileira de História Militar* (<http://www.historiamilitar.com.br/>), destacamos o texto de Amanda Pinheiro Mancuso, *A História Militar: notas sobre o desenvolvimento do campo e a contribuição da história cultural* (2011), em que a autora trouxe um panorama do desenvolvimento da História Militar, mostrando que não temos mais apenas militares escrevendo sobre outros combatentes.

Mancuso também analisou sobre a contribuição da História Cultural para que os estudos das guerras não fossem mais vistos isoladamente, ganhando dimensões que antes eram

negligenciadas e favorecendo com que novos problemas conseguissem ter outra visibilidade. Segundo a autora, as batalhas passaram a serem pesquisadas não como algo isolado das guerras, mas como parte da História que busca enxergar e discutir novos problemas dentro da História Militar.

Outro trabalho presente na revista, *O governo provisório de Vichy - a criação do estado fascista francês e a perseguição aos judeus* de Guilherme Ignácio Franco de Andrade (2014), o autor abordou o processo de tomada do poder pelo Marechal Phillipe Pétain na França durante a II Guerra Mundial, demonstrando a participação ativa de setores conservadores da sociedade francesa e do uso dos grupos de extrema direita para utilização da força repressiva dos aparelhos do Estado. O estudo também mostrou o processo de consolidação do fascismo na França e do alinhamento político com o nazismo, como o colaboracionismo do Governo Provisório de Vichy, na perseguição, expropriação e deportação de judeus para os campos de extermínio na Alemanha Nazista.

Seguindo a linha de História Militar, Stephen E. Ambrose no livro *Soldados Cidadãos* (2010), dividido em quatro partes, “A Batalha para libertação da França”, “Na fronteira da Alemanha” “A vida no Toge” “A ocupação da Alemanha” e por último, o epílogo, “Os soldados americanos e a América Moderna”, nos trouxe informações detalhadas sobre algumas batalhas e, sobretudo, como era constituído o exército americano, o dia a dia dos soldados, as dificuldades de uma guerra e o tratamento dado aos combatentes americanos.

De Ambrose (2010), usamos o conceito de “soldados cidadãos”, quando o autor afirma que a maioria dos combatentes que foram para o conflito era civis que tiveram que se transformarem em soldados, o que gerava várias situações que demonstravam a falta de preparo destes combatentes.

Em *Barbudos, sujos e fatigados* (2010), de Cesar Campiani Maximiano, o autor usou uma variedade de fontes, desde entrevistas, documentos escritos, imagens, para mostrar o comportamento da Força Expedicionária Brasileira (FEB) quando foram lutar no segundo conflito mundial. Maximiano também relatou sobre o cotidiano dos soldados no conflito e mostrou que numa Guerra Moderna, além da importância dos soldados que lutavam na linha de frente, existiam outras funções, como milhares de especialistas e técnicos.

Maximiano nos ajudou a pensar que existiam outras atividades exercidas pelos soldados e que lidavam diretamente com o habitante local do país no qual estava servindo. Além disso, o autor também mostrou a relação com o exército americano, os hábitos e a convivência dos brasileiros com os soldados estadunidenses.

Já Williams da Silva Gonçalves em *A Segunda Guerra Mundial* (2005), nos auxiliou a entender que o conflito foi o “resultado perverso de uma conjunção de fatores”. Dentre esses, ele citou, por exemplo, a crise de 1929 e a criação do partido nazista com o fortalecimento de Adolf Hitler com sua política externa que tinha como objetivo obter a hegemonia no mundo sob a justificativa da superioridade da raça ariana.

Philippe Masson, em seu livro *Segunda Guerra Mundial: história e estratégias* (2011) descreveu as principais estratégias e operações do conflito mundial. A obra é dividida em duas partes: na primeira faz um estudo analítico das estratégias, táticas, população dos principais países envolvidos na guerra e na segunda, Masson fez uma síntese cronológica dos principais acontecimentos do conflito. Todos esses dois autores, Philippe Masson e Williams da Silva Gonçalves, dão explicações sobre as origens do conflito, as operações e as táticas de guerra.

Alan Riding em *Paris a Festa Continuou: A Vida Cultural Durante a Ocupação Nazista: 1940-1944* (2012) nos auxiliou apontando aspectos do cotidiano da França ocupada pelos alemães. Riding (2012) fez uma abordagem instigante ao mostrar que nem todos os franceses estavam insatisfeitos com a ocupação dos alemães. Para tanto, analisou a intensa vida cultural em Paris, com as pessoas indo aos cinemas, festas, cafés, etc. A obra para nosso estudo é de vital relevância, por nos ajudar a compreender o cotidiano da França ocupada e por Riding trazer a relação que existia entre ingleses e franceses durante a ocupação.

Sobre a ocupação da França em 1940, Marc Bloch no livro *A Estranha Derrota* (2011) foi essencial para essa pesquisa porque mostrou através de sua escrita minuciosa, as críticas feitas pelo olhar de um historiador, militar, além de testemunha, já que Bloch viveu na França durante a ocupação.

Nessa obra, o historiador analisou as falhas que levaram a França a ser ocupada pelos alemães, apontando desde erros militares até de consciência do povo francês, além de abordar a relação entre os franceses e britânicos, pondo em discussão o questionamento de muitos se os ingleses realmente ajudaram. Tanto Bloch quando Riding foram essenciais para analisarmos os manuais *Instructions for British Servicemen in France 1944* e o *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)*.

Esses trabalhos não esgotam pesquisas sobre Segunda Guerra e História Militar. Porém, acreditamos que as obras aqui mencionadas ajudam a ressaltar a importância de iniciar discussões dentro da História Militar e da História da Educação sobre os manuais analisados nesta dissertação.

1.2 – A ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

A dissertação foi dividida em quatro seções e uma conclusão. A primeira é a introdução, onde foi apresentado os objetivos da pesquisa, a documentação analisada, os motivos que nos levaram a pesquisar os manuais de instruções e a explicação da metodologia escolhida, a História Comparada. Mostramos como foi feita a análise dos manuais nesta pesquisa, assim como apresentamos ao leitor um breve contexto do surgimento destes manuais e uma revisão de literatura de autores que nos ajudaram a compor este trabalho.

Na segunda, mostramos que a II Guerra foi moderna, com vários campos de batalhas, inclusive o das ideais. A propaganda foi massivamente utilizada tanto pelo Eixo como pelos Aliados, que exploraram cinema, rádio, cartazes e livros.

Dessa maneira, percebemos os manuais como parte dessa estratégia para combater o Eixo e construído nesse contexto de um esforço de guerra. Vimos também como é constituído um manual, assim como alguns autores que utilizaram este tipo de documentação como fonte em seus trabalhos e por fim, cada folheto foi observado em separado, atentando para as características físicas de cada um.

Na terceira seção, intitulada “A Educação do “Soldado Cidadão””, analisamos como através dos folhetos *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)*, *Instructions for American Servicemen in France during World War II (1944)* e o *Instructions for British Servicemen in France (1944)*, os Estados americano e britânico criaram estratégias educacionais para educar o “soldado cidadão”, ou seja, o civil que por conta da necessidade da guerra precisou se transformar em militar. Nesta seção também observamos as semelhanças, diferenças e as influências mútuas entre os manuais, por meio da História Comparada.

Na quarta seção, intitulada de “Os Manuais Como Suportes Pedagógicos”, procuramos trazer a discussão do mito do soldado herói com a realidade do comportamento dos combatentes durante a guerra. Os desentendimentos com a população do país em que ele foi recrutado, os crimes cometidos, como os saques e os estupros, nos mostraram que os manuais também foram pensados por causa desse contexto de conflitos entre os aliados e como um fortalecimento das relações.

Assim, observamos o papel dos manuais como suportes pedagógicos diante desse contexto, mostrando como os Estados através dos folhetos tentaram efetuar um controle sobre o comportamento dos soldados. Norbert Elias no Processo Civilizador I (2011) e II (1993) através dos conceitos de controle, autocontrole e autoimagem, nos ajudou a entender como estes manuais serviram para que os Estados Unidos e Grã-Bretanha transmitissem suas ideologias.

Por último, ainda na seção quatro, fazemos um contraponto com o livreto *112 Gripes* (1945) mostrando que mesmo com um folheto escrito anteriormente pelos EUA para os soldados que foram para França, os conflitos continuaram existindo. Além disso, diante do ambiente de contendas entre americanos e franceses, procuramos analisar as novas estratégias educacionais dos estadunidenses para reforçar as instruções dadas anteriormente no *Instructions for American Servicemen in France* (1944). Por fim, na quinta seção, apresentamos as considerações finais, com as conclusões das análises.

2 - OS MANUAIS COMO RESULTADO DE UMA GUERRA DE IDEIAS

Nesta seção, nosso objetivo é mostrar que os manuais *Instructions for American Servicemen in Britain* (1942), *Instructions for British Servicemen in France* (1944), *Instructions for American Servicemen in France During World War II* (1944) e o *112 Gripes about the French* (1945), estiveram inseridos em um contexto de uma guerra moderna, que foi para além do uso de novos recursos e dos combates físicos nos campos de batalha. O conflito foi moderno não só pelas novas armas e rapidez com que foi travado,⁴ mas também pelo uso de novos recursos para vencer o inimigo, uma grande preparação, que incluía combates físicos e ideológicos.

A Segunda Guerra Mundial teve enorme capacidade de mobilização material e humana. O holocausto⁵ praticado pelos nazistas, contava com uma sofisticada estrutura que incluía transportes, seleção e organização de busca. Em 1945, os norte-americanos lançaram as bombas atômicas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, demonstrando seu amplo poder de destruição e durante todo o conflito, foram utilizados os melhores recursos tecnológicos disponíveis. Milhões de combatentes e trabalhadores, incluindo homens e mulheres foram recrutados. O inimigo deveria ser combatido até o final, tudo era produzido em grande escala e destruído em massa (TOTA, 2011).

Os Estados Unidos só entraram na guerra após sua mudança na política externa por conta do ataque japonês a sua base em *Pearl Harbor* em 1941. Até então, os norte-americanos tinham um posicionamento isolacionista, ou seja, havia sido criada dentro da sua sociedade a prática de não intervir diretamente em conflitos internacionais, desde a saída do país da Liga das Nações em 1920⁶. Dessa forma, mesmo com o presidente *Franklin Delano Roosevelt* (1882-

⁴ Não estamos nos referindo aos anos de durabilidade do conflito (1939-1945), mas das táticas rápidas de Guerra, como por exemplo, a *Blitzkrieg*, ou Guerra-relâmpago praticada pela *Wehrmacht* (conjunto das forças armadas alemãs), que consistia numa estratégia que utilizava ataques rápidos e de surpresa (MASSON, 2011).

⁵ O Holocausto ou *Shoà* como é nomeado pela comunidade judaica, foi à política nazista de extermínio dos judeus perpetrada na Europa, que culminou na morte de cerca de seis milhões de judeus em campos de concentração espalhados pelo leste europeu. Foi o ápice da radicalização fascista pelos nazistas, propiciado pelo ódio de Adolf Hitler aos judeus e também pelos seus subordinados, cuja participação nas ações cada vez mais violentas contra os judeus foram decisivas para que o mecanismo funcionasse (PAXTON, 2007, p. 260).

⁶ A Liga das Nações foi uma organização internacional criada logo após o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com o objetivo de reunir as nações em busca da paz no mundo. Acabou sendo dissolvida em 1946 e reformulada para a ONU (A Organização das Nações Unidas) com o término da Segunda Guerra Mundial (PECEQUILO, 2011).

1945)⁷ sendo a favor da entrada estadunidense, o congresso e a opinião pública eram contra ao envolvimento na Segunda Guerra (PECEQUILO, 2011).

Isso acabou refletindo em seu posicionamento, o de não participar ativamente e de permanecer até onde pôde, longe das disputas na Europa, restringindo até então a sua participação através de ajuda material e econômica aos Aliados, sobretudo, Inglaterra. Entretanto, isso não impediu que os Estados Unidos mantivessem políticas estratégicas já sinalizando sua afirmação de poder, mesmo antes do início da guerra em 1939.

No contexto da política internacional, com o fortalecimento do nazismo na Alemanha e fascismo na Itália com políticas expansionistas, anexando regiões como a Áustria em 1938, mostravam indícios que um conflito internacional poderia ocorrer. Com essa possibilidade, os norte-americanos viram, por exemplo, na América Latina, uma área de influência de poder. Através da chamada política da Boa Vizinhaça, articularam sua posição dominante com a justificativa de unir os países da América a fim de intervir fazendo laços políticos e econômicos. Segundo Prado (1995),

Tal política baseava-se no respeito aos direitos da soberania nacional dos países latino-americanos, coisa que os Estados Unidos sempre advogavam em teoria, mas que, na prática, violaram constantemente, tornando claro que seus interesses estavam acima daqueles de qualquer nação do continente (PRADO, 1995, p. 03).

Durante a aproximação dos Estados Unidos com a América Latina, tivemos um forte exemplo da difusão dos seus interesses políticos, através da intensificação das relações por meios culturais. Os filmes, segundo Andreza Maynard (2010), não eram apenas divertimento para o grande público, mas armas de propaganda nacional.

Como exemplo disso, no desenho “A Cara do *Führer*” (*Der Fuehrer's Face*, 1943) produzido pelos estúdios *Disney*, o Pato Donald teve um pesadelo de que era um soldado de Hitler e sofria com o nazismo, tendo que trabalhar numa fábrica que ficava numa bairro sombrio fazendo hora-extra, o que o levava a alucinações. Quando acordou do pesadelo, percebeu que estava na sua cama nos EUA e abraçou a estátua da liberdade. Assim, o desenho teve a intenção de mostrar ao público os valores da democracia em contraponto com a ausência de liberdade do nazismo, quando mostrou que o personagem precisava trabalhar horas num regime de “escravidão”.

⁷ Franklin Delano Roosevelt foi presidente dos Estados Unidos de 1933 até sua morte em 1945. Seu governo foi marcado pela superação da crise de 1929, quando a bolsa de valores de Nova York quebrou e pelo o reengajamento dos Estados Unidos no cenário mundial, além de ter comandado o país na Segunda Guerra (PECEQUILO, 2011).

Outro exemplo do uso da propaganda como instrumento político durante este período foi no filme “Alô, Amigos!” cujo nome original é “Saludo, Amigos”, lançado em agosto de 1942. Na película, retratou a visita do personagem Pato Donald ao Brasil, quando ele conheceu o amigo Zé Carioca, papagaio simpático, malandro, de cor verde e amarela, representando seu lado brasileiro, mas com a cauda nas cores vermelha e azul, retratando os EUA. A intensão das cores dos países estarem nos personagens foi mostrar que a amizade entre o Zé Carioca (brasileiro) e o pato Donald (norte-americano), representava a aliança que as duas nações necessitavam ter para que cooperassem um com o outro, em meio ao conflito mundial (MAYNARD, 2010).

A Alemanha não ficou de fora dessa disputa cultural. Joseph Goebbels (ministro da propaganda alemã), afirmava que o rádio era o meio de comunicação mais poderoso da época, tanto que os alemães exploraram a comunicação de massa. Além do rádio, o cinema foi utilizado em filmes como o premiado “O Triunfo da Vontade” (*Triumph des Willens*) de 1935 que retratou o 6º Congresso Nazista ocorrido na cidade de Nuremberg em 1934.

Em 1933, por exemplo, reconhecendo a influência das ideias difundidas nos livros, Adolf Hitler ordenou que houvesse uma queima de obras que fossem de encontro com sua ideologia, em várias cidades alemãs. Os nazistas também investiram na arte, literatura, cinema, mas aquilo que era contrário às ideias do regime foi considerado ofensivo, degenerado e excluído. Além disso, devemos lembrar que o livro *Mein Kampf*, escrito por Hitler, teve importância significativa na propagação das suas ideias.

Assim, Estados Unidos e Alemanha disputaram políticas culturais, “as quais visavam garantir - ou combater - a hegemonia política e a influência cultural “inimiga” e com isso atingir seus objetivos no âmbito das relações internacionais” (ISOLAN, 2012, p. 697). Cada nação utilizou suas próprias armas de publicidade para garantir sua influência ideológica. A propaganda também teve outro papel, ao incentivar soldados e trabalhadores para se unirem na causa contra o Eixo. Segundo Capelato (1996), seu objetivo é seduzir, manipular e para isso, ela se vale de ideias e transforma em imagem.

Nos Estados Unidos, em 1942 o presidente *Roosevelt* lançou o *Victory Program*, um programa que visou ampliar a produção, de 60 mil aviões em 1942 para 125 mil em 1943. Diante de um programa de tamanha amplitude, era necessária mais mão de obra e a propaganda entrou com o papel de seduzir, que todos podiam colaborar na luta contra o Eixo (QUÉTEL, 2009).

As mulheres também estiveram inseridas no esforço de guerra. Milhões de cartazes impressos pelo *Office of War Information* (OWI – secretariado de informações de guerra) e

assinados pelos melhores artistas cobriram os muros das cidades, mostrando mulheres bonitas, felizes e fortes vestindo macacão-uniforme (QUÉTEL, 2009). Nessa propaganda, frases das mais diversas eram estrategicamente colocadas pensando em incentivar e mostrar que era um privilégio ajudar seu país, como observamos na figura 1, cartaz criado em 1944, em que mostra o marido em traje de grata com as mãos sobre os ombros da esposa, que diz estar orgulhosa porque o marido quer que ela faça sua parte.



Figura 1 - Fonte: LEMAD, USP, disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://lemad.fflch.usp.br/node/8248&gws_rd=cr&dcr=0&ei=YfL4WbudCYmNwwSx54gY, acesso dia 31/10/17 às 20:30.

Em 1940, essas mulheres já eram 11,3 milhões no mercado de trabalho e em 1944 foram para 18 milhões, sendo que 4 milhões estavam nas fábricas de guerra. Uma das mais famosas propagandas para recrutar as mulheres foi feita pelo pintor e ilustrador Norman Rockwell no início de 1943, quando retratou a *Rosie the Riveter*, uma mulher musculosa sentada com seus óculos de proteção na testa, uma grande pistola sobre os joelhos e ao fundo a bandeira dos EUA (QUÉTEL, 2009, p. 86 e 87).

A *Rosie the Riveter* virou um ícone cultural que representou as mulheres americanas que durante a guerra trabalharam nas mais diversas áreas, suprimindo a mão de obra. Um desses cartazes mais famosos, utilizado até hoje, é o *We Can Do It* criado em 1943 por Criada por J.

Howard Miller, retratando a *Rosie* mais uma vez como uma mulher forte, de macacão, porém, sem perder a feminilidade, destacando seus traços finos e dizendo: "Nós podemos fazer isso" (Figura 2).



Figura 2 - Fonte: LEMAD, USP. Disponível: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://lemad.fflch.usp.br/node/8248&gws_rd=cr&dcr=0&ei=YfL4WbudCYmNwwSx54gY, acesso 31/10/2017 às 20h40.

Seja para suprir a falta de homens por conta da guerra ou aumentar a produção, o fato é que as mulheres acabaram tendo uma brecha social e muitas ocuparam áreas que antes eram masculinas, como engenheiras, supervisoras de produção em fábricas, motoristas de caminhão e até mesmo nas forças armadas. Vale lembrar que além das norte-americanas, francesas, canadenses, japonesas, soviéticas e britânicas também participaram do esforço de guerra, inclusive o Estado britânico foi o único que se decidiu pelo recrutamento de todas as mulheres, com exceção de mães com filhos menores que 14 anos (QUÉTEL, 2009, p.94).

Assim como os ianques, os britânicos também investiram na propaganda. Existia o MOI (*Ministry of Information*), ou ministério da informação, responsável pela propaganda que ao longo da guerra, procurou lançar diversas campanhas contra o Eixo. O MOI também lançava cartazes para incentivar a participação feminina, que atuaram em várias áreas, sendo pedreiras,

médicas, datilógrafas, enfermeiras, trabalhadoras nos campos⁸, dentre outras funções. A propaganda britânica também retratava mulheres felizes, com traços de rostos delicados, para mostrar que mesmo fardadas poderiam continuar femininas, como observamos na figura 3, em que mostra no fundo soldados britânicos e traz a seguinte mensagem: "eles não conseguem sem nossa ajuda", "junte-se a mim no novo", fazendo propaganda do ATS (Auxiliary Territorial Service), criado em 1938 para recrutar mulheres para a guerra.



Figura 3 - Fonte: War2war, disponível: <https://war2war.wordpress.com/2016/07/05/ats/>, acesso em 31/10/17, às 22h35.

Dessa forma, as mulheres foram parte desse esforço de guerra feito pelos países participantes e muitas foram recrutadas através da propaganda em massa, que cumpriu seu papel de conseguir e ampliar as adesões (CAPELATO, 1996). Porém, o objetivo era convidar todos

⁸ As trabalhadoras do campo na Grã-Bretanha faziam parte do *Women's Land Army* (exército das agricultoras). Em dezembro de 1943 contava com cerca de mais de 78 mil mulheres que possuíam um salário modesto e eram chamadas de *Land Girls* (QUÉTEL, 2009). O canal BBC em 2009 lançou uma série na Inglaterra chamada de *Land Girls*, de autoria de Roland Moore, com três temporadas. Conta a história de um grupo formado por quatro mulheres que deixam suas famílias e vão para uma fazenda trabalhar durante a Segunda Guerra Mundial. Na série, podemos observar como era o trabalho dessas mulheres, o cotidiano da guerra fora das frentes de batalha, além podermos perceber a relação do povo britânico com os soldados norte-americanos (LAND GIRLS. Direção: Daniel Wilson, Paul Gibson. Grã-Bretanha, BBC, 2009).

a apoiarem o conflito, especialmente aqueles que na maioria iriam se dirigir para as frentes de batalha, os soldados. Um dos cartazes mais famosos que demonstrava esse direcionamento é o do Tio Sam apontando e dizendo: *I Want You for U.S. Army* (Eu quero você para o Exército dos EUA), que apesar de ter sido encomendado no primeiro conflito mundial, foi muito utilizado na Segunda Guerra, como podemos observar na figura 4.



Figura 4 - Fonte: disponível em: <https://fillyourbookshelf.wordpress.com/2013/04/13/world-war-ii-unit-study/>, acesso 31/10/17 às 22h56.

Assim, percebemos a propaganda como estratégia de um conflito que investiu em diversos campos para afirmar a política dos países envolvidos. Esse esforço de guerra, que como vimos estava presente também através das ideias, não deixava de fora os soldados que foram para as frentes de batalha. Era um conflito em muito ligado ao psicológico, o que acabava exigindo de um combatente uma estrutura física, emocional e ideológica. Corpo e mente estava totalmente ligado. Reconhecendo essa importância, os Aliados fizeram verdadeiras preparação e investiram nos livros. Apesar de já terem sido usados em conflitos anteriores, em nenhum outro teve a mesma distribuição como na Segunda Guerra Mundial.

Segundo Manning (2015),

Diante de uma crise moral, de uma necessidade de educar os recrutas, sobre o porquê de estarem em treinamento, e de uma carência de livros didáticos modernos que permitissem que os mais ambiciosos estudassem e melhorassem sua patente, o Exército priorizou a modernização de seus acervos de livros (MANNING, 2015, p.39).

Nos Estados Unidos, a partir do final de 1940, o Exército começou a planejar e adquirir dezenas de livros e construir bibliotecas nos campos de treinamento. Antes dos norte-americanos entrarem na guerra, campanhas pedindo doações de obras eram feitas, chamadas de NDBC (Campanha Nacional de Defesa do Livro). Após a entrada dos estadunidenses a NDBC passou a se chamar *Victory Book Campaign* (VBC), uma alusão à entrada do país na guerra.

Dentre elas estava à editora *Armed Services Editions* (ASE), que de 1943 até 1946 atuou nos Estados Unidos. Criada durante a Segunda Guerra se especializou em publicar livros para os soldados em campos, lançando um total de 1.200 títulos. Foi com a ASE que passou a ser utilizado os livros com formatos pequenos, os chamados livros de bolsos, com capa brochura, o que possibilitava que o soldado pudesse carregá-lo entre uma batalha e outra e, assim adaptando as publicações aos poucos recursos que o conflito oferecia.

Na Grã-Bretanha, em 1945, os editores britânicos começaram a vender livros de capa brochura que tinha semelhança com o formato das obras da *Armed Services Editions*. Segundo Molly G. Manning (2015), esses livros publicados pelas editoras britânicas podiam ser facilmente confundidos com os livros da ASE e suas publicações em muito se deram pela boa impressão que as obras norte-americanas deixaram com os soldados britânicos que tiveram a oportunidade de lê-las (MANNING, 2015, p.166 e 167).

Para os soldados, a leitura tinha significativa importância a ponto de muitos escreverem cartas às editoras agradecendo e pedindo por mais títulos. Os militares liam os livros da ASE durante a espera por uma nova batalha, enquanto estavam debilitados se recuperando ou até mesmo como uma distração.

Molly Manning (2015) nos diz sobre essa importância que muitas obras tiveram para os soldados:

Os livros desempenharam papel especial na guerra. Consolaram corações e mentes perturbados e conseguiram isso em áreas onde outros passatempos fracassaram. Eles eram a redenção para inúmeros combatentes, como confirmado em vários relatos de todos os fronts (MANNING, 2015, p.123).

Os títulos que iam parar nas mãos das tropas passavam por toda uma análise de um conselho que escolhia os conteúdos, como por exemplo, havia um cuidado com trechos que poderiam ser ofensivos aos aliados dos norte-americanos, que serviriam para ajudar os inimigos, que entrassem em conflito com os ideais de democracia dos ianques ou que seriam ofensivos a grupos de minorias étnicas, raciais ou religiosos.

O conselho de livros chegou a promover títulos que esclarecessem os motivos do EUA estarem na guerra e os valores que estavam em jogo. As obras selecionadas recebiam a etiqueta de *Imperative* (Fundamental) e todos os membros do conselho eram obrigados a divulgá-los como leitura obrigatória (MANNING, 2015).

As publicações tinham uma atenção para não se destinarem apenas ao entretenimento e diversão. Ao mesmo tempo em que serviam para distração, informavam sobre o conflito e incentivavam o soldado a continuar na luta contra o Eixo. Não eram histórias aleatórias, mas com um objetivo: o de munir todos os recursos possíveis para uma guerra. “É a história de canetas que foram tão poderosas quanto baionetas” (MANNING, 2015, p.13).

Os manuais estudados nessa pesquisa estiveram inseridos nesse contexto. Fizeram parte de uma estrutura, de uma guerra de ideias criada para vencer o Eixo no segundo conflito mundial. O Departamento de Guerra dos Estados Unidos foi o encarregado por criar a editora especializada em publicar livros para os combatentes, a *Armed Services Editions*, assim como, também foi responsável por criar o primeiro manual em 1942, o *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* e o *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)*.

Para os Aliados, era preciso preparar de todas as formas possíveis os soldados, o que incluía livros e manuais. Ressaltamos que quando se trata de um conflito que teve proporções mundiais, civis são convocados de várias classes sociais, ou seja, pessoas que dificilmente teriam se imaginado lutando numa guerra, que não tinham preparo psicológico e que até mesmo nunca haviam saído de seu país. Pensando nisso, os Estados americano e britânico viram como necessário a criação de manuais de instruções para polir as ações dos soldados de acordo com os interesses do governo.

Marc Bloch⁹, historiador, militar e testemunha que participou da Primeira (1914-1918) e Segunda Guerra Mundial (1939-1945), trouxe em sua obra uma análise das falhas dos

⁹ Escolhemos por utilizar Marc Bloch com sua obra *A estranha derrota (2001)* como fonte em nosso trabalho. Bloch foi militar e participou da Primeira Guerra (1914-1918) e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e escreveu sobre a derrota francesa enquanto atuou no conflito. O livro foi redigido de julho a setembro de 1940 e foi uma análise de um militar sobre as próprias falhas que fizeram a França ser derrotada. Bloch foi detido, torturado pela Gestapo e fuzilado em 16 de junho de 1944.

franceses que contribuíram para a invasão alemã. Bloch afirmou que pôde “observar no cotidiano, os métodos e os homens” (BLOCH, 2011, p. 31).

Em seu escrito, Bloch (2011) testemunhou que os Aliados não eram tão unidos assim e mostrou os conflitos existentes entre os soldados britânicos com os franceses, relatando a respeito da anglofobia entre os franceses, da desconfiança e dos casos de discórdia entre as tropas. Em sua obra, notamos alguns desabafos em relação aos soldados britânicos:

Depois que a ação conjunta projetada para Arras foi abortada parece que, sob império de uma espécie de desilusão mútua, os estados-maiores dos dois lados se recusaram quase que totalmente a colaborar. Quantas pontes os britânicos não explodiram na época para cobrir sua retirada, sem se preocupar em saber se não impossibilitariam a nossa! Da mesma forma, apesar dos protestos do engenheiro, destruíram prematuramente a central telefônica de Lille, retirando do I Exército quase todos os meios de transmissão. Não demonstravam consideração, julgávamos nós, e acho de fato que a decepção, sem dúvida legítima, que sofreram diante da precariedade de nosso comando levou alguns deles a esquecer por vezes a consideração devida aos que executavam as ordens, cuja bravura nunca esteve em dúvida (BLOCH, 2011, p. 74).

Podemos perceber que as discórdias eram inegáveis, que no convívio entre os soldados aliados existiam muitos conflitos, como nos mostrou o próprio Marc Bloch em sua análise. Porém, fora o convívio difícil, devemos atentar para outro fato: a propaganda inimiga. Os alemães utilizavam todos seus recursos para tentar ao máximo provocar a desunião dos países Aliados. Um deles era a falsa propaganda, como diz Riding (2012), “os serviços de propaganda da Alemanha e de Vichy manipulavam com habilidade a opinião pública francesa, lembrando o tempo todo que a Grã-Bretanha era o inimigo histórico da França” (RIDING, 2012, p. 115).

Entre os Estados Unidos, Grã-Bretanha e França esses problemas não foram diferentes. Existiam os conflitos históricos, como por exemplo, a Guerra dos Cem anos (1337-1453) entre França e Inglaterra ou o conflito entre norte-americanos e ingleses pela independência dos Estados Unidos (1812-1815). Além disso, tinham as divergências de costumes, a propaganda inimiga que espalhava intrigas e o uso da sabotagem, prática utilizada pelas nações em guerra para se infiltrarem no país inimigo e sabotarem suas ações.

Assim, os manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)*, *Instructions for British Servicemen in France (1944)* e *Instructions for American Servicemen in France during World War II (1944)* e o *112 Gripes about the French (1945)*, surgiram nesse contexto, com um forte discurso atentando para a necessidade da união entre os países Aliados.

2.1 – O QUE É UM MANUAL?

Um manual nada mais é que um livro curto que ensina algo, desde como operar determinado instrumento, com os passos a serem seguidos, até ensinamentos sobre regras de etiquetas e civilidade, que indicavam como o indivíduo deveria se comportar na sociedade. Assim, podem ser apontados como elementos auxiliares na conformação e difusão de normas de sociabilidade e no controle das emoções.

Para Cecchin e Cunha (2007),

Os manuais procuram colocar à disposição dos leitores conselhos e regras que visariam transmitir cuidados que deveriam ser seguidos nos espaços públicos e privados, procurando internalizar, pela leitura, normas e preceitos de controle social tanto pela gestão de corpos e almas como por um conjunto de regras sobre como portar-se com dignidade, cortesia e elegância, próprias de uma existência civilizada (CECCHIN; CUNHA, 2007, p.05).

Através de regras, os manuais de comportamento têm a função de polir, de moldar o indivíduo para uma determinada conformação social. Utilizam regras claras, diretas e usam como estratégia de construção de texto, dirigir-se diretamente ao leitor. Este tipo de livro não são obras da contemporaneidade. Segundo Norbert Elias (2011) “este processo que não teve fim pode ser remontado indefinidamente ao passado. De onde quer que comecemos, observamos movimento, algo que aconteceu antes” (ELIAS, 2011, p.71).

Quando falamos em manuais, lembramos de Erasmo de Roterdã com o tratado *De civilitate morum puerilium* publicado em 1530, que teve imensa circulação, passando por sucessivas edições. O livro trata do comportamento das pessoas em sociedade e é dedicado a um menino nobre, filho de um príncipe e escrita para educação das crianças com linguagem clara e polida, constando as atitudes corretas e incorretas.

Se colocarmos na busca dos periódicos da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) trabalhos sobre “manuais”, encontraremos mais de 2.000 resultados¹⁰ que são atualizados constantemente, o que comprova que temos muitos estudos que analisaram manuais, desde os de etiqueta, aos didáticos escolares, aos militares, porém, como já falamos anteriormente, se buscarmos especificamente os folhetos analisados nesta dissertação, não encontramos estudos que tratem de explorar essa documentação como

¹⁰ O último acesso se deu em 19/08/2017 às 00:19, disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pmetabusca&mn=88&smn=88&type=m&metalib=index.php?option=com_pmetabusca&mn=88&smn=88&type=m&metalib=aHR0cDovL3JucC1wcmVtby5ob3N0ZWQucXhsaWJyaXNncm91cC5jb20vcHJpbW9fbGlicmFyeS9saWJ3ZWl0aW9uL3NlYXJjaC5kbz92aWQ9Q0FQRVNfVjE=&Itemid=119.

ferramentas educacionais. Porém, alguns pesquisadores que se dedicaram a pesquisar manuais nos auxiliaram na forma analisar nossas fontes.

No texto, *Um manual do século XVIII: culto à natureza e educação do corpo em Ginástica para a Juventude, de Guts Muths* de Evelise Amgarten Quitzau (2016), o autor analisou a educação do corpo e sua relação com a natureza, através de um manual de ginástica publicado em 1793, na Alemanha, pelo pedagogo Johann Christoph Friedrich Guts Muths. Nos chama atenção o fato de ter explorado a educação para além do ambiente escolar, retratando a educação do corpo.

Outro estudo sobre manual, *O que um menino deve saber para seu bem. Representações de infância em manual de educação moral e sexual do início do século* de Maria Sthepanou (2011) tomou como objeto de análise o livro intitulado “O que um menino deve saber”, de Sylvanus Stall, publicado em 1897. Neste trabalho, a autora analisou o livro como um manual de preparação para a vida e defesa da importância da castidade entre os meninos. Observamos a maneira da autora descrever detalhadamente as fontes de estudo, além da relação feita da educação sendo transmitida como um polimento de comportamentos, no sentido de moldar posturas para o que deveria ser o “correto”.

Em *Educação e regras de convivência e de bom comportamento nos séculos XVIII e XIX* de Antônio Gomes Ferreira (2009), o autor analisou a constituição de boas maneiras, de polidez, de cortesia, de civilidade e destacou que a existência de preceitos reguladores da vivência social não são exclusivos da civilização ocidental. Em sua análise, observamos a maneira do trato com a fonte, destacando que na educação também está presente à maneira do dever ser para o preparo da convivência.

Ainda destacamos o trabalho de Cristiane Cecchin, “Tenha modos! educação e sociabilidades em manuais de civilidade e etiqueta (1900 – 1960)”. A autora estudou a presença dos manuais de civilidade e etiqueta inseridos numa literatura indicada a uma construção das sensibilidades. No seu artigo, entendemos o conceito de civilizado como polido, contido ao autocontrole das emoções. A autora apontou os manuais “como importantes elementos auxiliares na conformação e difusão de comportamentos”. Neste trabalho, vemos uma conceptualização do que seriam manuais e sua importância na formação da sociedade (CECCHIN; SANTOS, 2007, p. 03).

Desses estudos, vemos que os manuais estão sempre ligados a maneiras de ensinar o dever ser, a polir condutas de acordo com o interesse de quem os escreveu e a moldar comportamentos sociais. Os autores destacaram a maneira direta, clara e curta com que as instruções são passadas e de como a educação está inserida nesse espaço mais amplo.

Isso não foi diferente dos manuais de comportamento estudados nessa pesquisa. São também folhetos, com instruções diretas, claras e que encontramos um direcionamento ao leitor, neste caso, o soldado. Entretanto, antes de analisarmos suas instruções, é necessário conhecermos as formas desses manuais, pois, como o livro é organizado, seu tamanho, nos “dizem” muito a respeito do seu objetivo.

2.2 – OS MANUAIS NORTE-AMERICANO E BRITÂNICO E SUAS FORMAS

Provavelmente, quando falamos em manuais de guerra, imaginamos folhetos com instruções de combates e táticas militares para o *front* de conflito. Porém, os manuais estudados nessa dissertação, não continham instruções para utilizar um armamento ou como um combatente poderia se disfarçar para colher informações do inimigo. São, na verdade, ordens pensadas pelos Estados britânico e norte-americano de como os seus soldados deveriam evitar os atritos culturais com o habitante local e como poderiam permanecer unidos na guerra.

Como diz o manual britânico para soldados na França, “este livro não aborda nenhum tipo de assunto referente a operações militares. Ele trata apenas da forma de vida dos civis franceses e como você deveria se comportar com essa população” (THE POLITICAL WARFARE EXECUTE, 1944, p. 02)¹¹. Já o folheto norte-americano para soldados na França afirmou que o objetivo foi dar uma ideia geral do país para o qual o soldado iria e servir de guia para o comportamento em relação à população civil¹². Por sua vez, o manual norte-americano para soldados na Grã-Bretanha, também trouxe o mesmo intuito, como vimos logo no prefácio:

Foi emitido pelo departamento de guerra dos Estados Unidos em 1942 e distribuído para os soldados americanos que se dirigiam a Grã-Bretanha para prepararam-se para invasão da Europa ocupada. Muitos deles nunca haviam viajado para o exterior e este panfleto visou cercá-los de dicas para ajudar estes jovens para uma vida diferente do país de origem e também tentar orientá-los e preveni-los de atritos e mal entendidos entre a população local de destino (WAR DEPARTAMEN, 1944, p. 01).¹³

¹¹ Do original: “This book has nothing to do with military operations. It deals only with civilian life in France and with the way you should behave to the French civilian population”.

¹² Do original: “to give a general idea of the country concerned, to serve as guide to behavior in relation to the civil population”.

¹³ Do original: “It was issued by the United States War Department in 1942 and distributed to American servicemen who were going to Britain to prepare for the invasion of occupied Europe. Many of them had never been abroad before, and this pamphlet’s avowed aim was to prepare these young American GIs for the life in a very different country and to try and prevent any friction between them and the local populace”.

Assim, se tratam de ordens de comportamento dadas pelo Estado que os soldados deveriam seguir. Numa guerra de proporções mundiais, todos são convocados, o que incluía civis que nunca haviam lutado num conflito ou que nem conheciam um país estrangeiro. Molly G. Manning (2015), diz que alguns soldados eram almas despreparadas e inexperientes, que tiveram de enfrentar uma combinação assustadora de treinamento intensivo, instalações precárias e tédio, ou seja, precisavam lidar com uma realidade de restrições, destruições e com costumes e pessoas desconhecidas (MANNING, 2015, p.10).

Tendo tido esse perfil de soldados em sua maioria e num conflito em que houve um verdadeiro esforço de guerra para derrotar o inimigo, os manuais foram criados pensando numa estrutura que fizessem os combatentes evitarem atritos com estrangeiros, conhecer a geografia, política, história, costumes, o entretenimento e cultura do país para o qual estavam sendo enviados. Não havia tempo a perder, um conflito se desenrolava na Europa, o que provavelmente explica um dos motivos deles serem curtos e objetivos, numa tentativa que todos lessem e entendessem suas ordens.

O destinado aos soldados norte-americanos na França, *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)*, o original chamado de *Pocket guide to France*, foi produzido pelo Departamento de informações do exército dos EUA em 1944, requisitado como confidencial e um manuscrito dentre outros manuais colocado como prioridade para entrega, pois foi nas praias da Normandia que os alto-comandos dos Aliados concordaram em lançar a “Operação Overlord”, a invasão da Europa ocidental que resultaria na derrota final da Alemanha. As impressões iniciais foram realizadas na Inglaterra para evitar violações de segurança ao enviarem tantas cópias por via marítima e então distribuí-los às tropas a bordo dos navios invasores. Foi considerado um dos maiores investimentos editoriais da Segunda Guerra.

A cópia fac-similar que utilizamos foi publicada em 2008 pela Universidade de Chicago, com ISBN 978-0-226-84172-4. É no formato de capa-brochura, com 62 páginas, idioma em inglês, dividido em seis capítulos: “Por que vocês estão indo à França”, “O soldado norte-americano na França”, “Algumas páginas da História francesa”, “Postos de observações”, “Na despedida” e por último, “Anexos: vários acréscimos” (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 01).¹⁴

Ao contrário dos demais manuais, este possui algumas imagens, que retratam o povo francês como receptivos, que relatam o sofrimento dos franceses com a falta de alimentos, que

¹⁴ Do original: “Why you’re going to France”, “The United states soldier in France”, “A few pages of French”, “Observation Post”, “In Parting”, “Annex: Various Aids”.

no geral defendem os franceses. Porém, eles não utilizam fotografias, mas desenhos, talvez numa tentativa de ser mais simpático ou de chamar mais atenção, como observamos na capa do *Instructions American Servicemen in France During World War II* (figura 5).

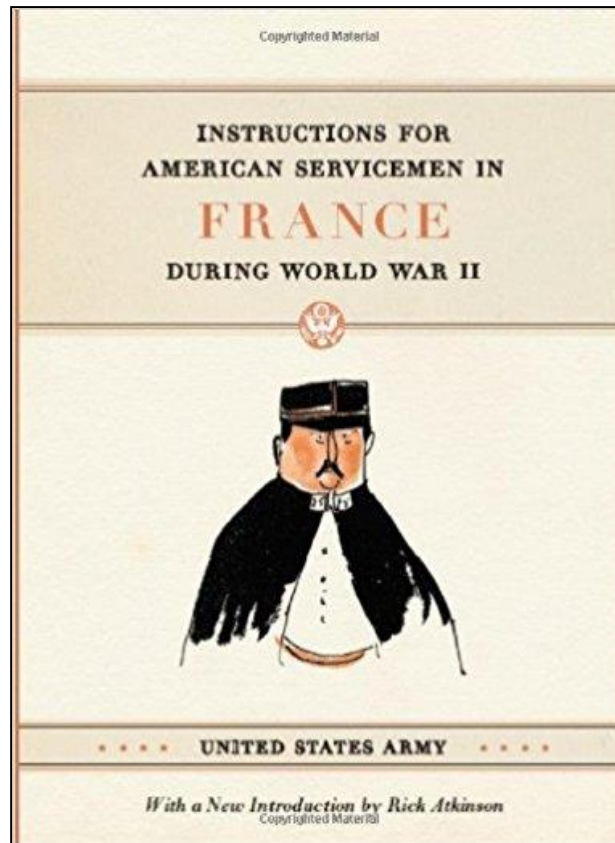


Figura 5 - FONTE: <http://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/I/bo5579576.html>, acesso: 07/11/2017 às 03h38.

Já o *Instructions for American Servicemen in Britain* (figura 6), a sua primeira versão foi em 1942. A cópia que usamos foi publicada pela editora *Bodleian Library*, biblioteca da Universidade de Oxford, publicado em 2004, com 31 páginas, idioma em inglês e dimensões 11,4 x 0,9 x 15,2, em formato de livro de bolso. Não possui imagens, é de capa dura, lisa, simples e título escrito em letras maiores em negrito. Pode ser facilmente portado pelo leitor, considerando o tamanho e a facilidade de manuseio.

Dividido em cinco capítulos, mais um prefácio, introdução e a última parte com uma tabela de índices da moeda britânica. Os capítulos se dividem em: “O país”, “O povo – costumes

e modos”, “Britânicos na Guerra”, “Linguagem americana X inglesa”, “Alguns pontos importantes (faça e não faça)” e “Tabela da moeda britânica”¹⁵ (WAR DEPARTMENT, 1942).

Cada capítulo é subdividido em tópicos, todos com textos pequenos e diretos, como, por exemplo, no capítulo “O país”, encontramos os subtítulos “Idade em vez de tamanho”, “Lembre-se de que existe uma Guerra em andamento”, “A Grã-Bretanha é o berço da democracia” (WAR DEPARTMENT, 1942)¹⁶.

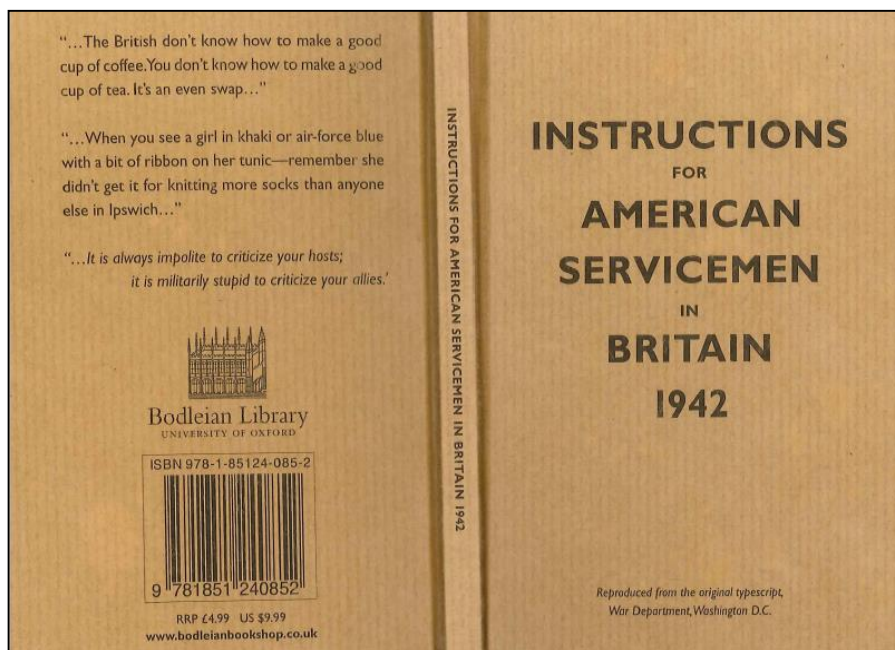


Figura 6 - Fonte: acervo do Imperial War Museum.

O manual, *Instructions for British Servicemen in France (1944)*, também chamado como Guia de sobrevivência para soldados na França, foi produzido em 1944 pelo Escritório Executivo de Guerra Política (*Political Warfare Executive - PWE*) e emitido pelo Ministério das Relações Exteriores de Londres (*Foreign Office*).

Publicado em 2005, possui 56 páginas, dividido em um prefácio e mais 15 capítulos e por último, figuras de sinais de placas de trânsito da Grã-Bretanha. Possui o idioma em inglês e dimensões 11,4 x 0,9 x 15,2, com formato de livro de bolso, capa dura lisa com o título escrito em letras maiores em negrito. Assim como o manual norte-americano, pode ser facilmente portado, por ser pequeno e de fácil manuseio, como podemos observar na figura 7.

¹⁵Do original: “The Country, The People – Their Customs and Manner’s, Britain at War, English Versus American Language, Some Important Do’s and Don’ts e Table of British Currency”.

¹⁶Do original: “Age instead of size, remember there’s a war on, Britain the cradle of democracy”.

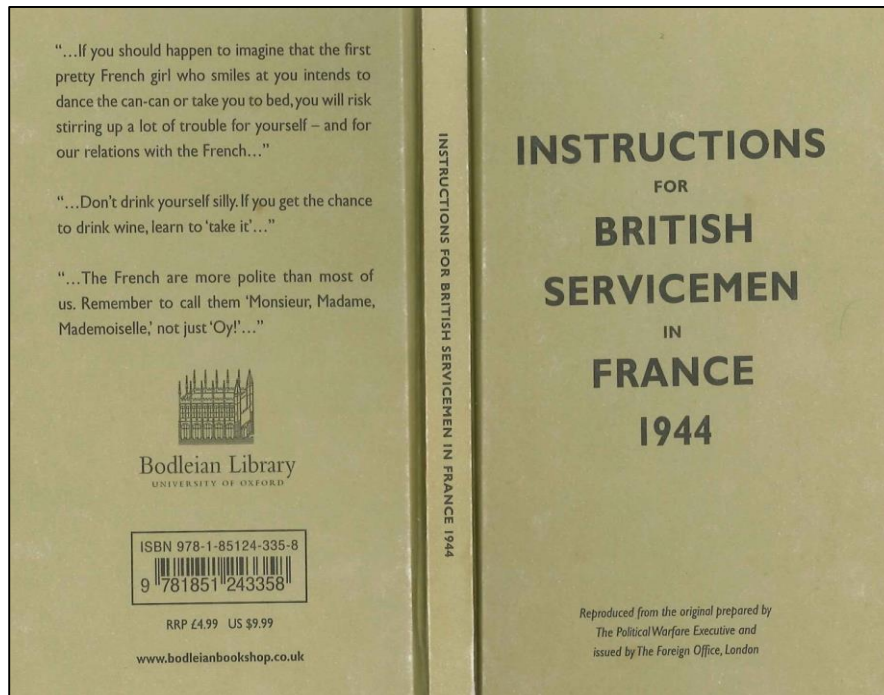


Figura 7- Fonte: Acervo do Imperial War Museum.

Está dividido nos seguintes capítulos: “França, O que significa a ocupação”, “O país”, “A formação da França”, “O que o povo francês gosta”, “Como é governada”, “O que pensam de nós”, “Sua vida no país”, “Moeda”, “O que fazer, não fazer”, “Se fazendo entender”, “Palavras e frases”, “Pesos e medidas”, “Segurança” e, por último, “Sinalização”¹⁷. Em cada capítulo, também temos subtítulos “Sua vida no país”, está dividido em: “Comida”, “Bebida”, “Mulheres”, “Divertimento”, “Esportes”, “A regra da estrada” e “Comportamento (THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE, 1944)”¹⁸.

Nos três manuais, utilizam a estratégia de um direcionamento ao leitor, no caso aos soldados, como observamos nos manuais norte-americanos e no manual britânico, respectivamente:

VOCÊ está indo para Grã-Bretanha como aliado ofensivo. Você será um convidado britânico para encontrar Hitler e abatê-lo em seu próprio território [...] você derrota a propaganda inimiga não negando as diferenças existentes, mas sim as admitindo abertamente [...] VOCÊ vai descobrir que a Inglaterra é um país muito pequeno (WAR DEPARTMENT, 1942, p. 03)¹⁹.

¹⁷ Do original: “France, What Occupation Has Meant, The Country, The Making of France, What are the French people like?, How France was governed, What do the French think of Us?, Your own life in the country, Money, Do’s, Don’ts, Making yourself understood, words and phrases, weights and measures, security note e road signs”.

¹⁸ Do original: “Food”, “Drink”, “Women”, “Entertainment”, “Sports”, The rule of the road” e “Behaviour”.

¹⁹ Do original: “YOU are going to Great Britain as part of an Allied offensive – to meet Hitler and beat him on his own ground. For the time being you will be Britain’s guest. [...] You defeat enemy propaganda not by admitting them openly and then trying to understand them [...] YOU will find out right away that England is a small country”.

VOCÊ está prestes a desempenhar um papel pessoal ao empurrar os alemães para fora da França. Seja qual for sua função - mecânico, piloto, funcionário, artilheiro - você será um fator essencial em um grande esforço (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 01)²⁰

Uma nova frente está se dirigindo para França, e isso inclui você. Você irá pessoalmente ajudar a retirar os alemães desse país e mandá-los de volta para o lugar a que eles pertencem [...] você provavelmente não está encontrando os franceses pela primeira vez [...] você pode estar certo de que os franceses irão reconquistar a liberdade (THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE, 1944, p. 4).²¹

Notamos nos três manuais o uso do pronome na segunda pessoa, “você”, o que dá um tom de maior carga e prescrição nas instruções, ficando mais interpelativo, passando a ideia de que o soldado era responsável direto para vencer o inimigo, indicando claramente um direcionamento nas ordens. Estas ordens tinham o objetivo de transformar atitudes e comportamentos através da mobilização da palavra escrita.

Segundo o site da *Bodleian Libraries* (<http://www.bodleian.ox.ac.uk/>), estes dois manuais ficaram entre os títulos de história mais vendidos em 2006, ficando no top 20 dos livros de história. O *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)*, foi classificado como o nono best-seller com quase 29 mil cópias vendidas em 2006 e considerado pela Grã-Bretanha na época em que foi lançado, como um bom guia para entender o comportamento dos britânicos.

Por último, temos o manual *112 Gripes about the French*, publicado originalmente em 1945, pelo Departamento de Guerra dos Estados Unidos, sendo que a cópia fac-similar que utilizamos foi produzida pela *Bodleian Library*, biblioteca da Universidade de Oxford em 2013, com ISBN: 978 1 85124 039 5. Este guia foi um complemento do *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)*, com queixas comuns sobre os franceses, trazendo as possíveis soluções para promover a compreensão entre os soldados. Assim como no outro manual norte-americano produzido para os soldados na França, o *112 Gripes* (figura 8) utiliza muitos desenhos ao invés de fotografias como um recurso de ser mais didático e de chamar mais atenção do leitor.

²⁰ Do original: “YOU are about to play a personal part in pushing the Germans out of France. Whatever path you take - mechanic, pilot, clerk, gunner -you will be an essential factor in a great effort”.

²¹ Do original: “A NEW B.E.F., which includes you, is going to France. You are to assist personally in pushing the Germans out of France and back where they belong. In the process, you will meet the French, maybe not for the first time, be seeing a country which has been subjected to German occupation for several years”.

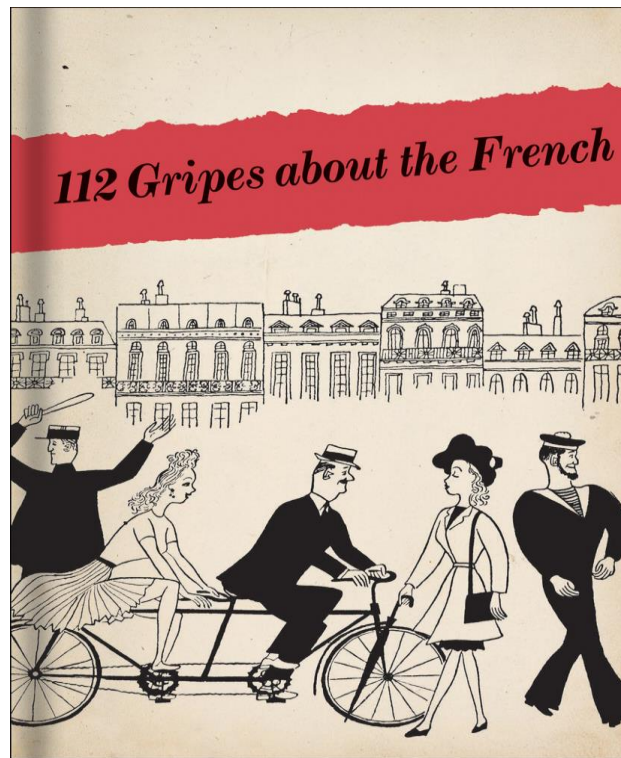


Figura 8 –Fonte: <http://press.uchicago.edu/ucp/books/book/distributed/Other/bo16803783.html>, acesso 07/11/17 às 21h59.

Contém 105 páginas, idioma em inglês, com muitas figuras e dividido em nove capítulos: "Introdução" "Prefácio", "Franceses e nós", "Os franceses", "Os franceses e os alemães", "preços", "O mercado negro", "Aqueles soldados franceses", "Colaboração francesa", "Eles se safaram muito facilmente nesta guerra" e "Política francesa" (INFORMATION & EDUCATION DIVISION, 1945).²²

De início já podemos observar algumas semelhanças nos formatos desses manuais, todos com capa brochura, livros de bolsos, curtos, com uma linguagem de fácil entendimento e muito diretos. As semelhanças não foram coincidências, fizeram parte de uma estratégia política dos Aliados, de um resultado de uma guerra moderna, que investiu na propaganda contra o eixo e no fortalecimento das relações entre os países.

Porém, alguns questionamentos se fazem necessários para entendermos como estes folhetos fizeram parte de um projeto educacional de formação militar de um tipo de soldado que se integrou numa nova cultura. Começaremos por perceber através da documentação, quem era este soldado e quais foram as estratégias usadas pelos Estados britânico e americano a fim de moldar o comportamento destes combatentes dentro de uma nova dinâmica social.

²² Do original: "Introduction" "Foreword", "The French and US", "The French", "The French and the Germans" "Prices", "The Black Market", "Those French soldiers", "French collaboration", "They got off pretty easy in this war", "French politics".

3- A EDUCAÇÃO DO “SOLDADO CIDADÃO”

Seja amigável sempre, mas não se intrometa onde não for chamado. Não coma muito quando convidado para qualquer evento, você estará comendo parte da ração de alguém. Não faça piadas do sotaque ou da linguagem; você também tem sotaques engraçados para eles, mas eles não irão fazer pouco ou brincar com isso. Evite comentários políticos. Não fique falando sobre a vitória da América na última guerra e nem faça comentários sobre qualquer derrota britânica (WAR DEPARTMENT, Washington, 1942).

Seja natural, mas não se sinta em casa. Nunca critique a defesa do exército francês de 1940. Não entre em discussões sobre política ou religião. Não coma demais nem dentro nem fora das casas dos franceses. Não beba para ficar feito tolo. Não seja extravagante. Os franceses são muito educados; então lembrem sempre de chamá-los de “monsieur, madame, mademoiselle” (THE POLITICAL EXECUTIVE WARFARE, London, 1944).

Se uma senhora te convidar para uma refeição com ela e sua família, vá com calma. Ela fará o melhor para que tudo esteja delicioso; mas o que está à mesa pode ser tudo o que eles têm. E dê uma mãozinha a ela na casa para ajudar com o trabalho extra que você dará por estar lá. A França tem sido representada muito frequentemente na ficção como uma nação frívola onde piscadelas manhosas e tímidos tapinhas “na traseira” são a forma aceitável de abordagem. É melhor você se livrar dessas noções agora mesmo se quiser ficar longe de problemas (ARMY SERVICES FORCES UNITED STATES, Chicago, 1944).

Estas citações acima foram instruções direcionadas aos soldados americanos que se dirigiam para Grã-Bretanha e França em 1942 e 1944, e para os britânicos, mandados à França também em 1944. As orientações foram pensadas para tentar moldar o comportamento do combatente americano e britânico na Segunda Guerra Mundial, frente ao habitante local. Assim, nosso objetivo nesta seção, foi analisar comparativamente as estratégias educacionais utilizadas pelos Estados americano e britânico através dos manuais para educar este soldado, atentando para as diferenças e semelhanças entre eles.

Em se tratando de um conflito que teve diversas amplitudes, há várias formas de abordá-lo. Narrar as batalhas sangrentas em que os soldados lutaram, pensar nos tipos de armamentos, nas atrocidades cometidas com o lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, o holocausto praticado pelos nazistas ou o dia a dia penoso de um soldado no *front*. Dentro desse cenário, escolhemos por mostrar manuais militares como instrumentos educacionais, que ensinavam condutas adequadas, de acordo com as idealizações do governo.

Além de manuais que certamente ensinavam a manejar armas, como fazer sabotagens e disfarces, parece contraditório pensarmos em folhetos destinados a soldados que ensinavam a

serem gentis, compreensíveis e amigos, tendo em mente o ambiente militar, rígido e de práticas punitivas.

Porém, estes manuais comportamentais mostraram que o Estado idealizava um tipo de soldado que deveria, além de fazer vencer a guerra, passar a imagem do seu país como civilizado. Isso nos levou a pensar que os EUA e Grã-Bretanha fez instruções para um tipo de soldado que foi comum durante a Segunda Guerra, o “soldado cidadão”. Ou seja, homens que em sua maioria não eram militares profissionais, mas civis que tiveram que se transformar em combatentes por conta da necessidade do conflito.

Quando pensamos em educação logo nos vem à mente o ambiente escolar, com um professor à frente ensinando uma matéria e alunos sentados em carteiras assimilando um conhecimento. No entanto, se formos para um conceito, encontramos um campo mais amplo, que não trata apenas da instituição escolar, das práticas escolares e da cultura material dessa instituição de modo específico.

Neste trabalho, consideramos a educação para além do ensino delimitados ao espaço institucional escolar, dos vínculos e afinidades eletivas com essa instituição e com as formas específicas de educação que se processam em seu interior. Assim, ela é um processo de formação do homem, que envolve a polidez, cortesia, instrução e disciplina. Implica a inserção dos indivíduos no social para além do universo escolar.

No que diz respeito às orientações nos manuais estudados, o modelo tradicional escolar de aprendizado é quebrado a partir do momento em que o soldado enfrenta um contexto limite, no qual é necessário um modo rápido e efetivo de absorção das ideias, dos valores e da ética comportamental que deveria nortear sua atuação militar no ambiente para o qual foi recrutado, especialmente se tratando de um indivíduo que nunca tinha participado de um conflito. Os soldados foram instruídos a adquirirem disciplina em todos seus atos, a inculcarem as instruções não como simples hábitos, mas internalizarem em suas atitudes, demonstrando prudência e moralidade, tudo de acordo com o pensamento idealizado pelo Estado.

Pensando na guerra, encontramos um cenário que exigiu um modo próprio de ensinar condutas para atender as necessidades do governo, servindo para alcançar padrões de comportamentos. Um instrumento para tentar alcançar a educação do “soldado cidadão” foi a leitura de manuais, pois, através dela, era possível transmitir de modo objetivo e claro os valores e normas que os autores e editores queriam alcançar. Conforme Leão (2007, p. 61), “quem difunde livros difunde ideias e valores, decide o que é permitido e o que é proibido existir, intervém na íntima estrutura das emoções formando sensibilidades”.

Dessa maneira, como o homem é um ser socialmente construído, a educação tem um papel fundamental para ditar comportamentos. Neste sentido, os manuais serviram para polir este indivíduo que em sua maioria não eram soldados experientes, pois, como diz Melo (2015),

Transitar do mundo civil para o mundo militar requer habilidades e noções específicas; requer a sensibilidade de se perceber em uma nova posição social, com novas funções, novos valores, novos deveres. Cumpre-se com uma função, estabelecida para cada força armada. Particularmente em períodos de guerra, esse alistamento e recrutamento acontecem em meio ao sentimento de patriotismo, que leva estes indivíduos a cumprirem com seu papel social da maneira que podem, pela maneira que são permitidos (MELO 2015, p.49).

Nesta seção, focaremos na análise dos manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)*, *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)* e *Instructions for British Servicemen in France (1944)*, procurando perceber as estratégias educacionais dos Estados Unidos e Grã-Bretanha para instruir os soldados norte-americanos e britânicos, observando as diferenças e singularidades.

3.1 – A EDUCAÇÃO DO “SOLDADO CIDADÃO” NORTE-AMERICANO

Partimos do ponto da dominação que os Estados Unidos buscaram impor, sobretudo a partir do século XX, para tentarmos compreender que as instruções contidas nos manuais americanos também serviam para representar o imperialismo estadunidense, uma referência ao comportamento autoritário de interferência militar, cultural, política, geográfica e econômica dos americanos sobre os outros países. Focaremos nestas influências através das ordenações passadas aos soldados, percebendo como de maneira sutil, muitas vezes nas entrelinhas, os americanos impuseram a sua política, que gerou muitas vezes uma cultura de dominação.

No caso dos Estados Unidos, o imperialismo está enraizado na crença do diferencial em relação aos demais países do mundo em que teria como missão a difusão dos ideais de liberdade, igualdade e democracia. Esta propagação ficou mais nítida a partir do mandato do presidente *Franklin Delano Roosevelt*, num contexto de democracia liberal e de afirmação de uma política externa democrática.

Segundo Resende (2009), esta política foi baseada na crença que os americanos são excepcionais, ou seja, que os EUA gozam de uma condição única no mundo. Tal mito diz que a nação americana possui condições singulares como um sentido peculiar de individualismo

igualitário, a organização da liberdade capaz de produzir um tipo de liberalismo americano, a carta constitucional, entre outros. Estes preceitos acabam sendo reproduzidos no imaginário coletivo nacional, criando a ideia de dominação e superioridade dos EUA em relação a outras culturas e países (RESENDE, 2009, p. 236-237).

Essa propagação esteve fortemente presente durante a Segunda Guerra, através das dos acordos firmados. Segundo Assis (2017, p.109), a criação dos manuais seria reflexo da política de alianças formada entre Inglaterra, Estados Unidos e França. Ainda não sabemos de quem partiu a ideia da criação dos manuais, se dos EUA ou da Grã-Bretanha, porém, todos os folhetos encontrados até então, os primeiros datam de 1942 e foram criados pelo Departamento de Guerra estadunidense. Não podemos afirmar que realmente a iniciativa partiu dos americanos, mas consideramos proveitoso pensar que os manuais escritos em 1942 podem ter influenciado os demais, produzidos em 1944 e 1945.

Portanto, inicialmente observamos quais estratégias educacionais foram usadas pelo Estado norte-americano nos manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* e *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)*, para tentar fazer o soldado forte não só fisicamente, mas ideologicamente, impondo sua dominação. Afinal, qualquer livro escrito passa por uma produção e intencionalidade, desde o ato da escrita, técnicas e intervenções, como dos revisores e livreiros editores (CHARTIER, 2007, p. 12).

Em cada manual, tivemos instruções direcionadas aos soldados norte-americanos quando foram enviados para Grã-Bretanha e França. Apesar de terem sido produzidos pelo mesmo país, houve uma preocupação com as diferenças culturais das nações no qual os soldados atuaram, e isso trouxe mudanças nos folhetos.

Observamos nas análises, que uma das táticas usadas para instruir estes soldados era a especificidade, ou seja, as ordens eram adaptadas para o país que o soldado se dirigia. Ao combatente que foi recrutado para Grã-Bretanha, era ensinado que existia uma monarquia, mas que quem governava era o parlamento, demonstrando uma preocupação em explicar que apesar dos britânicos terem reis e rainhas, o poder não estava concentrado nas mãos deles. Instruía que tanto os americanos quanto os britânicos eram representantes da democracia, justamente para que o soldado não criticasse o tipo de governo inglês ou não achassem que eles não representavam a doutrina democrática (WAR DEPARTMENT, 1942, p. 09).

Havia uma preocupação em lembrar aos soldados dos ideais que estavam em jogo na guerra, afinal, a luta era de regimes democráticos (Estados Unidos e Grã-Bretanha), contra regimes fascistas (Alemanha e Itália) e, para não haver nenhuma divergência quanto a este

objetivo, a diferença entre as formas de governo foram exploradas, como podemos ver no manual destinado aos soldados que se dirigiam a Grã-Bretanha:

Embora você leia em muitos jornais e papéis sobre lordes e senhores, a Inglaterra é ainda um dos maiores berços da democracia e também o berço da liberdade americana. Algumas leis e regras pessoais dos reis já estão extintas há milhares de anos. Hoje o rei reina, mas não governa. O povo britânico tem grande apreço pelo monarca, mas tem retirado dele praticamente todo poder político. Hoje o poder do rei tem sido transferido para o parlamento, o primeiro ministro e seu gabinete. O parlamento britânico tem sido chamado de mãe de todos os parlamentos porque quase todos os corpos representativos do mundo têm copiado o modelo britânico (WAR DEPARTAMENT, 1942, p. 12 e 13)²³.

Na França, que desde 1940 estava ocupada pelos nazistas, foi descrita como “a pedra angular da liberdade” antes da chegada dos alemães. Os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade que marcaram o iluminismo no século XVIII foram lembrados, numa defesa de críticas que poderiam surgir a uma França governada por um governo ditatorial, porém, omitindo os casos de apoio dos franceses ao regime nazista.

A História dos países foi outra estratégia usada pelos manuais norte-americanos para afirmar o poder da Grã-Bretanha e, sobretudo, da França, mostrando que os soldados estadunidenses estavam indo lutar juntos, salvar os franceses das mãos do inimigo. Entretanto, mesmo estas nações precisando de ajuda naquele momento, os manuais colocavam lembranças de que foram vitoriosas e fortes em muitos momentos para que não houvesse casos de diminuição dos seus esforços de guerra. No manual para França, vemos este exemplo:

Não esqueça que o amante da liberdade Lafayette e seus amigos arriscaram suas vidas e fortunas para vir em auxílio ao General George Washington em um momento da nossa incipiente história no qual tínhamos quase o mundo todo contra nós. Na Guerra de Independência a qual nosso exército maltrapilho lutava, cada homem e cada bala contavam. Os franceses nos deram seus braços e seu sangue quando eles mais importavam. Uns 45 mil franceses cruzaram o Atlântico para nos socorrer. Eles vieram em pequenas embarcações abarrotadas, de umas duzentas ou trezentas toneladas, levando dois meses ou mais para realizar a viagem. Nós não tínhamos engenheiros militares; os engenheiros franceses planejaram e construíram nossas fortificações. Nós tínhamos pouco dinheiro; os franceses nos emprestaram

²³ Do original: “Although you’ll read in the papers about “lords” and “sirs”, England is still one of the great democracies and the cradle of many American liberties. Personal rule by the Kings has been dead in England for nearly a thousand years. Today the King reigns, but does not govern. The British people have great affection for their monarch but they have stripped him of practically all political power. Today the old power of the King has been shifted to Parliament, the Prime Minister, and his Cabinet. The British Parliament has been called the mother of parliaments, because almost all the representative bodies in the world have been copied from it”.

mais de seis milhões de dólares e nos deram mais três milhões (ARMY SERVICES FORCES UNITED STATES, 1944, p.20)²⁴.

Em muitos momentos, os norte-americanos tentaram colocar a outra nação (Grã-Bretanha e França) como fortes representantes da democracia e destacaram os papéis de ambos os países como importantes na guerra. Porém, em várias partes nos dois manuais, os Estados Unidos transmitem a sua cultura como superiores em alguns pontos de forma naturalizada. Isso trouxe contradições e em muito revelou a política externa estadunidense de afirmar relações e do exercício do poder por diversos meios, presentes até hoje, por exemplo, através da indústria cinematográfica, que dissemina o modo de vida dos EUA (*American way of life*).

No folheto destinado aos soldados na Grã-Bretanha, na lista do que os combatentes não poderiam falar, o manual alertava para não fazer piadas sobre salário e dizia que apesar do americano ganhar mais que qualquer outro soldado, isso não deveria ser motivo para se enaltecer e depreciar seu aliado. Essas e outras passagens mostraram a contradição que existia, afinal, o soldado não deveria ser um exibido, mas no fundo necessitava ter a consciência que os norte-americanos eram superiores, que eram eles que dariam conta do recado.

Muitas bibliografias militares americanas identificam os seus soldados como homens engajados que faziam o que deveria ser feito, disciplinados, além de libertadores. Um exemplo disso vem de Sthepan E. Ambrose no livro “Soldados Cidadãos” (2010, p. 388) em que o autor afirma que a maioria dos soldados americanos fazia seu trabalho, combatia dignamente, conseguia manter-se longe de problemas sérios e, de um modo geral, era considerado uma força formada por “bons sujeitos” e que os que fraquejavam moralmente era por culpa do álcool.

Não queremos dizer que não existiam soldados leais que cumpriram bem seu papel, pois a história mostra quantos homens morreram lutando nos conflitos. Porém, muito dos relatos a respeito das tropas veio do mito do soldado herói e também porque é da cultura americana, esta ideia de que são singulares e superiores, que foi reproduzida nos manuais.

Além de lembrar as vitórias da Grã-Bretanha e França, outra estratégia utilizada foi o uso da história dos países a fim de que o soldado conhecesse o lugar o qual estava indo, afinal,

²⁴ Do original: “Don’t forget that liberty loving Lafayette and his friends risked theirs lives and fortunes to come to the aid of General George Washington at a moment in our opening history when nearly all the world was against us. In the War for Independence which our ragged army was fighting, every man and each bullet counted. Some 45,000 Frenchmen crossed the Atlantic to help us. They came in cramped little ships of two or three hundred tons requiring two months or more for the crossing. We had no military engineers; French engineers designed and built our fortifications. We had little money; the French lent us over six million dollars and gave us over three million more”.

grande parte dos combatentes americanos era constituído de indivíduos que muitas vezes nunca haviam viajado, como mostra o autor Maximiano (2010):

As organizações militares dos países envolvidos sofreram adicionalmente uma radical transformação estrutural: deixaram de ser, ao menos no decorrer do conflito, forças formadas exclusivamente por profissionais e passaram a consistir em corporações cuja proporção de civis convocados era avassaladora em relação aos militares de carreira (...) o Exército Americano tinha 16.624 oficiais e 249.441 praças quando Hitler invadiu a França em 1940, atingindo ao término das hostilidades o volumoso contingente de 772.863 oficiais e 7.305.854 praças (sem contar os *Marines*, Guarda Costeira e a Marinha de Guerra) (MAXIMIANO, 2010, p. 361).

Isso demonstrou uma das motivações para a criação dos manuais. O fato de não serem militares, ocasionava muitas situações que deixava claro o despreparo dos soldados. Não foram poucas as histórias que relatavam casos em que eles não sabiam agir muitas vezes por falta de treinamento. Porém, ressaltamos que mesmo os militares de carreira tiveram que lidar com uma guerra de grandes proporções e que enfrentaram muitas dificuldades, com as atrocidades em níveis alarmantes e com os embates de culturas diferentes.

Na batalha da Normandia, temos um exemplo do despreparo de combatentes, quando tentavam tirar alemães de uma casa numa fazenda, um general perguntou a um capitão porque seus homens não estavam esforçando-se para tomar a edificação, e o próprio general acabou mostrando aos soldados como se deveria fazer. No final, ele disse ao capitão: “você viu como tomar uma casa? Bem, não estarei aqui por perto da próxima vez para fazê-lo para você”. A diferença era que este general havia sido treinado antes, ao contrário do capitão que liderava o grupo, que seria obrigado, juntamente com seus soldados, a descobrirem como fazerem sozinhos em uma próxima vez (AMBROSE, 2010, p. 43).

Além desse relato, temos outros que demonstravam que estes soldados em sua maioria eram jovens inexperientes. O praça William Craft, de 20 anos de idade, recrutado no fim de 1942, jamais havia saído da sua cidade natal, “a primeira vez em que pôs os pés num trem foi quando se dirigiu para o acampamento de recrutas da marinha. Um ano depois, estava na Normandia, como fuzileiro do 314º Regimento de Infantaria”. Dentre esses, muitos eram ricos e bem sucedidos. Era o zagueiro do time do campeonato de colégios, o monitor da classe, o campeão de xadrez, o solista do concerto de primavera, o ator principal da peça de teatro, mas, também havia aqueles de classe mais baixa e com pouca instrução (AMBROSE, 2010, p. 67 e 181-182).

Portanto, a composição do exército norte-americano, em sua maioria, eram “cidadãos soldados”, ou seja, homens convocados que se transformaram em militares por conta da necessidade da guerra (MAXIMIANO, 2010, p. 28). Vale ressaltar que muitos destes eram negros e que não tinham o mesmo tratamento devido à cor da pele. Houve, inclusive, vários relatos de racismo dentro do exército americano, porém, nos dois manuais, não há nenhuma instrução quanto ao tratamento com afrodescendentes. Isso provavelmente demonstra que eram casos que o Estado preferia abafar, já que ter um exército segregado era contraditório, pois, a nação representante da democracia que lutava contra o exército intolerante de Hitler, possuía uma tropa racista, formada por negros e indígenas, que eram excluídos socialmente.

No exército americano, os negros no geral tinham tratamentos diferentes, como diz Ambrose (2010, p. 402), “o racismo dominou tão fortemente no exército quanto no Sul. Os negros tinham suas próprias unidades, refeitórios, alojamentos, tribunais”. Os soldados afrodescendentes escreviam reclamando e indagando se todos estavam no mesmo time, lutando pelos mesmos ideais. As mulheres negras, que já sofriam preconceito pelo fato de serem mulheres, também tiveram de enfrentar dificuldades por causa da cor da pele. O exército americano estabeleceu limite à presença de mulheres negras em suas fileiras. Quando a guerra acabou, das 60 mil enfermeiras, 479 eram afrodescendentes, pois era impensável haver enfermeiras negras cuidando de soldados brancos (QUÉTEL, 2009).

Ainda observamos outras estratégias que foram utilizadas pelo Estado americano para educação do soldado. Uma delas, presente nos dois manuais, foi o uso da comparação entre a realidade do soldado americano com a francesa, quando dizia que a cidade da Normandia (França), se parecia com a de Ohio (Estados Unidos) e que Paris não era a França, assim como Nova York não era os Estados Unidos.

O folheto *Instruções para Soldados Americanos na Grã-Bretanha (1942)* também fez comparações como essas quando disse que a Inglaterra é um país pequeno, menor do que a Carolina do Norte e Iowa, estados americanos. Este uso da comparação como estratégia servia para apresentar a nova realidade ao soldado e fazer com que o país no qual ele iria não parecesse tão distante do seu conhecimento.

Os dois manuais, foram também uma espécie de guia informativo que apresentava os países aos soldados. No destinado a Grã-Bretanha, foi ensinada que a moeda britânica é a libra, que a chuva é como uma garoa, que a bebida preferida é a cerveja, o esporte o *football* e que os soldados estadunidenses deveriam ser amigos dos britânicos.

No folheto destinado aos soldados norte-americanos que foram para França, além das informações, ilustrações, talvez numa tentativa de parecer mais simpático, retrataram o povo

francês como caloroso, de braços abertos, fazendo uma alusão à chegada do exército norte-americano, com a seguinte legenda: "você provavelmente receberá uma recepção calorosa do francês", como mostra a figura 9 abaixo:



"You will probably get a rousing welcome from the French."

Figura 9 – Fonte: WAR DEPARTMENT, **Instructions for American Servicemen in France during world war**. ARMY SERVICES FORCES UNITED STATES, Chicago, 1944.

Apesar dos manuais colocarem os habitantes do país como gentis, receptíveis, como ilustra a figura 9, o folheto não citou as intrigas existentes entre franceses e norte-americanos, como observaremos melhor na última seção desta dissertação, na análise do *112 Gripes about the French*, que contém as reclamações dos americanos em relação aos franceses. O livreto não alertava das desconfianças existentes, mas ao contrário, dizia que os franceses estavam ansiosos à espera dos libertadores, o que gerou decepções em alguns soldados estadunidenses que esperavam um povo de braços abertos e acabaram encontrando pessoas desacreditadas e até mesmo contra os americanos.

Isso fazia parte de uma estratégia do Estado, tentar fazer com que o soldado sentisse como se estivesse indo para outro país que o receberia de forma amistosa e que os manuais serviriam como um guia, fazendo com que o soldado tentasse se imaginar como se fosse num lugar turístico, de lazer, no qual buscariam todas as informações sobre o lugar. Ao soldado que se dirigia para França, o Estado trouxe todo tipo de informação: como pegar um trem, o gosto

dos franceses por um bom vinho ao invés de cerveja e os lugares preferidos frequentados por eles, como os cafés:

Um dos locais de entretenimento público em todo o centro de cidades francesas são os cafés. Para os franceses, o café é muito mais e muito menos que um bar. É o centro de socialização. Para lá um homem leva sua família em uma tarde ou após a refeição da noite para tomar um café, um copo de cerveja ou uma taça de vinho, para conversar, para encontrar os amigos ou para ler jornal. Os cafés mantem os jornais diários nas prateleiras para uso dos clientes²⁵ (ARMY SERVICES FORCES UNITED STATES, 1944 p. 03).

Ao que foi convocado para Grã-Bretanha, o folheto também tinha a mesma forma de estratégia de apresentar o país:

Os britânicos têm muitos teatros e cinemas como nós, mas o lugar de maior divertimento são os “pubs”. Pub (ou casa pública) é o que podemos chamar de taverna ou barzinho. A bebida comum é a cerveja. O *Whisky* não é muito usado, os britânicos são mais usuários de cerveja²⁶ (WAR DEPARTMENT, 1942, p. 17).

A indicação dos costumes de cada nação foi algo comum nos manuais de instruções para soldados. A ideia era que fosse evitado qualquer tipo de choque, reprovação ou crítica. Aos soldados americanos que foram para Grã-Bretanha, pedia que se esforçassem para irem às igrejas com os britânicos, que jogassem o *football*. Tudo isso a fim de ordenar que eles tornassem a convivência a melhor possível, numa tentativa de diminuir as queixas que pudessem enfraquecer as alianças, além de resolver problemas, inclusive criminais entre os soldados das forças aliadas.

Observamos que havia a atenção de relatar que a França não era somente Paris. Mas, que os franceses em sua maioria, naquela época viviam em cidades que o manual colocava como provincianas. Porém, apesar do termo que dá ideia de uma França atrasada, que mantinha culturas tradicionais, inclusive pouco desenvolvidas, o manual ao mesmo tempo elevava o país quando dizia: "os provincianos franceses são aqueles que verdadeiramente mantêm o país

²⁵ Do original: “Public entertainment in any French town centers in its cafés. To the French the café is much more and much less than a bar. It’s the social center. There man takes his family of an afternoon or after the evening meal to have a coffee, a glass of beer or wine, to talk, meet friends or read the papers. The cafés keep the daily newspapers on racks for their customers’ use”.

²⁶ Do original: “The British have theaters and movies (which they call “cinemas) as we do. Bu the great place of recreation is the “pub”. A pub, or public house, is what we could call a bar or tavern. The usual drink is beer, which is not a imitation of German beer as our beer is, but ale. Not much whiskey is now being drunk”.

caminhando. Eles são as pessoas comuns. Eles fazem a França. Eles são a França” (ARMY SERVICES FORCES UNITED STATES, 1944, p. 10)²⁷.

Mais uma vez nos remete a contradições, já que existia uma crítica do Estado norte-americano de uma França com cidades atrasadas, mas, apesar de colocar os franceses como provincianos, o manual também os apontava como pessoas que faziam a França, elevando a moral do país em um contexto que estavam sendo acusados de cometerem muitas falhas que levaram a invasão alemã em 1940.

Nos folhetos, também foram colocados os estereótipos criados, ou seja, a imagem que os Estados Unidos tinham dos franceses e dos britânicos. Aos soldados que foram para França, uma lista com seis características do povo francês foi apresentada, mostrando que eles tinham raciocínio rápido, econômicos, realistas, bons de cozinha, bons de conversas, individualistas e tradicionais (ARMY SERVICES FORCES UNITED STATES, 1944, p. 02). Dos britânicos, foi dito que eram firmes, tímidos em demonstrar sentimentos e honestos. Tudo isso numa tentativa de desmistificar a imagem que os americanos tinham dos europeus como um povo atrasado.

Por último, observamos que outra estratégia usada pelo Estado norte-americano para educação do soldado consistiu numa preocupação com a linguagem, afinal, se as tropas eram incentivadas a terem uma boa relação com a população local, precisavam se entender.

Assim, houve alertas com as diferenças de sotaques e com gírias inglesas que os soldados poderiam não entender. No manual destinado aos combatentes na França, uma atenção maior foi dada nesse aspecto, visto que o francês difere muito da língua inglesa. No último capítulo do folheto foi dada uma espécie de dicionário com várias expressões francesas com a respectiva tradução para o inglês.

Como vimos, são manuais com intenções diversas e estrategicamente elaborados, com ordens impostas de uma maneira que para o soldado fosse civilizado e natural seguir aquele comportamento. Ao mesmo tempo, demonstraram a crença na superioridade americana, ao colocarem os estadunidenses como os representantes da democracia.

Segundo Norbert Elias na teoria do Processo Civilizador (2011), em cada época existe padrões de comportamento considerados civilizados que diferem de uma sociedade para outra e que vai mudando por meio de um lento processo. Elias diz que há uma preocupação do

²⁷ Do original: “The French provinces are all of France – except Paris and the lie de France district immediately surrounding it. So the France provinces and the people in them are the major and most representative parte of the country. The French provincials are the people who really keep the country going. They are the ordinary, average people. They make France. They are France”.

indivíduo se o comportamento está em conformidade com o meio social no qual está inserido. Para o autor, quando não existe essa inserção no comportamento dito civilizado, há o estranhamento, ou seja, a reprovação. Quando os Estados britânico e americano criaram manuais que ensinavam comportamentos adequados dentro de uma sociedade com costumes diferentes, se relaciona de certo modo, ao que Norbert Elias diz, ou seja, a fim de que evitasse os choques culturais, o soldado deveria se adequar as regras e hábitos daquela sociedade, numa projeção de um comportamento ideal.

Nos dois folhetos percebemos esse direcionamento, quando pediam, por exemplo, ao soldado que se dirigia para Grã-Bretanha que fosse cavalheiro, cedendo à vez nos jogos ou quando instruía o combatente que ia para França que os franceses pagavam os 10% ao garçom e que o americano deveria fazer o mesmo. Esta idealização projetada a fim de se encaixar num determinado meio, relaciona-se ao conceito de autoimagem de Elias (2011) que observamos constantemente presente nos dois manuais. Ou seja, para se encaixar num determinado meio social, o indivíduo projeta um comportamento idealizado, uma autoimagem. Os manuais demonstram esta preocupação do Estado em pensar uma conduta civilizada do seu soldado a fim de que eles propagandassem a imagem do seu país.

Entre os dois folhetos americanos, existiram muitas semelhanças, dentre as quais, podemos citar as seguintes: a começar pelo tipo de linguagem, direta e direcionada aos combatentes; mesma atenção em dar informações aos norte-americanos a fim de conhecerem o país para o qual se dirigiam; cuidado com expressões que pudessem ser ofensivas; cautela com críticas sobre o outro país, o que era totalmente proibido e a necessidade de entenderem as restrições de uma guerra. Entretanto, percebemos que no manual destinado a quem foi para França, houve uma maior preocupação em alertar sobre as condições que os franceses viviam sob a dominação alemã e utilizou imagens, ao contrário do destinado a quem foi lutar na Grã-Bretanha.

Dentre as muitas semelhanças, a diferença mais notável entre os dois manuais é que o *Instructions for American Servicemen in France During World War (1944)*, teve uma maior atenção em elevar a moral dos franceses e alertar sobre os perigos de um país que estava sob o “jugo” nazista. Comentários sobre a derrota francesa eram totalmente proibidos, visto que muitos destas críticas eram depreciando o exército francês. Até hoje, isso é motivo de piadas entre os EUA, dizendo que os franceses se renderam, denotando como uma fraqueza.

Havia um alerta contra os infiltrados, sabotadores, que poderiam ser qualquer um, inclusive uma prostituta com quem o soldado estivesse mantendo relações, que poderia seduzi-lo e fazer com que ele falasse o que não deveria. Por isso, a vigilância contra a propaganda

alemã era ordenado: “alguns agentes secretos que tem espionado os franceses sem dúvida também irão espionar você. Mantenha sua boca fechada”²⁹ (ARMY SERVICES FORCES UNITED STATES, 1944)

Outra diferença entre os manuais norte-americanos, é que o destinado a Grã-Bretanha trouxe instruções em relação às mulheres que participaram ativamente do conflito, ao contrário do *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)*. Conforme Quénel, (2009, p. 82 e 83), a Grã-Bretanha foi o primeiro país em guerra a instituir o recrutamento de mulheres em abril de 1941. Elas vão trabalhar nas fábricas, nos campos, no comércio, na administração civil, nas ferrovias, como enfermeiras, pedreiras, entre as mais diversas profissões, assumindo funções que ficaram vazias por causa do recrutamento dos homens que foram lutar na guerra.

O manual direcionado aos soldados britânicos que foram para França, o *Instructions for British Servicemen in France 1944*, também continham instruções sobre como atuar e lidar com uma população ocupada pelo inimigo, os alemães. Para vermos como este projeto educacional foi pensado, será proveitoso analisarmos as estratégias usadas pelo Estado britânico para instrução do seu “soldado cidadão”.

3.2 – A EDUCAÇÃO DO “SOLDADO CIDADÃO” BRITÂNICO

A História da Grã-Bretanha na Segunda Guerra começou um pouco antes dos Estados Unidos. De fato, o conflito teve início em 3 de setembro de 1939 quando França e Grã-Bretanha declararam Guerra à Alemanha, após a invasão da Polônia. Em 1942 com a entrada dos americanos, inicia-se de fato a aliança entre os dois países e como uma das consequências dessa aproximação, tivemos os manuais destinados aos soldados, dentre eles, o *Instructions for British Servicemen in France (1944)*.

O manual foi escrito numa fase em que os britânicos encontravam-se em sinal de esgotamento físico e exaustão psicológica, servindo para tentar manter a moral dos combatentes. O fato da França estar ocupada pela Alemanha, fez com que o folheto investisse em alertas contra a propaganda nazista e com as sabotagens e intrigas que eles poderiam disseminar entre os franceses e britânicos.

²⁹ Do original: “The Germans are our enemies and we are theirs. Some of the secret agents who have been spying on the French will no doubt remain to spy on you. Keep a close mouth”.

Dessa maneira, como o Estado americano, a Grã-Bretanha usou de estratégias semelhantes para educar seus soldados, mas adaptadas ao fato de que iriam enfrentar os alemães num território dominado e ajudar na libertação da França. Por isso, a maior atenção do manual foi focada nesse aspecto, em instruir o que o soldado deveria fazer para tomar cuidado num território ocupado pelo inimigo, em pedir união, compreensão e em apresentar quem era a nação francesa antes da ocupação, as suas vitórias em outras guerras e a sua importância para a democracia.

Esta estratégia não foi por acaso, pois, os franceses perderam a guerra para os alemães em 1940, numa derrota muito criticada, que desmoralizou o exército e sua população e que até hoje os franceses sofrem piadas como pouco resistentes. Sobre a ocupação da França pela Alemanha, Riding (2012) diz,

A ocupação de Paris de fato ocorreu de forma quase silenciosa. A cidade perdera 60% da sua população e, exceto pelos veículos alemães, suas ruas se encontravam, desertas. As tropas nazistas ocuparam lugares estratégicos em frente aos ministérios e edifícios do exército, enquanto os oficiais de alta patente se acomodaram nos melhores hotéis da cidade [...] A suástica foi hasteada nos locais onde antes tremulava a bandeira da França, inclusive no alto da Torre Eiffel – embora pelo menos ali os elevadores paralisados obrigassem os soldados alemães a subir a pé até o topo. Em 1914, o exército do kaiser havia planejado tomar Paris em 42 dias, mas não conseguira fazê-lo; o exército de Hitler alcançara esse feito em apenas 35 dias (RIDING, 2012, p. 63).

Como vimos, a França foi invadida com facilidade pelos alemães e por isso existia uma crítica real a verdadeira resistência francesa e as suas táticas militares. Após a derrota, a parte sul se tornou zona livre, o norte, incluindo Paris, ficou administrado pelos alemães, governando a França através de um representante, o marechal Philippe Pétain, colaborador dos nazistas. Esse governo, com capital na cidade de *Vichy*, foi considerado apoiador e apontado como fascista. Por outro lado, a oposição ao regime era feita por Charles de Gaulle, um oficial francês de alta patente que liderou a resistência, também muito criticada quanto a seu funcionamento, pois iniciou-se através de pequenos grupos desordenados, de pessoas cultas e sem preparo para enfrentar o exército nazista (RIDING, 2012, p. 145)

Marc Bloch (2011) como um militar que atuou nos dois conflitos mundiais em seu testemunho, fez um exame atento das falhas do exército francês:

Nós, por nosso lado, não tentamos apenas fazer uma guerra de véspera ou de antevéspera. Quando vimos os alemães lutarem sua guerra, não soubemos ou não quisemos compreender seu ritmo, adequado às vibrações aceleradas de uma nova era. Tanto que, na verdade, foram dois adversários pertencentes cada um a uma época diferente da humanidade que se enfrentaram em nossos campos de batalha. Em resumo, repetimos os combates de zagaia contra o fuzil, familiares à nossa história colonial. Só que dessa vez éramos nós que desempenhávamos o papel de primitivos (BLOCH, 2011, p. 42).

Existiam muitos erros apontados por Bloch, desde falta de comunicação, falhas estrategistas, lentidão de pensamento, serviços de espionagem deficientes e um exército atrasado belicamente, que não reconhecia suas fraquezas: “nossa própria marcha era lenta demais e nosso espírito desprovido de prontidão para aceitar que o adversário era tão rápido” (BLOCH, 2011, p. 48). O historiador afirmou que a França vivia o conflito de 1914 (a I Guerra Mundial), enquanto os alemães uma guerra moderna e rápida.

Fora as críticas pela derrota a propaganda alemã espalhava notícias de um exército nazista forte, seguro de si, sobretudo após a rápida vitória sobre os franceses, o que abalava ainda mais a moral da França. Os próprios locais de entretenimento, como o teatro e o cinema, passaram a ser dominados pelos alemães que assistiam e fiscalizavam de perto tudo que era transmitido.

Os nazistas fizeram questão que a noite badalada parisiense continuasse existindo para que os franceses achassem que tudo estava como antes. Também, muitos artistas parisienses queriam ou precisavam continuar com seu trabalho. Alguns com a intenção de demonstrar que apesar da moral abalada, Paris não tinha perdido sua identidade de cidade luz, alegre, já outros com o objetivo de buscar favorecimentos apoiando os alemães. Isso acabava servindo para a propaganda de Hitler que tirava fotos e mostrava nos jornais os franceses se divertindo (RIDING, 2012, p. 134 e 135).

Diante disso, o manual britânico ordenava aos combatentes que jamais criticassem o exército francês e que tivessem cuidado com a propaganda alemã que poderia causar intrigas: “esteja sempre atento com a propaganda de discórdia dirigida para enfraquecer os aliados. A propaganda às vezes será velada e discreta, portanto, seja cuidadoso para não ser influenciado ou atingido”³⁰ (THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE, 1944, p. 53). Essa propaganda, além do teatro e do cinema, era transmitida por meio de jornais, cartazes e músicas que tinham

³⁰ Do original: “You must expect that propaganda will be directed to driving a wedge between the Allies. This propaganda, which may be many forms – some crude and obvious, but some subtle and hard to recognize – will be directed by enemy sympathizers and agent against your morale”.

por objetivo induzir a opinião francesa, mostrando que permanecer sob o domínio alemão era o melhor e colocando os franceses contra os aliados.

O Estado britânico, a fim de evitar os julgamentos, utilizava como estratégia relatar aos soldados a respeito do sofrimento dos franceses com os cartões de racionamento e as privações por conta da ocupação. A maior parte da população que estava acostumada a frequentar bons restaurantes, após a guerra só podia arcar com as refeições feitas em casa e aqueles que tinham dinheiro, adquiriam produtos no “mercado negro”, ou seja, itens que eram permitidos comprar porque estavam fora dos produtos da lista feita pelo governo.

Aos soldados britânicos, abaixo do tópico “o que você sentiria?”, ordens foram dadas sobre esta proibição: “comprar comida e conseguir coisas no mercado negro significa privar os pobres de adquirir qualquer alimento, prejudica ainda mais a distribuição normal de rações e a oportunidade de algum tipo de alimento chegar a pobres e crianças³¹” (THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE, 1944, p. 10). Por conta do racionamento, restaurantes franceses ofereciam dois tipos de cardápio, um oficial e outro para o “mercado negro”, correndo o risco de serem multados ou fechados. A prática da compra ilegal acabou sendo comum nos países em guerra e por isso houve alertas para que os combatentes dessem o exemplo, como soldados cidadãos que deveriam ser.

Diante de uma população com baixo ânimo, o manual alertava que os nazistas se aproveitavam para infiltrar suas ideias na França e orientava aos soldados a ficarem alertas contra as intrigas pregadas pelos alemães:

As páginas que se seguem são dedicadas aos franceses e não aos alemães que têm sido de um comportamento de mau trato em muitos países, mas na França eles têm usado a estratégia de um melhor comportamento para tentar conquistá-los para a nova ordem nazista pela Europa. Mas isso é apenas parte de um plano. O francês não tem sido vencido nem convencido disso. Eles sabem bem o que essa nova ordem significa e toda dor e crueldade que ela tem causado. A única coisa que eles almejam é ver os alemães e sua nova ordem fora de seu país e bem longe (THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE, 1944, p. 04, grifo nosso).³²

³¹ Do original: “Above all, have nothing to do with any black Market. Whatever the temptation, buying on this simply means that the poor who need food will not get it, and the return to normal distribution will be complicated and delayed”.

³² Do original: “The pages which follow are devoted to the French and not the Germans, who have incidentally behaved far worse in other countries than in France. Indeed, the individual German soldier has behaved, on the whole, remarkably correctly in France. He was ordered to do so. It was part of a plan for winning France over to the Nazi “New Order” for Europe. But the French have not been won over”.

Apesar de terem afirmado que os franceses não estavam convencidos das ideias do nazismo, o manual britânico não falou daqueles que colaboraram e foram simpatizantes, com grupos de extrema-direita³³. Os apoiadores, como políticos, escritores, artistas, intelectuais e as prisões de muitos judeus não foram retratadas, mesmo antes da invasão alemã, nem tampouco foi exposto como a França, mesmo durante a ocupação, permaneceu com a intensa efervescência cultural, com os bares, teatros, cinemas, cafés e cabarés funcionando normalmente.

Porém, apesar da colaboração, também era estratégia de Hitler tentar fazer com que os parisienses sentissem que a vida estava voltando ao normal. Quando perguntado ao *fuhrer* se ele se importava com a vida espiritual do povo francês, respondeu: “deixemos que eles se degenerem! Tanto melhor para nós”³⁴ (RIDING, 2012, p. 69). Hitler tentava mostrar que os franceses não foram apenas vencidos do ponto de vista militar, mas intelectual e cultural, chegando a proibir que nenhuma atividade cultural saísse da França, além de ter infiltrado filmes, músicas alemãs no país, numa estratégia para diminuir os franceses.

Diferentemente do manual norte-americano, o britânico utilizou a estratégia de alertar para o fato que o soldado britânico poderia não ser tão bem recepcionado, mas que ele não deveria se abalar, que apesar da propaganda alemã tentar manipular a opinião francesa, os britânicos e franceses deveriam permanecer unidos:

Devemos retribuir com toda gentileza possível porque eles têm ariscado a vida por nós. E a luta não é só deles, mas de todos que se aliaram contra Hitler. Devemos lembrar que temos uma luta juntos no solo francês e que os cemitérios britânicos são uma lembrança constante do que esses dois países têm sofrido (THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE, 1944, p. 09).³⁵

³³ A extrema-direita francesa surgiu após a Revolução Francesa de 1789, quando grande parte da nobreza destituída de seus títulos e propriedades, junto com o apoio da igreja católica, viram seu espaço e influência política diminuir. Após a revolução, viu-se um campo aberto para o pensamento da extrema-direita. Grupos radicais, como o AF (*Action Française*), ultraconservador, antissemita e antiliberal exerceu influência sob a ideologia do governo Vichy (ANDRADE, 2014).

³⁴ Os nazistas tinham uma estratégia motivada pelo complexo de inferioridade dos alemães em relação a cultura dos franceses, que havia dominado a Europa séculos atrás, pois, era Paris que ditava a moda, se destacava nas artes. Os nazistas acreditavam que a cultura francesa estava contaminada por judeus, negros e não conseguia entender como poderia ocorrer o domínio francês sob a cultura alemã (RIDING, 2012, p. 69). Tanto que durante e após a Segunda Guerra existiram unidades especiais, chamadas de *Monuments, Fine Arts, and Archives Section* (Seção de Monumentos, Belas-Artes e Arquivos), composta por 350 homens e mulheres para recuperar obras de artes roubadas pelos nazistas (Ver mais: **The Monuments Men - Os Caçadores de Tesouros**. Direção: George Clooney, EUA/ALE, 2014, Cores, 118 min).

³⁵ Do original: “Therefore we must repay as gently as possible because they have chanced their lives for us. And the struggle is not only theirs but of all who have allied against Hitler. We must remember that we have a struggle together on French soil and that British cemeteries are a constant reminder of what these two countries have suffered”.

A respeito dos britânicos, sinais de fadiga ou de desânimo no seio da aviação e do exército se multiplicaram em 1944. Essas crises geravam muitos casos de deserções, ou seja, de abandono do posto pelo soldado e trazia graves punições para os combatentes. Na Grã-Bretanha, por conta dos constantes casos de abandono, o general *Auchinleck* chegou a propor em 1942, o restabelecimento da pena de morte. De junho de 1944 ao final da guerra, registraram-se mais de 13 mil casos de distúrbios psiquiátricos (MASSON, 2011, p. 355).

Apesar de termos ocorrências de punições por desobediência, nem os manuais norte-americanos e nem o britânico fazem algum tipo de ameaça caso os soldados descumprissem as ordens. Percebemos que era uma estratégia usada pelo Estado o apelo psicológico e ideológico, lembrando que os combatentes estavam ali representando o seu país e que o comportamento deles deveria ser sempre norteado por esse pensamento.

Para Elias (1993), a coerção exercida sob o psicológico, de maneira a incutir o autocontrole, ou seja, a fim de que o próprio indivíduo seja incentivado a controlar suas ações, é um meio de controle social,

Torna-se imediatamente claro que esta maneira polida, extremamente gentil e relativamente atenciosa de corrigir alguém, sobretudo, quando exercida por um superior, é um meio muito mais forte de controle social, muito mais eficaz para inculcar hábitos duradouros do que o insulto, a zombaria ou ameaça de violência física (ELIAS, 1993, p. 93).

Norbert Elias diz que o autocontrole é um preceito da civilidade ou *civilitéé*³⁶. As práticas de civilidade seriam a racionalização do cotidiano, com a maneira do ‘dever ser’, ou seja, o conjunto de formalidades, de palavras e atos que os cidadãos adotam entre si para demonstrar respeito mútuo, boas maneiras, polidez e cortesia.

Dentro dos manuais, estão presentes, a tentativa de moldar o comportamento do soldado para que eles internalizassem as ordens, vissem como naturais obedecê-las, mesmo que por trás soubessem que caso fossem pegos descumprindo-as, seriam punidos até fisicamente.

Assim como ocorreu no folheto americano, o manual britânico foi direcionado a seus soldados com ordens específicas, sendo instruído aos combatentes áreas de possíveis invasões no território francês, além de informações sobre a França, como sua localização, principais rios,

³⁶ Conforme Elias (2011, p. 29-31), o conceito de *civilitéé*, recebeu seu cunho e função específicos no século XVI. Como ponto de partida, o autor coloca o tratado de 1530, *De civilitate morum puerilium* (Da civilidade em crianças), de autoria de Erasmo de Rotterdam.

clima, tamanho, geografia, moeda, placas de sinalização de trânsito, política, história do país e língua local.

Ao final, houve uma preocupação em informar aos soldados algumas expressões francesas mais usadas, bem como deu instruções sobre como conversar mesmo falando línguas diferentes:

Se encontrar alguém que fale um pouco de inglês, converse pausadamente, devagar e com distinção e o mesmo se quiser entender o francês. Solicite que falem devagar ou até mesmo escrevam para que você os entenda melhor. Palavras e frases ao final desse livreto irá te ajudar a se comunicar. Não como um nativo é claro, mas como alguém que procura superar os desafios e dificuldades de outra língua. Se alguém não entender seu francês aponte a palavra que está tentando pronunciar (THE POLITICAL WARFARE EXECUTE, 1944, p. 45).

No manual, ensinava ao combatente britânico, assim como o norte-americano, a esquecer rixas antigas, a estarem informados sobre muitos costumes dos franceses, como o apreço aos cafés, aos restaurantes, no entanto, alertava o britânico para não ser mal educado: “você precisa ser um amigo muito próximo para ser convidado para suas casas”³⁷. Ainda sobre o comportamento, instruiu: “não os julgue pela situação e aparência atuais, nem comente sobre a pobre condição de saneamento e os reparos inexistentes”³⁸. (THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE, 1944, p. 17, 22 e 23).

A Grã-Bretanha também orientava os soldados a propagandear a autoimagem dos britânicos. O Estado através das instruções, projetava um comportamento do soldado para que ele tentasse se encaixar na sociedade francesa. Terem soldados cidadãos civilizados, representava o país na busca pelos ideais de liberdade, colocava os britânicos como aqueles que iriam ajudar a retirar os inimigos do território francês.

Assim, havia uma preocupação em instruir o soldado a ser educado, quando pedia, por exemplo, que o combatente ao ser convidado para jantar na casa de uma família, tivesse consciência para não esbanjar, lembrasse que estavam enfrentando muito racionamento devido à ocupação alemã e que deveria ser compreensível com as dificuldades enfrentadas (THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE, 1944, p. 19).

³⁷ Do original: “You had to be a close friend before he asked you home”.

³⁸ Do original: “Do not judge by present appearances, or remark on “bad housing” when what you actually find is poor sanitation and lack of repairs”.

Além de ser o soldado educado e cordial, o britânico também precisava ser cuidadoso porque iria lutar contra os alemães num país ocupado. Por isso, alertas foram dados, como a atenção ao que se falava em público, pois o inglês era um idioma conhecido e poderia sempre ter alguém por perto vigilando. Outro cuidado a ser tomado era com conversas ao telefone ou até mesmo cartas, pois havia sempre o perigo da espionagem (THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE, 1944, p.53).

Para não gerar ofensas aos franceses e em meio a um contexto militar, conservador, o folheto alertava ao soldado britânico para não acreditar naquilo que o manual chama de falsos boatos, desmistificando estereótipos que os britânicos tivessem dos franceses: “há boatos na Inglaterra que têm muitos gays em Paris e que as pessoas são frívolas, imorais e sem convicções. Isso é uma mentira, principalmente em tempos atuais onde eles têm vivido de forma sofrida e penosa”³⁹ (THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE, 1944, p.25). A moral foi uma categoria constantemente retratada no manual, já que a não obediência e respeito pelo seu aliado poderia causar sérios problemas que prejudicariam a guerra e a imagem de seu país.

Assim como ocorreu no folheto instruções para soldados americanos na França, o manual britânico também deu ordenações em relação ao comportamento com as mulheres. Havia uma preocupação com os estereótipos criados em relação às francesas, como as generalizações de que na França só existia mulheres fáceis e prostitutas. Como no caso dos americanos, os estupros eram um grande problema de guerra, por isso o manual alertou: “se você pensar que qualquer mulher sorrindo nas ruas é mulher para se levar para cama, você trará problemas sérios e graves para você nas relações com os franceses”⁴⁰ (THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE, 1944, p.26).

Ainda sobre o comportamento em relação às francesas, o manual instruiu:

Mulheres francesas, jovens ou idosas não são muito fechadas nem tímidas e se você for uma pessoa de bom senso se torne amigo delas, mas não confunda amizade com troca de favores ou qualquer tipo de intimidade e disposição para outros assuntos [...] os pais, irmãos e noivos estão longe lutando para defendê-las, portanto, o seu comportamento e respeito deve ser direcionado a elas da mesma forma que vocês gostariam que fossem respeitadas suas mulheres e

³⁹ Do original: “there is a fairly widespread belief among people in Britain that the French are a particularly gay, frivolous people with no morals and few convictions. This is especially untrue at the present time, when the French have been living a life of hardship and suffering”.

⁴⁰ Do original: “If you should happen to imagine that the first pretty French girl who smiles at you intends to dance the can-can or take you to bed, you will risk stirring up a lot of trouble for yourself - and for our relations with the French”

filhas. Se não o fizer terá sua reputação afetada principalmente como soldado (THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE, 1944, p. 38).⁴¹

O soldado também era instruído sobre os entretenimentos que os franceses gostavam, como cinema, cafés e outros. Entretanto, dizia que por conta da guerra, estavam escassos. Além de ser bem informado sobre as atividades dos franceses, mais uma vez o Estado alertou para que o soldado cumprisse bem seu papel, advertindo: “o exército britânico representa hoje o povo britânico. Um erro ou mau comportamento seu não vai demonstrar o erro de um só homem, mas sim de todo um povo”⁴² (THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE, 1944, p.40).

O governo educava o soldado cidadão britânico a ser cordial no trato com os franceses. Desta forma, o combatente poderia ser instruído não só a respeito da história, geografia, clima, política, mas também sobre os costumes, entretenimento, comida, bebida, tratamento com as mulheres, e, enfim, tudo que pudesse torná-los respeitosos e compreensíveis com as condições da França. Numa cidade ocupada pelos alemães desde 1940, estar alerta com a falsa propaganda alemã, entender a cultura daquele ambiente e manter a união entre si, eram fatores elementares no enfrentamento aos desafios que a guerra lhes apresentava num contexto tão diversificado e peculiar.

Assim como nos folhetos destinados aos soldados americanos, o manual britânico usou estratégias para tentar moldar este tipo de soldado, que além de ser eficiente na guerra, deveria, através da sua conduta civilizada, propagandear seu país, demonstrando respeito aos ideais de liberdade, democracia, justamente o contrário daquilo que era o nazismo, com um regime ditatorial, sem liberdades políticas e sem respeito ao próximo.

3.3 – COMPARAÇÕES ENTRE OS FOLHETOS

A partir das análises das estratégias educacionais utilizadas pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha nos manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)*, *Instructions for*

⁴¹ Do original: “French women, both Young and old, are far from shy and you will, if you are a man f sense, make them your friends. But do not mistake friendship for willingness to give you can take liberties in England can be found in France, and the same sort of girl whom you would grossly offend in this country would be greatly offended if you were to “try anything on” in France. The fathers, brothers and fiancés of French girls will often be unable to protect them because they are fighting the Germans or have been deported to Germany. [...] If you do not, you will injure the reputation of the British soldier”.

⁴² Do original: “Army represents in France to- day the British people. Any errors of conduct commit- ted by individual soldiers will remain in French”.

American Servicemen in France During World War II (1944) e *Instructions for British Servicemen in France (1944)*, de início percebemos muitas semelhanças entre cada folheto.

A primeira semelhança foi o formato dos manuais, em livros com capa brochura e de bolso. Como trabalhamos nesta dissertação com cópias fac-similares, não obtivemos a informação se os originais realmente tiveram este tamanho. Mas, conforme vimos com Molly Manning em “Quando os livros foram à Guerra” (2015), no segundo conflito mundial, as editoras passaram a publicar livros em formatos pequenos com o objetivo que o soldado pudesse carregá-lo no bolso entre uma batalha e outra.

Dessa maneira, acreditamos que com os manuais não foi diferente. Pois, diante do investimento na produção e da intenção de tentar polir o comportamento do soldado para que ele mantivesse a união na guerra e propagasse a imagem de países civilizados, ter manuais leves e de pequeno porte seriam aspectos que ajudaria os aliados a tentarem alcançar seu objetivo.

A outra semelhança foi o direcionamento que cada manual teve, ou seja, um livreto para cada país em que o soldado foi recrutado. Além disso, a metodologia entre estes folhetos também foi muito semelhante, curtos, diretos e claros, a fim de tentar alcançar com que o maior número de soldados conseguissem ler.

Além dessas semelhanças, tivemos outras como vimos na seção anterior: o uso da História dos países como forma de elevar a moral; a utilização da comparação entre a realidade do soldado com a da outra nação; o fato de serem guias informativos a fim de munir com o máximo de informações sobre a história, geografia, moeda, costumes e regras de cada país e a preocupação com a língua diferente.

Por último, outra analogia se deu nos estereótipos criado sobre o aliado e também na estratégia de mostrar um país e habitantes que muitas vezes não condiziam com a realidade, mas que foram elaborados a fim de não revelar os pontos negativos aos soldados, com o intuito de evitar as críticas entre os combatentes.

Das diferenças, observamos que os manuais destinados aos soldados na França tiveram maior preocupação com a segurança, pelo fato da ocupação alemã e elevaram a moral dos franceses em várias partes dos folhetos, por todo contexto de críticas à atuação do exército francês. Além disso, deram ordenações mais enfáticas com relação ao respeito às mulheres, tentando evitar as generalizações das francesas como prostitutas. Porém, a maior diferença entre eles foram de conteúdo, pois, apesar de termos instruções que se repetiram, os argumentos foram baseadas na cultura e nos hábitos dos habitantes.

Dessa forma, diante das semelhanças e diferenças, de início podemos chegar a algumas conclusões. Primeiro, os manuais foram produzidos dentro de um projeto de formação militar

tendo em vista que para cada país que os soldados aliados foram, os Estados americano e britânico produziram um manual, como podemos ver no prefácio do *Instructions for American Servicemen in France* (1944)

Uma série de manuais curtos está agora em preparação... Inclui manuscritos da Noruega, Iugoslávia, França, Grécia, Albânia, Bélgica, Países Baixos, Dinamarca, Romênia, Hungria, Checoslováquia, Bulgária, Alemanha. Escrito por especialistas civis e do OSS [Serviço de Operações Estratégicas, predecessor da Agência Central de Inteligência] e liberados pelas agências do Departamento de Guerra. Ordem de prioridade de preparação determinada. Segredo confidencial até a distribuição (WAR DEPARTMENT, 1944, p.01).

Segundo, tendo em vista as muitas semelhanças, desde o formato, a metodologia e o conteúdo, podemos perceber que houve as influências mútuas, apontadas por Bloch (1992) como próprias do método comparativo. Essas influências mútuas são ainda mais perceptíveis quando observamos os manuais fazerem referência ao outro, como foi o caso do *Instruções para Soldados Britânicos na França* (1944) que fez comparações com o folheto *Instruções para Soldados Americanos na Grã-Bretanha* (1942).

Terceiro, observamos que as estratégias educacionais presentes nos folhetos foram instrumentos de propaganda dos Aliados e serviram também como contrapropaganda para combater as ações do Eixo, na medida em que deram alertas contra as intrigas pregadas pelos alemães, pediram cuidado com a sabotagem e a espionagem do inimigo, sobretudo nos manuais destinados aos soldados que foram para França. Conforme Capelato (1996), a propaganda realiza através das palavras, textos e imagens, o trabalho constante de renovação, de influência, de inculcação, de persuasão e visa conseguir adesões, mantê-las e ampliá-las.

Diante das análises das estratégias educacionais, observamos que as instruções dadas aos soldados foram planejadas por conta de uma necessidade diante do contexto de guerra e das diferenças culturais. Assim, na próxima seção, procuramos trazer a discussão do mito do soldado herói com a realidade do comportamento dos combatentes durante a guerra. Observaremos o papel dos manuais como suportes pedagógicos, mostrando como os Estados através dos folhetos tentaram efetuar um controle sobre a conduta dos soldados.

4 - OS MANUAIS COMO SUPORTES PEDAGÓGICOS

Nesta última seção, a abordagem teve como objetivo realizar uma discussão sobre o papel desses manuais em meio a questionamentos dos soldados e desentendimentos entre as tropas. Com isso, foi possível analisar a importância destes folhetos na difusão das ideologias defendidas pelos governos, assim como trazer alguns debates entre a idealização pelos Estados americano e britânico do soldado aliado civilizado e a conduta de alguns combatentes.

Para Norbert Elias, nas obras *o Processo Civilizador I* (2011) e *II* (1993), o homem ocidental tornou-se civilizado através de um longo processo em que houve uma transformação de conduta e sentimentos do indivíduo, que objetivaram atitudes civilizadas. Segundo Elias, a ideia de civilizado não veio como algo natural, mas através de imposições da sociedade, sobretudo, a partir da formação dos Estados modernos. Assim, para se encaixar num determinado meio, o indivíduo precisa renunciar suas satisfações imediatas e passar a ser regulado, o que Elias chama de coerções externas ou controle.

Norbert Elias nos ajuda a entender essa ideia de costumes sendo construídos por meio de processos sociais que diferem de acordo com a época e o meio social. Dentro dessa perspectiva, podemos pensar sociedades diferentes, França, Grã-Bretanha e Estados Unidos, que tentaram formar concepções sobre si, transmitindo sua autoimagem e elaboraram imagens sobre o outro, ao apresentar a seus soldados a cultura do aliado.

A partir da formação dos Estados Modernos, o controle ficou mais nítido quando o Estado passou a fazer coerções externas, ou seja, quando criou leis e normas para a vida em sociedade. Elias nos diz que esse controle efetuado através do Estado é convertido em autocontrole, ou seja, o indivíduo por ser compelido aprende a moldar seus comportamentos, a viver de acordo com padrões estabelecidos e a ser incentivado a ter um autocontrole das suas ações a fim de se inserir no meio social, imbuídos por sentimento de medo, vergonha, e repugnância, o homem passa a tentar incutir em si mesmo um comportamento exigido pela sociedade (ELIAS, 1993, p.193-195).

Elias diz que, “desde o começo da mocidade, o indivíduo é treinado no autocontrole e no espírito de previsão dos resultados de seus atos, de que precisará para desempenhar funções adultas” (ELIAS, 1993, p. 202). Assim, o autocontrole é um processo que começa desde cedo e a educação é um meio de tentar incutir isso no indivíduo. Como instrumento, pode ser usada pelo Estado para atingir as idealizações de comportamento.

Trazendo para a temática desta dissertação, os manuais foram um meio de tentar internalizar as ordens e fazer com que os soldados adquirissem este autocontrole. Não queremos

com isso, dizer que os combatentes conseguiram atingir o controle das suas ações. No entanto, o que percebemos é que esse era um dos objetivos dos Estados ao prepararem manuais de instruções comportamentais. Ou seja, a fim de que os militares, sobretudo os que não tinham um comportamento esperado, que desobedeciam as ordens, fossem levados a internalizarem as atitudes consideradas corretas, pois, nem sempre poderia ter alguém vigiando o seu comportamento.

Não foi possível dizer quantos soldados leram ou não essas ordens, nem quantos internalizaram, tampouco foi esse nosso objetivo nesta dissertação. Pois, como diz Chartier (1998):

No cruzamento das artes de ler com as artes de escrever, ou seja, na relação entre as normas propostas à leitura e as práticas incorporadas pela via escrita, o diagnóstico é sempre arriscado porque o livro feito para ser lido, nem sempre o é, pois, do prescrito ao realizado as apropriações pode ser múltiplas e singulares (CHARTIER, 1998, p.21).

A nossa análise partiu da intenção de perceber a relação desses manuais com a educação e trazer algumas discussões das ordens com alguns comportamentos dos combatentes. Assim, para o Estado era necessário os soldados estarem bem preparados não só fisicamente, como moralmente e ideologicamente. Conforme diz Andre Corvisier (1999), para que os Aliados combatessem o Eixo, acabaram organizando um “rearmamento moral” do exército, com o objetivo que eles se mobilizassem de todas as formas para defender seu país não só nas frentes de batalhas, mas que representassem sua nação civilizada, sua cultura superior com convicções bem firmadas.

Os problemas gerados pela falta de obediência durante a guerra não foram poucos. Houve os estupros individuais e coletivos, os saques, a corrupção, a esbórnia, entre outros (AMBROSE, 2010). Diante desse contexto, buscamos reforçar a importância desses manuais como suportes pedagógicos, levando em conta os conflitos entre as tropas, os questionamentos dos soldados e as idealizações de comportamento esperadas pelo Estado.

4.1- OS MANUAIS COMO ARTIFÍCIO DE CONTROLE DOS SOLDADOS

A criação cultural, bibliográfica, artística e historiográfica produzida sobre Segunda Guerra Mundial retratou por muito tempo a imagem de um soldado herói, figura imprescindível para aquele momento. A valorização do combatente foi um elemento chave para o processo de

integração do civil em uma nova realidade social, a respeito da qual existia uma lacuna a se preencher. Ou seja, um soldado inserido num quadro social, cultural, político, educacional e moral diverso do seu precisava sustentar-se em uma ideia que completasse tais lacunas. É nesse contexto que a crença de um soldado salvador incrementou as estratégias utilizadas para a inserção dos civis na realidade da guerra em um país desconhecido.

Contudo, esta ideia predominou massivamente no período de guerra, pois, fazendo-se uma análise dos acontecimentos e resultados do conflito mundial, foi possível perceber que houve uma discrepância entre tal crença e os fatos ocorridos. Mesmo com a criação dos manuais, muitos casos de conflitos e maus comportamentos existiram, demonstrando que antes do soldado herói havia um indivíduo que em algum momento poderia se comportar de maneira totalmente incoerente com a missão e os ideais que lhe haviam sido designados.

Estudar os manuais abordados nesta dissertação capacita-nos numa interpretação crítica sobre a conduta, acontecimentos e normas propostas para o soldado cidadão. Isto porque, a crença acima mencionada perde parte da sua força quando se compreende que os folhetos foram produzidos com o intuito de diminuir os conflitos existentes entre os aliados de nacionalidades diferentes. A partir daí, foi possível observar através de um novo viés, a verdadeira fidelidade da descrição do soldado herói, uma vez que a realidade demonstrava um procedimento diferente daquilo que era esperado e das ordens que lhe eram impostas.

A existência de um mito patriótico acerca do soldado herói favoreceu também as inúmeras desavenças que circundavam o dia-a-dia nos países estrangeiros em que os combatentes atuavam, Grã-Bretanha e França. Estar ajudando outro país e vangloriar-se de uma pretensa superioridade frente aos demais foram condutas que acirraram ainda mais as diferenças e queixas entre eles.

Entre os soldados aliados as desavenças não foram poucas. Alguns americanos que só entraram no conflito depois achavam que seriam os responsáveis por decidir rapidamente a vitória. Por isso o manual, *Instruções Soldados Americanos na Grã-Bretanha (1942)*, pedia ao combatente que não lembrassem que tinham ganhado a última guerra e nem fizessem qualquer comentário sobre derrotas britânicas (WAR DEPARTMENT, 1942, p. 30).

No momento da chegada dos americanos ao *front* no fim de 1942, muitos soldados britânicos já estavam no campo há anos, e a experiência deles mostrava isso. Inicialmente os americanos sentiam admiração pelo conhecimento tático dos ingleses, pelas suas vestimentas impecáveis, pelo hábito de fazer a barba religiosamente todos os dias, fizesse chuva ou sol, com água quente ou fria (SCHRIJVERS, 1998, p. 33). Essa admiração chegou ao ponto de novatos

americanos se sentirem inseguros por acharem que precisavam provar aos britânicos sua eficiência militar nas batalhas.

Entretanto, logo os choques culturais começaram aparecer. Os americanos reclamavam que os britânicos eram muito reservados, distantes, difíceis de fazer amizade, ao contrário dos estadunidenses que eram mais sociáveis. Por exemplo, um soldado da 34ª Divisão de Infantaria que ajudou a descarregar material inglês da África do Norte para Bari, na Itália, no outono de 1943, escreveu em seu diário: eles (britânicos) eram caras legais, mas não se misturam muito conosco (SCHRIJVERS, 1998, p. 32).

Os americanos consideravam os oficiais britânicos tão frios e mais soberbos ainda que seus subordinados e as opiniões sobre eles iam de “Coronel Pomposo Reacionário” a “muito cheio de si”. Os estadunidenses também não compreendiam alguns costumes dos britânicos como o ritual do chá. Os soldados carregavam xícaras esmaltadas penduradas nas suas bagagens e quando chegava a hora do chá, geralmente não abriam mão, o que irritava os americanos que consideravam isso banal e atrapalhava o andamento das operações.

Houve um caso em que tropas envolvidas na Batalha de Ardenas não tiveram sua liberação feita pela Divisão Britânica, que sofreu uma interrupção na manhã de 1º de janeiro de 1945. Após investigação descobriram que os britânicos às 10h da manhã fizeram uma parada no meio da estrada para ferverem chá. Fatos como esses geraram a desconfiança dos americanos, que criticaram ainda mais os hábitos dos seus aliados.

Além dessas queixas, surgiram mais críticas sobre os costumes britânicos, como: a saudação desajeitada com a palma na parte superior da testa; o problema com motoristas que negligenciavam a direção do lado direito no continente; os sapatos baixos, as meias na altura dos joelhos e os saiotes dos soldados escoceses (SCHRIJVERS, 1998, p. 32 e 33).

Dessa maneira, aquela admiração inicial pelo exército britânico começou a desaparecer entre os americanos, que achavam as tradições ultrapassadas, muito rígidas de um exército imperialista velho, que parecia inadequado a um novo tipo de guerra. As diferenças, entre a quantidade de armas modernas que os americanos possuíam em comparação com as deficiências de material que a Grã-Bretanha enfrentava, também era motivo de piadas, além da diferença dos salários americanos, mais altos do que o dos britânicos.

Por esses motivos o manual *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* deu tantos alertas aos soldados pedindo união e lembrando que britânicos e americanos eram aliados na guerra, que Hitler se aproveitaria para propagar as intrigas e que se isso ocorresse, a vitória certamente estaria com os nazistas (WAR DEPARTMENT, 1942, p.03).

Da outra parte, dos britânicos com os americanos, também existiam insatisfações. Muitos se sentiam inferiorizados pelo fato do soldado americano ter um salário melhor, reclamavam que os estadunidenses roubavam suas mulheres, seus cigarros e que deixavam grande quantidade de equipamento descartado para trás nas suas áreas. (SCHRIJVERS, 1998, p. 36 e 37).

Entre os soldados da Grã-Bretanha e os franceses, problemas de relacionamentos também foram comuns. Bloch relatou as críticas do francês ao exército britânico, caracterizado como propensos à pilhagem e a esbórnica. O historiador também expôs a insatisfação de muitos franceses com a demora da chegada do apoio britânico, qualificando o alistamento do soldado inglês como uma coragem tardia. Relatou ainda, que muitos franceses examinavam a ajuda do aliado como insuficiente e reclamavam da falta de confiança dos ingleses para com os franceses⁴³ (BLOCH, 2011, p. 68-77).

Dos britânicos, existiam várias reclamações em relação ao exército francês, como despreparado, defasado e que facilitou a vitória alemã em 1940. Por isso, não foi sem razão que o manual *Instructions for British Servicemen in France (1944)* lembrava ao seu soldado: “nós somos aliados e sabemos que os franceses também são nossos amigos”⁴⁴ (THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE, 1944, p.09).

Porém, além dos casos de intrigas na relação entre os soldados, haviam os crimes cometidos, como os estupros. Por conta disso, todos os manuais analisados nesta dissertação deram instruções para que respeitassem as mulheres, fossem cidadãs comuns ou oficiais.

Na França, as mulheres tiveram problemas com os estereótipos criados. Na década de 1930 houve uma explosão de cabarés, casas noturnas e bordéis que fizeram com que a capital francesa fosse vista como a cidade do divertimento, dos prazeres e da liberdade. Por conta dos inúmeros bordéis, às mulheres eram generalizadas como prostitutas, “fáceis” e cognominadas de “Uh lá lá!”. Conforme Quétel (2009), “a França é considerada o “centro do tráfico internacional de prostitutas”, “um antro de prostituição [...] É o país da frivolidade e dos excessos sexuais” (2009, p.58 e 59). A prostituição acabou sendo muito explorada durante a

⁴³ O filme *A Royal night out* (A noite da realeza, título em português), mostra a história da ainda futura rainha Elizabeth II, quando em meio a comemoração em Londres pelo fim da Guerra, em 8 de maio de 1945, resolve juntamente com a irmã, Margaret, pedir ao pai para ir anônima às ruas comemorar a vitória junto à população. Logo nas cenas iniciais do filme, num diálogo de Elizabeth com Margaret, vemos comentários das duas a respeito da visita do embaixador francês junto com sua esposa ao palácio *Buckingham*. As irmãs logo comentam que a esposa do embaixador vai torcer o nariz para cozinha inglesa. Margaret responde: “mas afinal quem se importa? São só franceses!” E continua: “qual comentário seria apropriado para os franceses? Não conseguiríamos sem vocês?” A conversa entre as irmãs demonstra um tom de deboche, o que mostra o clima de tensão que existia nas relações entre ingleses e britânicos. (*A Royal Night Out*. Direção: Julian Jarrold, produção: Douglas Rae: Reino Unido, 2015).

⁴⁴ Do original: “We, unlike the Germans, can be naturally friendly, seeing that the French are naturally our friends”.

guerra devido ao grande número de homens dos exércitos que longe de casa aproveitavam para suprirem suas “necessidades”⁴⁵.

Esta imagem da francesa acabou contribuindo para que ocorresse um maior número de violência sexual cometida por soldados americanos na França do que na Grã-Bretanha. Só em abril de 1945 houve 260 queixas de estupros, fora os casos que não eram denunciados. As francesas, confiantes nos seus “libertadores”, seguiam para os acampamentos militares para trocar algum item e acabavam sendo violentadas. Entretanto, entre os soldados aliados, foi com os combatentes da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) em que houve o maior caso de estupros contra mulheres. (QUÉTEL, 2009, p. 58 e 59).

Assim, não foi sem motivos que o manual *Instruções para Soldados Americanos na França (1944)*, deu ordens para que respeitassem as mulheres francesas e pedia que tratassem-nas da mesma forma que eles gostariam que suas esposas fossem respeitadas enquanto estivessem longe:

A França tem sido representada muito frequentemente na ficção como uma nação frívola onde piscadelas manhosas e tímidos tapinhas “na traseira” são a forma aceitável de abordagem. É melhor você se livrar dessas noções agora mesmo se quiser ficar longe de problemas. Um grande número de jovens francesas nunca sai sem um acompanhante, seja dia ou noite. Certamente haverá problemas se você basear seu comportamento em quaisquer falsas suposições⁴⁶ (WAR DEPARTAMENT, 1944, p.13).

Soldados estupravam por acharem que tinham direito ao libertar um país ou como forma de se vingarem dos perdedores. Muitos não demonstravam o respeito nem mesmo com aquelas que eram cidadãs dos aliados. Estes casos de estupros, desavenças, críticas entre os combatentes s nos mostraram que os manuais foram pensados por conta desse contexto de falta de união. Foi uma demonstração de certa preocupação dos governos americano e britânico com o enfraquecimento das relações e com a imagem que os soldados estavam passando. Assim, os

⁴⁵ Os alemães tinham um controle diferente em relação a prostituição na França durante a Segunda Guerra, com ideias regulamentadas. Para tentar evitar que os soldados alemães adquirissem doenças sexualmente transmissíveis, criaram bordéis militares que eram controlados, com prostitutas cadastradas, cerca de 2.800, com visitas regulares de médicos. Algumas trabalhavam atendendo em casas e outras nos bordéis franceses famosos como o *Chabanais* e o *One Two Two*. Existiam também milhares de prostitutas que não eram cadastradas e estas eram internadas num campo especial na região de *Loiret*. Já os americanos não organizaram este tipo de controle, nem criaram bordéis militares, apenas entregavam preservativos, o que talvez contribuiu para que houvesse mais casos de doenças sexualmente transmissíveis entre os soldados estadunidenses (QUÉTEL, 2009, p. 104 e 105).

⁴⁶ Do original: “France has been represented too often in fiction as a frivolous nation where sly winks and copy pats on the rear the accepted form of address. You’d better get rid of such notions right now if you are going to keep out of trouble. A great many young French girls never go out without a chaperone, day or night, it will certainly bring trouble if you base your conduct on any false assumptions”.

manuais serviram para tentar melhorar o comportamento destes soldados e diminuir os choques culturais.

Percebemos que por conta da França ter sido ocupada pelos alemães, os manuais deram mais ênfase na sua defesa e tentaram diminuir as queixas sobre a atuação militar e seu comportamento. Isso acabou fazendo com que o Estado americano resolvesse criar um segundo folheto para os soldados que combateram na França, o *112 Gripes (1945)*.

4.2- O MANUAL *112 ABOUT THE FRENCH*: NOVAS ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS

O *112 Gripes about the French (1945)*, ao contrário dos manuais produzidos para os soldados enviados à França, foi fruto de um contexto diferente, o que trouxe singularidades. Em 1945, após quatro anos de ocupação alemã, os franceses já tinham sido libertados através da Batalha da Normandia, que teve início em 6 de junho de 1944.

Enquanto os outros folhetos foram produzidos para os soldados que se dirigiam para países em guerra, o *112 Gripes* teve o objetivo de dar soluções às queixas dos soldados americanos em relação aos franceses, no contexto pós-libertação, no momento em que os soldados estadunidenses ainda estavam ajudando na organização do país.

Apesar de ter uma proposta diferente dos outros manuais analisados, resolvemos utilizar este folheto no nosso estudo por conter instruções para os soldados americanos e pela possibilidade de observarmos as relações entre os estadunidenses e franceses. Assim, com este manual fazemos um contraponto com o *Instructions for American Servicemen in France* produzido um ano antes, em 1944 e ao mesmo tempo observamos que ele serviu como um complemento de instruções que já haviam sido dadas.

Isso nos trouxe alguns questionamentos para a pesquisa, como: o que fez com que o Estado norte-americano se preocupasse em criar um outro manual para os soldados na França com novas instruções? Quais foram novas as estratégias educacionais usadas?

Inicialmente é preciso lembrarmos do contexto pós-libertação francesa. Apesar de a França ter sido libertada dos alemães, a população não estava livre dos problemas da guerra. Existia muita violência, destruição, falta de emprego e restrição de muitos itens básicos. A volta à normalidade foi um processo e em países, como a França, mesmo após as batalhas, ainda continuaram com a ocupação de exércitos estrangeiros.

Com o término da Segunda Guerra, ao contrário das potências europeias como França e Inglaterra que saíram com suas economias arrasadas, os Estados Unidos, por uma série de fatores como a vantagem de não ter tido conflito em seu território e o fato de só ter entrado na guerra depois, acabaram sendo favorecidos para que saíssem como uma nova potência mundial, não só econômica, mas como aquela que lançou as bases para uma dominação política e cultural.

Como um exemplo dessa estratégia política, tivemos o plano Marshall, plano de recuperação europeia para os países Aliados, criado após a Segunda Guerra pelos norte-americanos ao perceberem que a crise econômica na Europa poderia prejudicar sua economia, abrindo espaço para o comunismo da União Soviética (HOBBSAWM, 2012).

A dominação que os Estados Unidos buscaram sobrepor foi um dos motivos para a preocupação em se criar boas imagens do americano no mundo, como uma autopropaganda do estilo de vida e do próprio americano. Como já vimos, os estadunidenses possuem algo que é da sua cultura, o mito da singularidade, ou seja, que os americanos possuem condições únicas e superiores que trazem a crença na necessidade de dominação. Isso foi algo que já ocorria mesmo antes da guerra, porém, ficou mais visível após as vitórias conquistadas pelos Aliados depois que os americanos entraram no conflito.

O soldado no outro país era a representação dos Estados Unidos. Por isso, a boa conduta com o estrangeiro aliado era essencial para as relações e para a propaganda da autoimagem americana, um comportamento que deveria se estender mesmo após as vitórias por conta dos interesses americanos. No entanto, de acordo com o livreto, *112 Gripes about the French* (1945), a transmissão do comportamento de um soldado cidadão civilizado não estava sendo representada.

Apesar de já terem tido um folheto que continha ordens de comportamentos idealizados para soldados na França, a preocupação em se criar novas instruções mostrou que o choque de culturas não tinha sido resolvido e nem evitado por muitos combatentes. Ao contrário do manual *Instructions for American Servicemen in France*, o *112 Gripes* admite claramente os desentendimentos entre franceses e americanos, afinal, são uma lista com várias queixas dos combatentes que com certeza não esgotavam as reclamações, mas provavelmente eram as mais ouvidas no exército.

O tom do *112 Gripes* foi totalmente defensivo em relação aos franceses, algo que se repete do *Instructions for American Servicemen in France* (1944), porém com muito mais ênfase. A própria escolha metodológica, perguntas e respostas trouxe a intenção de ser ainda mais direto, além de reforçar orientações ditas, como: a falta de itens básicos na França, o

pagamento de gorjetas nos estabelecimentos, a crítica da moral dos franceses, a pouca modernização do país, entre outros, que mostraram a necessidade do Estado americano em criar este livreto para fortalecer as instruções já dadas e utilizar novas estratégias educacionais para os soldados.

Os choques culturais existentes entre os combatentes se relaciona ao que Norbert Elias (2011) chama de estranhamento, ou seja, padrões de comportamento que são estabelecidos numa sociedade que diferem da outra e causam reprovação, criando estereótipos daquilo que seria considerado civilizado, educado. Assim, a presença destas regras criou o que Elias chama de “parede”, que separa, repele o comportamento que é distinto. Quando não ocorre a inserção da conduta dentro deste padrão considerado civilizado para aquela sociedade, o sujeito fica submetido a julgamentos. Foi o caso das queixas dos franceses em relação aos americanos, que tinham atitudes que causavam estranheza e criavam reprovação da população.

Estas normas sociais não são algo imposto, mas fazem parte do cotidiano, da convivência de acordo com cada cultura. O soldado para não ter um comportamento que gerasse estranheza naquele meio, na França, deveria projetar uma imagem sobre si em conformidade com os padrões dessa sociedade. No entanto, as queixas demonstraram justamente o estranhamento, a “parede” que repeliu a cultura diferente a ponto de gerar vários desentendimentos.

Assim como nos manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* e *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)*, o *112 Gripes about the French (1945)* colocou os americanos como libertadores e defensores da democracia, diziam que acreditavam no direito de ouvir, no direito da crítica e de dar ao outro a oportunidade de mostrar seu ponto de vista. Isso servia para justificar a ideia de que os norte-americanos, “democráticos” como são, dão a oportunidade de ouvir seu aliado e avaliar seu próprio comportamento.

Assim, como forma de análise, decidimos optar em escolher alguns pontos que mais chamaram atenção, tendo em vista que foram muitas queixas e algumas até mesmo se repetiram, como uma estratégia de ser o mais explicativo possível e enfático. Escolhemos criar algumas categorias de análises que estiveram presentes: a relação dos norte-americanos com os franceses, os estereótipos do aliado, como os americanos viam seu inimigo, o mercado ilegal e por último, o colaboracionismo francês.

Começando pela categoria a relação dos norte-americanos com os franceses o *112 Gripes* listou vinte e uma queixas dos soldados, o que demonstrou que a relação entre o soldado americano com o habitante francês foi muito conturbada. A primeira reclamação, os

combatentes diziam: “viemos para Europa salvar os franceses em vinte e cinco anos⁴⁷” que é complementada com a sexta e sétima, que também foram críticas em que os estadunidenses diziam que sempre salvavam os franceses, que eles não faziam nada por eles, que não podiam contar com a França.

As repostas a essas reclamações usou a estratégia de defender os franceses, utilizando a História para mostrar que em outras guerras eles tinham ajudado os americanos, como na Independência das Treze Colônias:

Nós não fomos à Europa para salvar os franceses, nem em 1917 nem em 1944. Não fomos à Europa para fazer favores a ninguém. Fomos à Europa porque nós na América estávamos sendo ameaçados por um poder hostil, agressivo e muito perigoso ⁴⁸(INFORMATION & EDUCATION DIVISION, 1945, p. 02).

Ao dizer que eles não foram salvar os franceses, o Estado americano entra em contradição com o manual produzido anteriormente, o *Instructions for American Servicemen in France During World War II* e também com outras partes do *112 Gripes* em que coloca os americanos como libertadores. Observamos que o fato dos soldados reproduzirem esse discurso, além de ser da própria cultura americana, era algo incentivado pelo Estado nos manuais.

Em várias queixas muitos combatentes reclamaram da falta de colaboração dos franceses. Apesar de o manual ter defendido a França de todas as maneiras, realmente existiu durante a guerra o colaboracionismo com o governo *Vichy*, implantado pelos alemães, com o apoio de muitos cidadãos. Isso com certeza geraram boatos entre os soldados, que além de ter combatido os nazistas, precisaram ficar alertas com os franceses que apoiavam o regime de Hitler, como nos mostra Scheijvers (1998),

Os GIs⁴⁹ foram alertados a terem cuidado com os simpatizantes do nazismo. Eles acharam incrivelmente difícil discernir se ainda estavam na França, ou já na Alemanha. Para os americanos, todo o nordeste da França parecia, para todos os efeitos, uma “terra da suástica” [...] a maioria das crianças ouviam nomes alemães e pareciam ter dificuldade de entender o francês de seus pais.

⁴⁷ Do original: “We can to Europe twice in twenty-five years to save the French”.

⁴⁸ Do original: “We didn’t come to Europe to save the French, either in 1917 or in 1944. We came to Europe to do anyone any favors. We came to Europe because we in America were threatened by a hostile, aggressive and very dangerous power”.

⁴⁹ Os GI (iniciais de *government issue*) era o nome dado aos soldados rasos americanos. Seu soldo não era muito inferior de um capitão do exército britânico, e em geral, era visto como bem equipados, bem nutrido e bem pago (MASSON, 2011, p. 360 e 361).

Os americanos que ouviram hinos franceses durante cultos foram tomados de surpresa por sermões pregados em alemão⁵⁰ (SCHEIJVERS, 1998, p. 127).

Essas reclamações a respeito da colaboração dos franceses com os alemães ficaram mais evidentes a partir da queixa cento e dois, quando os americanos disseram que os franceses eram todos colaboracionistas, que esperaram os alemães invadir a França sem lutar. O Estado investiu numa resposta mais elaborada, mostrando como os franceses haviam ajudado na desocupação. Usou a argumentação que era o que *Joseph Goebbels*, ministro da propaganda alemã, queria incutir dentro das nações aliadas, ou seja, que a França estava do lado da Alemanha.

O que o manual não explicou, foi que na França, após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e depois da crise de 1929, a economia foi muito prejudicada com a Grande Depressão. Os governos não conseguiram solucionar a crise que se agravava e que gerou um grande número de desempregados. Isso acabou fazendo com que a convulsão social aumentasse e alimentasse posições políticas extremas que foram terrenos férteis para o fortalecimento da extrema-direita. Os xenófobos viam nos judeus franceses abastados e influentes como pessoas que tinham se infiltrado no país para interesses obscuros (RIDING, 2012, p. 28 e 29).

Com esse fortalecimento de ideais extremistas, foi uma espécie de convite para que muitos franceses colaborassem com o nazismo, algo que por muito tempo na historiografia francesa tradicional foi abafado, pelo sentimento de vergonha não só pela derrota, mas pela ajuda de muitos franceses.

Entre os soldados americanos, o colaboracionismo gerou críticas. Os estadunidenses diziam que não gostaram de ter que lutar com supostos aliados, pois tinham treinado muito para lutar contra os alemães e não para combater franceses (SCHEIJVERS, 1998, p. 41). A reclamação denunciava decepções bem como depreciação em relação ao exército francês, assim como o manual *112 Gripes* mostrou, ao dizerem que os americanos cumpriam seu papel de “libertador”, mas que estavam totalmente insatisfeitos com ajuda dos franceses (INFORMATION & EDUCATION DIVISION, 1945).

Outra crítica, presente na queixa dezoito, dizia que os franceses haviam abandonado à luta quando ficou dura, ou seja, quando permitiu ser derrotada, e mais uma vez, reclamavam

⁵⁰ Do original: “The GIs were warned to watch out for Germans sympathizers when dealing with the Alsations. They found it increasingly hard to tell whether they were still in France or already in Germany. To the Americans, the northeastern part of France for all practical purposes looked like “Swastika Land”. Place names sounded German. Most children listened to German names and appeared to have a much harder time understanding French than their parents. Americans who listened to French hymns during church services were taken by surprise by sermons delivered in German”.

que eles não fizeram nada para ajudar os americanos. Os ianques faziam críticas ao desempenho do soldado francês, realizavam piadas sobre os salários que era mais baixo ainda do que os dos britânicos, esnobavam por eles usarem roupas emprestadas dos americanos, riam das armas antiquadas e da qualidade das rações recebidas pelos soldados.

Como estratégia de instrução, o Estado respondeu a essas queixas listando as dificuldades enfrentadas pelos franceses, culpando os alemães, mostrando as vezes que a França auxiliou na guerra, lembrando do “Dia D”, de quando os franceses explodiram dinamites em linhas ferroviárias, no momento que atrasaram movimentos estratégicos da tropa alemã e, também citou a respeito da resistência francesa (INFORMATION & EDUCATION DIVISION, 1945, p. 12).

A resistência⁵¹, por muito tempo na França ficou marcada por grande enaltecimento, como a nação que resistiu bravamente à ocupação alemã, justamente para omitir os casos de colaboração. As reações contra o domínio nazista começou na verdade timidamente por alguns intelectuais e profissionais parisienses que pensaram de forma isolada, nas instalações do *Musée de l’Homme*, liderado por Boris Vildé, um linguista russo que morava na Estônia e na Alemanha antes de se mudar para Paris em 1933.

O grupo passou a ser conhecido como *Les Français Libres de France* (Os Franceses Livres da França) e faziam pequenas ações, como escrever bilhetes subversivos para serem distribuídos por Paris. Logo depois outros pequenos grupos surgiram e um jornal passou a ser publicado clandestinamente chamado *Résistance*. Esses grupos ajudaram britânicos a fugir e passavam informações para Londres. Apesar de serem desordenados, foram os primeiros que surgiram fazendo ações contra os nazistas. Logo depois, apareceram outros, como os maquis (grupos de resistência que se escondia em zonas montanhosas para atacar os alemães) e, com o apoio da SOE⁵² (Executiva de Operações Especiais britânicas) e das Forças Livres Francesas, esses movimentos começaram a se articular melhor.

Ainda sobre a relação entre americanos e franceses, ao contrário do outro manual produzido pelos Estados Unidos, o *Instructions for American Servicemen in France During World War II*, o *112 Grips about the French* admite desde o início a relação desgastada entre ambos, como podemos ver na introdução: “enquanto a realidade do cotidiano pós-libertação se

⁵¹ Sobre a resistência, foi criada uma minissérie em seis episódios, chamada de *Résistance* que retrata o período de 1940 até 1944, ano da libertação francesa (RÉSISTANCE, Direção: Dan Franck. Paris: TFI, 2014).

⁵² O SOE, a agência britânica, mantinha agentes secretos atuando na França desde 1941 e fornecia transmissores de rádio, armamentos, treinamento e dinheiro para grupos confiáveis da resistência francesa.

definia, a afeição da população local por seus libertadores continuou a diminuir⁵³.” (INFORMATION & EDUCATION DIVISION, 1945, p. 16 e 17). Isso se traduziu em muitas reclamações presentes, sobretudo, no primeiro capítulo.

Os soldados diziam que odiavam os franceses, que eles eram pidões terríveis, que não eram amigáveis, não dividiam o combustível, eram ingratos e chegaram a comparar com os alemães, afirmando que eles discutiam menos com os nazistas do que com os franceses. Havia uma cobrança dos americanos por reconhecimento, talvez até por certa veneração. Os soldados relembavam aos franceses a ajuda de mantimentos dada pelo governo americano, sobretudo a partir de 1944, quando os ianques assumiram a responsabilidade pela alimentação dos franceses na Itália e forneceram pacotes de plasma, ampolas de penicilina, armamentos e fardamentos ao exército francês.

Em outro ponto, os soldados questionaram: “por que nos importar com os franceses? Eles não terão nenhum papel no mundo pós-guerra”. O manual respondeu da seguinte forma: “Nosso trabalho não é “se importar” com a França. Mas *é sim nosso trabalho* nos preocupar seriamente com a paz e os problemas políticos do mundo. E a França é uma parte desse mundo”⁵⁴ (INFORMATION & EDUCATION DIVISION, 1945, p. 15).

Os EUA não mandaram seus soldados morrerem em batalhas apenas pelo sofrimento dos franceses. Havia uma preocupação com os rumos políticos que uma vitória nazista poderia trazer. Conforme Riding (2011, p. 337), “Washington e Londres deixaram claro que seu principal objetivo não era a libertação da França, e sim a derrota do Reich. Os franceses poderiam ser os primeiros a serem libertados, mas só por se concentrar no caminho para Berlim”.

O *112 Gripes (1945)*, completando a justificativa dos motivos de se defender a França, afirmou:

A França ainda permanece como um bastião no Atlântico, do Mediterrâneo ao Mar do Norte. A França ainda se constituirá um forte elemento na organização política mundial. As bases das ilhas da França, e as suas colônias, ainda serão áreas estratégicas na estrutura mundial para a paz. E na era da bomba atômica, o tamanho geográfico e a população de um país podem não ser, de forma alguma, indicativos de sua força e potencialidade⁵⁵ (INFORMATION & EDUCATION DIVISION, 1945, p. 12).

⁵³ Do original: “As the reality of post-liberation daily life set in, the affection of the local populace for their liberators continued to wane”.

⁵⁴ Do original: “*Why bother about the French? They won’t throw any weight in the post-war world. Apart from reasons of honor and simple decency (Americans are not in the habit of letting their friends down), it is poor politics and worse diplomacy to “write off” a nation of 40 million allies. You may need their help some day*”.

⁵⁵ Do original: “France still stands as a bastion on the Atlantic, from the Mediterranean to the North Sea. France will still be a strong factor in world political organization. The island bases of France, and her colonies, will still

Na fala acima, podemos perceber os valores que estavam presentes naquele momento. Vemos que os Estados Unidos, como ocorreu em toda sua história, demonstrou o traço característico de acharem que o poder está concentrado em suas mãos e que são os escolhidos para garantirem a paz mundial. Aquilo que Resende (2009) diz como mito da excepcionalidade:

A reprodução do mito da excepcionalidade transmite e perpetua no imaginário coletivo nacional a ideia de que os Estados Unidos estariam mais bem preparados e qualificados a assumir responsabilidades que transcendem às fronteiras nacionais, e que suas instituições e sistema político e social seriam as mais perfeitas e infalíveis (RESENDE, 2009, p. 237 e 238).

Observamos que o maior interesse não era a melhoria das condições de vida dos franceses, mas a imagem que seria transmitida dos Estados Unidos como libertadores, o que abriria caminho para que os americanos pudessem exercer sua supremacia mundial. Por mais que a França estivesse humilhada pela derrota, ainda continuava sendo um país que foi potência mundial, que influenciava a cultura no mundo e, portanto, seria um aliado importante nas disputas pelo poder no mundo pós-guerra.

Neste sentido, para um país que buscava a garantia desse poder através das relações, defender os franceses de todas as formas possíveis era uma estratégia de instrução. A demonstração de confiança e apoio aos franceses seria necessária a fim de fortalecer essas relações, importantes para que os Estados Unidos conseguissem atingir seus objetivos políticos e econômicos.

Na nossa segunda categoria, “estereótipos do aliado”, vemos quais eram as ideias formadas dos americanos em relação aos franceses, divididos em: a) características, b) usos e costumes, c) limpeza e questões sanitárias, d) trabalho e lazer, e) moral. De cada uma dessas reclamações, optamos por selecionar algumas que mais chamaram atenção.

Entre as características, os franceses foram colocados pelos soldados como independentes demais. Na resposta dada pelos EUA, pela primeira vez no manual, ao invés de defender totalmente a França, admitiram que o povo francês realmente era individualista, orgulhoso, mas que os americanos também e que por isso haviam atritos entre eles (INFORMATION & EDUCATION DIVISION, 1945, p.20).

be strategic areas in the world structure of peace. And in the age of the atomic bomb, the physical size and population of a country may be no index of her strength and potentialities”.

Além desses pontos negativos, o povo francês também foi acusado de serem mercenários e mais uma vez, o Estado rebateu jogando para o próprio comportamento do americano, que ele não seria diferente, que faria tudo por cem francos (moeda francesa). Para os soldados americanos, os franceses também eram cínicos, porém, o governo colocava-os como os sofredores, que necessitavam de piedade, paciência e que por todas as privações, tinham direito de ser daquela forma.

Sobre os costumes, a queixa trinta foi intrigante, quando questionaram que os franceses só viviam se divertindo e que tudo que eles pensavam era Paris. De fato, durante a ocupação pelos alemães, Paris continuou a reluzir, com grandes espetáculos e bordéis lotados. Havia artistas que faziam pelo menos dois espetáculos por noite nos clubes, cabarés e teatros. As prostitutas nos bordéis mais badalados ofereciam divertimento aos soldados alemães e aos cidadãos franceses.

Essa aparente normalidade da vida em Paris acabou gerando muitas críticas dos militantes da Resistência, dos não colaboracionistas e dos soldados que questionavam como os franceses podiam rir, dançar, cantar enquanto muitos dos seus companheiros deram a vida pela libertação da França e no mesmo momento que cidadãos franceses eram mortos e torturados (QUÉTEL, 2009, 116).

Esse contexto de críticas fez com que os manuais *Instructions for British Servicemen in France (1944)* e o *Instructions for American Servicemen in France (1944)* e *112 Grips about the French (1945)*, reforçassem a defesa do povo francês. Isso foi feito por meio de argumentações que diziam que os franceses estavam sendo obrigados a obedecer aos alemães e que esta diversão era apenas aparente, utilizada pela propaganda nazista para enfraquecer as relações entre os aliados.

Riding (2012) nos diz que primeiro, apesar de controlada, era estratégia de Hitler fazer com que a aparência de normalidade fosse sentida pela população. Segundo, muitos artistas aproveitaram essa época para aumentar suas apresentações, e terceiro, os próprios parisienses desejavam que a vida noturna continuasse a florescer, pois proporcionava um clima de normalidade e gerava empregos.

Sobre os usos e costumes, os americanos reclamaram do pagamento dos 10% nos estabelecimentos, dizendo que aquela prática era uma extorsão. Também fizeram queixas que os franceses só sabiam falar o tempo todo, deixando entender que eles não tiveram nenhum papel de importância na guerra. Alguns americanos fizeram julgamentos da vestimenta dos franceses, enquanto outros, falavam sobre a falta de limpeza, reclamando que eles não tomavam

banho⁵⁶, apenas colocavam perfume exageradamente e que ficavam maior parte do tempo nos cafés.

A resposta dada pelo manual sobre o costume dos franceses de irem aos cafés foi argumentando que eles não iam apenas por diversão, mas que também fechavam negócios:

As mesmas pessoas não sentam nos cafés por todo o dia. Observe-as ir e vir. Eles trabalharam antes de sentar e irão trabalhar após levantarem. Muitas questões de negócios são tratadas em um café; e muitos acordos de negócios são fechados ali. Nós americanos não aprovamos o costume de frequentar o café. Nós não aprovamos um horário de almoço não apressado. Tudo isso significa que o costume francês é diferente do nosso. O Café é algo que nós simplesmente não temos nos EUA. Não é um bar. Não é um *saloon*. É mais como um clube. É o lugar onde um homem pode encontrar refúgio de um lar cheio e agitado. É onde amigos podem se encontrarem⁵⁷ (INFORMATION & EDUCATION DIVISION, 1945, p. 19 e 20).

Na última parte sobre os costumes dos franceses, o manual listou queixas dos americanos em relação a moral. Não foi a primeira vez que esta categoria apareceu. No outro manual para soldados americanos na França de 1944, já havia instruções sobre um comportamento de respeito que os soldados deveriam ter com as mulheres francesas. No *112 Gripes*, novamente apareceu os estereótipos criados pelos americanos em relação as francesas. Os soldados diziam: “As mulheres francesas são conquistas fáceis [...] as mulheres francesas são imorais, decaídas” (INFORMATION & EDUCATION DIVISION, 1945, p. 40 e 41).

Observamos que o Estado americano tentou desmistificar essas imagens da francesa no manual de 1944, porém, a presença destes estereótipos no *112 Gripes about the French (1945)* chamou atenção para uma ordem que já havia sido dada, o que demonstra mais uma vez este manual servindo de complemento ao outro e mostra a preocupação do Estado americano com

⁵⁶ Em relação ao mito de que os franceses não tomam banho, surgiu com o rei Luís XIV, monarca apelidado de rei sol, um dos maiores destaques do absolutismo na França que teve a fama que tomou apenas dois a cinco banhos na vida. Para disfarçar os odores, espalhava perfume pelo corpo e tomava o banho seco, apenas trocando de roupas e molhando o rosto. No período medieval, a igreja considerava o banho uma prática imoral quando praticado pelo simples prazer, o que acabou regulando o pensamento na época. Com a peste bubônica, epidemia que se alastrou na Europa no século XIV, os médicos passaram a recomendar menos banho por acharem que a doença poderia se espalhar ainda mais. A verdade é que o europeu de fato toma menos banho que o brasileiro, por exemplo. Mas a ideia que o soldado tinha de que os franceses não tomavam banho, vinha de estereótipos criados e também por causa das restrições da guerra, nem todos tinham condição de ter um bom sabão ou tinham água quente instalada. O estranhamento desse hábito foi mais um exemplo dos choques de culturas.

⁵⁷ Do original: “The same people don’t sit at the cafés all day. Watch them come and go. They worked before they sat down and they go to work after they leave. Many business negotiations are carried on at a café; and many business deals are concluded there. We Americans don’t approve of a leisurely lunch hour. All this means is that the French custom is different from ours”.

os casos de desrespeito as mulheres e de estupro que estavam ocorrendo ao longo da guerra, como vimos na seção anterior.

Seguindo nossa análise, a terceira categoria, “como viam seu inimigo” nos revelou a ideia que os americanos tinham dos alemães. São quatorze queixas que mostraram que os desentendimentos eram tão grandes que os soldados começaram a repensar as alianças.

Na reclamação setenta e um, os estadunidenses disseram: “Os alemães são pessoas mais fáceis de se lidar do que os franceses, pois os alemães são obedientes às leis”⁵⁸. Na setenta e três, os americanos continuaram a comparação: “os franceses são encenqueiros; os alemães são verdadeiramente pacíficos de coração”⁵⁹. Em seguida, na setenta e quatro, disseram claramente que preferiam os alemães: “Seríamos bem mais espertos se fôssemos aliados dos alemães e combatêssemos os franceses” (INFORMATION & EDUCATION DIVISION, 1945, p. 51-53).⁶⁰

A resposta do folheto foi lembrar aos soldados que quem tinha começado a guerra foram os alemães. Reforçava que eles eram os verdadeiros responsáveis pelos problemas, que só estavam obedecendo naquele momento porque eram prisioneiros, que eficiência não era somente produzir armas, mas buscar a paz, algo que a Alemanha não tinha almejado, ao contrário dos franceses, por quem os americanos não tinham motivos para lutar.

Além disso, como estratégias de instruções, mais uma vez o Estado americano usou o recurso do desenho ao invés da fotografia, trazendo ilustrações apelativas que faziam comparações da realidade do francês com o alemão, como observamos abaixo na figura 10, numa clara demonstração dada aos soldados que os franceses eram as vítimas. De um lado, temos uma família francesa abatida, passando fome, tristes, chorando pelos seus mortos, enquanto na outra ilustração, uma família alemã com boa aparência, robusta e feliz, aparentemente num passeio, usufruindo a vitória sobre a França.

⁵⁸ Do original: “The Germans are easier to get along with than the French, because the Germans are law-abiding”.

⁵⁹ Do original: “The French are trouble-makes; the Germans are really peaceful at heart”.

⁶⁰ Do original: “We’d be a lot smarter to be allies of the Germans and fight the French”

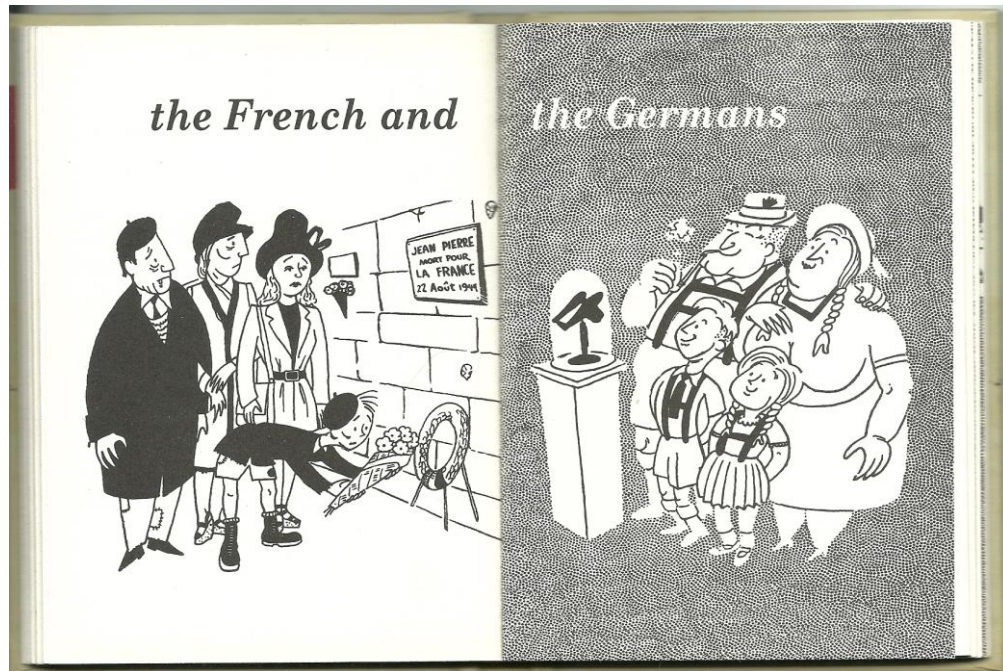


Figura 10 – Fonte: INFORMATION & EDUCATION DIVISION, **112 Gripes about the French (1945)**. PARIS, Of The US Occupation Forces, 1945.

Diante dos americanos dizerem em algumas queixas que preferiam combater os franceses ao invés dos alemães, demonstrou o quanto a relação estava desgastada a ponto dos soldados chegarem a repensar as alianças, mesmo depois de terem lutado contra os alemães. Os americanos realmente se sentiam decepcionados em relação à recepção dos franceses quando chegaram à Normandia, pois, quando os paraquedistas desorientados em meio à escuridão procuraram a ajuda de civis franceses, encontraram pessoas assustadas e histéricas. Aquela reação não era esperada pelos soldados, que tinham imaginado encontrar pessoas alegres e receptíveis (SCHEIJVERS, 1998, p. 124).

Como vimos, o manual *112 Gripes* foi escrito em 1945 para os soldados, num momento em que a França já tinha sido libertada, portanto, não deveria mais ser função do Estado instruir novamente os soldados sobre os valores que estavam em jogo e muito menos lembrá-los quem era o verdadeiro inimigo. Os questionamentos dos combatentes nos mostraram que as ordenações dadas no manual de 1944 em relação ao comportamento, aos choques culturais não estavam incutidas e que os alertas sobre o inimigo não foram levados em consideração.

O “mercado negro” foi outro ponto colocado como queixas do soldado americano no manual *112 Gripes*. Como vimos na terceira seção, consistia num mercado ilegal de produtos racionados durante a guerra e que gerou muitos problemas. Com todas as mobilizações da indústria durante o conflito, ocorreu o racionamento de todos os tipos de produtos.

No entanto, como uma forma de burlar essas restrições, a população que tinha condições financeiras acabava comprando produtos restritos a um preço bem mais alto, que só os ricos poderiam pagar. Isso prejudicava o controle e muitos gêneros não iam parar nas mãos do restante da população, o que tornava o sistema inerentemente injusto, já que as mercadorias tinham um valor cinco vezes maior que a original.

Na França, o “mercado negro” foi muito usado devido à escassez de alimentos, sobretudo, por conta da ocupação alemã que usufruía da maior parte dos produtos produzidos. Porém, mesmo após a prisão dos nazistas, os franceses continuaram fazendo uso do mercado ilegal. Os soldados no manual *112 Gripes* fizeram questionamentos criticando esta prática, caracterizando como um ato deplorável. Como resposta, mais uma vez o folheto defendeu os franceses, afirmou que eles também pensavam assim, que só faziam uso por conta da dominação alemã, justificando:

A França ainda está atordoada, insegura, desmoralizada da guerra e seus efeitos. É difícil para nós reconhecer o terrível preço que a guerra cobrou da França. É difícil para nós perceber o quão profundamente a estrutura econômica e política da França foi abalada pelos eventos de 1940 a 1945. A França está cansada, faminta, desencorajada, pobre, fraca. Os franceses viram seu país ser derrotado. Eles viram alguns de seus líderes e heróis vendê-los. Eles odeiam tudo isso mais do que nós. Eles tiveram que conviver com isso.
⁶¹ (INFORMATION & EDUCATION DIVISION, 1945, p. 74).

Entretanto, nem todos os franceses pensavam assim. Não era isso que os ricos e nobres moradores da França ponderavam ao se aproveitarem para continuar adquirindo produtos mesmo após a derrota da Alemanha. Não era isso que muitos franceses acreditavam ao colaborarem durante anos com a Alemanha e ao defenderem o regime fascista de *Vichy*.

Assim, o que ficou claro é que o manual tentou de todas as formas defender os franceses, até mesmo quando não existiam justificativas. Não queremos dizer que toda a França apoiou a Alemanha. Havia aqueles, como já vimos com o movimento da resistência, que lutaram contra os ditames nazistas. Mas, a problematização está na ideia que o manual quis mostrar, de uma França abalada, pobre, fraca, quando a História prova que não foi totalmente assim.

Isso fica evidente numa outra queixa dos soldados americanos, na de número noventa e três, quando diziam: “Os franceses não têm movido uma palha para parar as viagens de lazer”.

⁶¹ Do original: “France still “punch-drunk”, uncertain, demoralized from the war and the effects oh the war. It is hard for us to realize the appalling toll which the war took from France. It is hard for us to realize how profoundly the entire economic and political structure of France has been shaken by the events from 1940-1945. France is tired, hungry, discouraged, poor, weak. The French saw their country defeated. They some of their leaders and heroes sell them down the river. They hate all this more than we do. They have to live with it”.

Assim, fica o questionamento: onde estava a França abalada, fraca e pobre? Onde estavam quando durante a ocupação de Paris fervilhou de espetáculos para os nazistas?

Não é nosso objetivo neste trabalho, analisar a França durante a ocupação, ou colaboração ou não dos franceses, mas perceber que os manuais, *Instructions for American Servicemen in Britain* (1942), *Instructions for American Servicemen in France During World War II* (1944) e *112 Grips about the French* (1945), serviram de um instrumento conveniente para os Estados Unidos.

Observamos que os manuais foram estrategicamente elaborados com a intenção de reproduzir seus interesses, num jogo de ideias. Quando era conveniente, os americanos eram instruídos de que eram os libertadores, quando não, que eles não foram responsáveis por libertar a França, mas que com ajuda dos franceses garantiram a paz mundial. No momento que era do interesse dos americanos, a França foi uma pobre coitada, a fim de justificar atos errôneos dos franceses, como a compra de produtos no mercado ilegal, já em outros momentos, era uma nação forte que ajudou na expulsão dos alemães.

Comparando com o manual destinado a Grã-Bretanha, os americanos caracterizaram o país como o berço da democracia, mas quem eram os representantes da liberdade democrática eram os americanos, quem estava fornecendo a comida aos britânicos e franceses, era o “Tio Sam”, mas os soldados não deveriam se gabar disso. Percebemos pelas respostas do Estado norte-americano que os manuais mostravam e defendiam o que era de acordo com os interesses dos Estados Unidos.

Ao contrário dos outros manuais produzidos pelos estadunidenses, o *112 Grips about the French* possuiu uma estratégia educacional diferente. Teve a função de ser ainda mais claro e direto que os outros três folhetos (*Instructions for American Servicemen in Britain*, *Instructions for British Servicemen in France* e *Instructions for American Servicemen in France*) produzidos pelos Aliados.

A metodologia adotada, listando queixas dos soldados em formas de perguntas, deu um tom muito mais enfático ao manual, repetindo instruções que já tinham sido dadas no folheto destinado aos soldados que foram para França. Porém, sua maior diferença foi o fato que o *112 Grips* admitiu os desentendimentos entre os combatentes, como podemos perceber logo na introdução:

Enquanto a realidade do cotidiano pós-libertação se definia, a afeição da população local por seus libertadores continuou a diminuir. [...] Os franceses se ressentiam dos americanos por seu comportamento impertinente e sua relativa riqueza. Além disso, foi descoberto nos anos recentes o quão generalizado foi o uso de violência, estupros e prostituição pelas forças americanas. Os americanos, por outro lado, achavam os franceses orgulhosos

e ressentidos, seus hábitos e costumes eram difíceis de entender⁶² (INFORMATION & EDUCATION DIVISION, 1945, p. 04).

O temor de uma rápida deterioração das relações entre franceses e soldados americanos tomou os oficiais do exército. Algo precisava ser feito. Os generais americanos reagiram encomendando este livreto que buscou abordar diretamente as queixas mais comuns feitas pelos soldados sobre a população local e modificar a forma com que os soldados enxergavam os franceses.

Assim, o *112 Gripes* teve a intenção de reforçar ordenações já feitas, por isso vemos como um complemento do manual *Instruções para Soldados Americanos na França (1944)*. Além disso, também observamos que serviu como um contraponto por trazer uma metodologia diferente e, sobretudo, por admitir os desentendimentos entre as tropas e os problemas da guerra.

Dessa maneira, através de explicações e defesas dos franceses, o livreto tentou sanar os desentendimentos entre os americanos e franceses, a fim de manter as alianças, num período em que o fortalecimento das relações ainda eram necessárias.

⁶² Do original: “As the reality of post-liberation daily life set in, the affection of the local populace for their liberators continued to wane. There were food shortages and difficulties in obtaining basic supplies. The French resented the Americans for their brash behavior and their relative wealth. Moreover, it has emerged in recent years just how widespread rape, violence and the use of prostitutes by the American forces were. The Americans, on the other hand, found the French proud and resentful, their habits and customs difficult to understand”.

CONCLUSÃO

Ao decorrer desta pesquisa, compreendemos que diante de um conflito mundial que explorou todos os campos, as ideias não ficaram de fora. Como parte de um verdadeiro esforço, os Aliados investiram fortemente na propaganda contra o Eixo. Essa propaganda incluiu cinema, cartazes, rádio e livros, demonstrando uma guerra em que o psicológico foi tão importante quanto o físico, marcado por disputas ideológicas. Percebendo isso, os Aliados criaram manuais de guerra como instrumentos de propaganda contra o inimigo e como um fortalecimento das alianças formadas.

O estudo desses manuais dentro da História da Educação nos possibilitou analisar estes folhetos como suportes pedagógicos, usados pelos EUA e Grã-Bretanha para tentar desmistificar os estereótipos criados do aliado, manter a união na guerra, alertar contra as sabotagens do inimigo, e apresentar o país para o qual o soldado foi enviado a fim de tentar evitar os conflitos culturais, o estranhamento diante do comportamento do outro.

Na construção desses folhetos, foram utilizadas ferramentas educacionais a fim de tentar com que o soldado adotasse o comportamento idealizado pelo Estado. Estas estratégias incluíram um direcionamento nas ordens, uma clareza nas determinações, o uso da História dos países a fim de elevar a moral, munir os soldados de todo conhecimento possível sobre o país que ele não conhecia e usaram a comparação entre as realidades dos combatentes para apresentar o aliado.

Na análise desses manuais, compreendemos que estes folhetos fizeram parte de um projeto de educação pensado pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha, pois, para cada país que o soldado foi enviado, existia um manual com especificidades dos costumes do habitante local. Como vimos, foi algo planejado, afinal os Estados poderiam em conjunto criar manuais com orientações gerais de como se comportar num país estrangeiro. No entanto, eles reconheciam que o inimigo era comum, mas a cultura não e por isso se preocuparam com as particularidades.

Assim, concluímos que além de um combatente eficiente militarmente, os Estados tentaram formar o soldado cidadão cosmopolita, aquele que deveria representar a imagem de sua pátria, se adaptar à realidade que era diferente da sua, projetando o comportamento idealizado pelos Estados americano e britânico.

Por esse motivo, Grã-Bretanha e EUA se preocuparam com as boas maneiras dos militares nas casas dos estrangeiros, nos entretenimentos, nos esportes, nas igrejas, nos transportes, nos comentários políticos, em saberem a história e geografia do país. Tudo isso com a intenção de que os combatentes propagandassem a imagem de países civilizados,

representantes da liberdade e democracia, servindo como contrapropaganda aos regimes fascistas.

Ressaltamos que além de terem lutado na linha de frente, os recrutados exerceram outros papéis, como trabalhador em fábrica, enfermeiro, mecânico, piloto, motorista de caminhão, que tiveram de lidar diretamente com o público local, por isso deveriam manter a melhor relação com os habitantes, a fim de que pudessem ter uma colaboração da população civil do país em que estavam atuando.

Observamos que a criação dos manuais ocorreu em meio ao mau comportamento dos soldados, que ia desde a corrupção, saques, estupros e desentendimentos entre americanos, britânicos e franceses. Além disso, houve uma crise moral nos combatentes, pois muitos foram civis que tiveram que se transformarem em militares, o que gerava em alguns, casos de neurose psiquiátrica, devido aos horrores que viam no conflito, além das constantes deserções e da violência generalizada. A má conduta de muitos americanos e britânicos levou a contradições entre a imagem do soldado cordial que deveria ser obedecida e a realidade do comportamento destes combatentes nos anos de guerra.

O último folheto analisado, o *112 Gripes about the French (1945)* nos possibilitou fazer um contraponto entre as ordens dadas anteriormente pelos Estados no manual *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)* e a conduta dos soldados. Apesar de ter retratado apenas a relação entre os soldados estadunidenses com os franceses, mostrou a necessidade do Estado americano de reforçar as instruções já dadas e de utilizar novas estratégias educacionais, com outra metodologia, baseada em perguntas e respostas, ainda mais direto que o anterior, para tentar diminuir os desentendimentos entre os combatentes e melhorar a imagem dos soldados americanos, vistos como beberões, estupradores e saqueadores.

O estudo do *112 Gripes (1945)* ainda nos ajudou a perceber a importância como um suporte pedagógico na medida em que mesmo com outros manuais criados anteriormente, os choques culturais, os problemas gerados pela guerra e falta de união entre os aliados continuavam existindo. O manual também demonstrou a preocupação dos estadunidenses em criar estratégias para galgar sua supremacia mundial. Para os Estados Unidos, o bom comportamento dos soldados era necessário, a fim de propagandear os ideais e a cultura que os americanos queriam difundir no novo mundo que iria se formar após o conflito.

Não tivemos acesso à informação se a Grã-Bretanha produziu um manual semelhante, listando queixas dos soldados britânicos em relação aos franceses. Porém, o testemunho de Marc Bloch na obra *A Estranha Derrota* (2011), mostrou os casos de atritos entre os ingleses com os franceses, comprovando que não eram fatos isolados dos americanos. Através das

bibliografias e das fontes consultadas, percebemos que numa guerra com tantas restrições, os estresses e os desentendimentos foram algo corriqueiro entre os próprios membros das tropas e com a população civil.

O uso da História Comparada nesta dissertação nos possibilitou estudar três realidades próximas, Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, observando as alianças formadas. Além disso, vimos que as tensões e choques entre os soldados aliados não foram incomuns, algo que se fôssemos estudar isoladamente dificilmente perceberíamos. Também, nos possibilitou compreender que as muitas semelhanças entre os manuais, a começar pelo próprio formato de livro de bolso e a seleção de conteúdo, fizeram parte de uma estratégia de educação para os soldados pensados pelos Estados americano e britânico. Além disso, o método comparativo nos atentou para as influências mútuas entre os manuais.

Com um estudo isolado, não conseguiríamos observar as analogias entre os folhetos que vieram de trocas entre Estados Unidos e Grã-Bretanha, como fruto da aliança formada para combater o Eixo. Também, dificilmente iríamos perceber as singularidades de cada manual, que ocorreram devido às diferenças entre as culturas.

Porém, ressaltamos que a nossa documentação não nos possibilitou dizer quantos soldados tiveram acesso a estes manuais, se houve eficácia na entrega ou se todos os combatentes que receberam se empenharam na leitura. Só um mergulho em novas fontes talvez possa responder a estes questionamentos e a partir de então, chegar a uma conclusão se os manuais funcionaram ou não. Entretanto, na nossa pesquisa, observamos a importância destes folhetos como suportes pedagógicos, na medida em que tentaram moldar a conduta dos combatentes através de estratégias educacionais.

Esperamos com esta dissertação, fomentar discussões sobre os manuais pesquisados e contribuir para a historiografia e para a História da Educação. Sem dúvida, o fato de termos encontrado outros folhetos produzidos pela Grã-Bretanha e Estados Unidos que não abordamos nesse estudo, trouxe novos questionamentos que ainda não foram elucidados, o que nos motiva a continuar problematizando e buscando novas respostas.

REFERÊNCIAS:

Fontes:

BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE. **Instructions for British Servicemen in France**. London, 1944.

INFORMATION & EDUCATION DIVISION. **112 Grips about the French**. PARIS, Of The US Occupation Forces, 1945.

WAR DEPARTMENT. **Instructions for American Servicemen in Britain**. Washington, D.C., 1942.

ARMY SERVICES FORCES UNITED STATES. **Instructions for American Servicemen in France During World War**. Chicago, 1944.

Artigos e livros:

ABREU, Ricardo de Nascimento. **Os Oficiais do Exército Brasileiro e a Formação da Elite Intelectual Sergipana no Século XIX (1822-1889)**. 2006. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco. **O governo provisório de Hitler** – a criação do Estado Fascista Francês e a perseguição aos judeus. Rio de Janeiro: Revista Nacional de História Militar, nº14, agosto de 2014.

AMBROSE, Stephan. **Soldados Cidadãos: do desembarque do exército americano nas praias da Normandia à batalha das Ardenas e rendição da Alemanha, 7 de junho de 1944 a 7 de maio de 1945**. Tradução: Milton Chaves de Almeida. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Bertrand Brasil, 2010.

ASIS, Raquel Anne Lima de. **Inteligência, sabotagem e resistência: História Comparada dos serviços de espionagem norte-americano e britânico na Segunda Guerra Mundial (1939-1945)**. 2017. 133f. Dissertação (Mestrado em História Comparada)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BARROS, José D' Assunção. História Comparada – Um novo modo de ver e fazer a história. **Revista de História Comparada**. Vol. 01, número 01, jun./2007.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Tradução: André Teles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. Por una historia comparada de las sociedades europeas. In: GODOY, Gigi; HOURCADE, Eduardo. **Marc Bloch: una historia viva**. Estudio preliminar y seleccion de textos. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.

CASTRO, Celso. **Nova História Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: editoria FVG, 2004.

CAPELATO, Maria Helena. **Propaganda política e construção da identidade nacional coletiva**. Revista Brasileira de História. São Paulo: USP, v. 16, n.31 e 32, p. 328-352, 1996.

CORVISIER, André. **A Guerra**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1999.

CECCHIN, Cristiane; CUNHA, Maria Teresa Santos. Tenha modos! Educação e sociabilidades em Manuais de Civilidade e Etiqueta (1900 – 1960). **X Simpósio Internacional: O Processo Civilizador**. ISBN: 978-85-99688-02-1. Campinas, 2007.

CHARTIER, Roger. **As utilizações dos objetos impresso**. Lisboa: Difel, 1998.

_____. **Inscriver & apagar: cultura escrita e literatura**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CLAUSEWITZ, Carl. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

/

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2011. 1v.

_____. **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993. 2v.

GONÇALVES, Williams da Silva. A Segunda Guerra Mundial. In: FILHO, Daniel Aarão. FERREIRA, Jorge. ZENHA, Celeste (org). **O século XX**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005, p. 165-193.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991**. Tradução Marcos Santarrita. Revisão Técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SÃO JOSÉ, S. Elisson. **As Armas e as Letras Inglesas: A Instrução Militar e o Ensino de Inglês na corte do Rio de Janeiro (1810-1832)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução: Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep, 1996.

LEÃO, Andréa Borges. **Norbert Elias & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MANCUSO, Amanda Pinheiro. **A História Militar: notas sobre o desenvolvimento do campo e a contribuição da história cultural**. Rio de Janeiro: Revista Nacional de História Militar nº05, agosto de 2011.

MANNING G. Molly. **Quando os livros foram à Guerra: as Histórias que ajudaram os Aliados a vencer a Segunda Guerra Mundial**. Tradução: Carlos Szlak, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Grua, 2010.

MAYNARD, Andreza. O uso político dos personagens da Disney e a aproximação Brasil/Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. In: SCHURSTER, Karl; SILVA, Francisco C. T. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p. 745-766.

MASSON, Philippe. **A Segunda Guerra Mundial: História e estratégias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, Ana Claudia. **As mulheres de Churchill: Análise da participação feminina na Marinha e Aeronáutica Britânicas Durante a Segunda Guerra Mundial**. 2015, 191f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PRADO, Maria . C. . Ser ou não ser um bom vizinho: a América Latina e os Estados Unidos durante a Guerra. **Revista USP**. São Paulo: USP, n.26, p. 52-61, jun-ago, 1995. (Dossiê Segunda Guerra).

PECEQUILO, Cristina Sorenau. **A Política Externa dos Estados Unidos**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2011.

PINHEIRO, Letícia. **A Entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial**, in: Revista USP. São Paulo, n°26, Junho-Agosto, 1995, pp. 109-117.

PONTE, Helder. **A História Comparada**. In: Um Pouco de Historiografia. Disponível em: <http://umpoucodehistoriografia.blogspot.com.br/2007/05/45-histria-comparada.html>. Último acesso: 17/06/2014 às 18:01.

PROST, Antonie. Os fatos e a crítica histórica. In: PROAST, Antonie. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica 2014, p.53-73.

QUÉTEL, Claude. **As mulheres na guerra (1939-1945)**. Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo: Lourusse do Brasil, 2009.

QUITZAU, Evelise; SOARES, Carmen Lúcia. **Um manual do século XVIII: culto à natureza e educação do corpo em Ginástica para a Juventude**, de Guts Muths. Revista Brasileira de História da Educação, v. 16, n. 1. Janeiro/Março, 2016.

RESENDE, Erica Simone Almeida. **Americanidade, Puritanismo e Política Externa: a (re)produção da ideologia puritana e a construção da identidade nacional nas práticas de política externa norte-americana**. São Paulo: USP, 2009.

RIDING, Alan. **Paris – A Festa Continuou: A vida cultural durante a ocupação nazista (1940-4)**. Trad. de Celso Nogueira e Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCHRIJVERS, Peter. Part II: The Soldiers. In: **The Crash of ruin: American combat soldiers in Europe during World War II**. U.S.A.: New York University Press, 1998, p. 29-49.

_____. Part III: The Civilians. In: **The Crash of ruin**: American combat soldiers in Europe during World War II. U.S.A.: New York University Press, 1998, p.124-131.

THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. **História Comparada: Olhares Plurais**. Revista de História Comparada, v.1, n.1, p.1-21, jun. 2007.

TOTA, Pedro. Segunda Guerra Mundial. IN: MAGNOLI, Demétrio. Histórias das Guerras Org. **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2011.

ISOLAN, Flaviano. A guerra pelos cinemas: o cinema como instrumento da política externa alemã para o Brasil. In: SCHURSTER, Karl; SILVA, Francisco C. T. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p. 607-721.